

SAMAEL AUN WEOR

CURSO ESOTÉRICO

DE

MAGIA RÚNICA

INTRODUÇÃO

Escrevo o Quinto Evangelho, ensino a Religião-Síntese que foi a religião primitiva da humanidade, a Doutrina de Jano ou dos *Jinas*.

Esta é a Religião-Sabedoria dos antigos Colégios Sacerdotais, *gimnosofistas* ou *Jinas* solitários da Ásia Central, johannes, xamãs, ascetas egípcios, pitagóricos antigos, rosacruz medievais, templários, maçons primitivos e demais irmandades esotéricas mais ou menos conhecidas cuja lista, se fosse compilada, ocuparia dezenas de páginas.

Esta é a doutrina secreta dos Cavaleiros do Santo Grial; esta é a pedra viva de Jacó, o *lápiz eletrix (magnes)* explicado dialeticamente.

Sem o Quinto Evangelho os outros quatro ficam velados, secretos. Escrevo para rasgar o véu de Ísis.

É urgente revelar para ensinar. É necessário predicar o Evangelho do reino em todas as nações do mundo.

Predicar sem revelar equivale a não ensinar. Precisamos explicar os quatro Evangelhos com o quinto.

O Evangelho do Reino não foi predicado jamais, porque nunca foi explicado.

Os quatro Evangelhos estão em chaves e por isso ninguém jamais pode explicá-los essencialmente; com o quinto Evangelho resplandece a luz nas trevas.

Aqui vai, pois, um livro mais do Quinto Evangelho.

“Ao que sabe a palavra dá poder; ninguém a pronunciou, ninguém a pronunciará, senão e tão somente aquele que a tem encarnada”.

Paz Inverencial
Samael Aun Weor

CAPÍTULO I

A MÃE DIVINA E OS DEUSES SANTOS

... “Virgem Mãe”, Filha do teu “Filho”, a mais humilde e a mais excelsa de todas as criaturas; expressão determinante da “Vontade Eterna”.

Tu és “Aquela” que de tal modo enobreceste a humana natureza, que o seu “Criador” não desdenhou em converter-se na sua própria “obra”... no teu seio abrasou o “amor”, cujo ardor fez germinar esta flor na “eterna paz”.

Tu és aqui para nós, o “Sol Meridiano da Caridade”, e em baixo, para os mortais, “vivo manancial de esperança”... és tão excelsa, “Senhora” e tanto amparas, que todo aquele que deseje alcançar alguma graça, se a “Ti” não recorre, quer que o seu desejo voe sem alma.

A Tua bênção não somente socorre ao que te invoca, senão que muitas vezes se antecipa à súplica... em Ti se reúnem a misericórdia, a piedade, a magnificência e tudo quanto de bom existe na criatura.

... este que da mais profunda lagoa do universo, até aqui viu uma a uma todas as existências espirituais, suplica-te que lhe concedas a graça de adquirir tal virtude, que possa elevar-se com o olhar até à “Saúde Suprema”.

E eu que nunca desejei ver mais do que desejo que “Ele” veja, dirijo- Te todos os meus rogos e suplico-Te que não sejam vãos, afim de que dissipes com os Teus, todas as trevas procedentes da sua condição mortal, de tal sorte que possa contemplar abertamente o sumo deleite... e rogo-Te também oh “Rainha”, a quem tudo é concedido, que conserves puros os meus afectos depois de tanto ver; que a Tua custódia triunfe dos impulsos das paixões humanas... olha a Beatriz, como junta as suas mãos com todos os Bem-aventurados para unir as suas preces às minhas”. (Dante Alighieri)

... “Oh, Ísis! Mãe do Cosmo, raiz do amor, tronco, botão, folha, flor e semente de tudo quanto existe. A Ti força vivificante da Natureza, Te invocamos. Chamamos à Rainha do espaço e da noite, e beijando os seus olhos amorosos, bebendo o orvalho dos seus lábios, respirando o doce aroma do seu corpo; exclamamos: oh Nut! Tu eterna Seidade do céu, que És a alma primordial, que És o que foi e o que será.

Ísis, a quem nenhum mortal levantou o véu; quando estiveres sob as estrelas radiantes do nocturno e profundo céu do deserto, com pureza de coração e na chama da serpente, Te chamamos!” (Ritual Gnóstico).

“Glória, Glória à Mãe Kundalini; que por meio da sua infinita graça e poder conduz o Sadhaka de chacra em chacra, e ilumina o seu intelecto, identificando-o com o Supremo Brahman. Possam as suas bênçãos alcançar-nos!” (Sri Swami Sivananda).

... Não foi por acaso, Enéias, filho do herói Anquises e da deusa Vénus?

Quantas vezes se mostrou a Mãe Divina, favorável aos Troianos, inclinando também em favor destes a vontade de Júpiter, (o Logos Solar), Pai dos deuses e dos homens?

Oh Éolo! Senhor do vento; tu que possuis o poder de apaziguar e de encrespar as ondas do imenso mar; tu que submergistes parte da frota Troiana entre as embravecidas ondas; diz-me: que seria de ti sem a tua Divina Mãe Kundalini? De onde retirarias tu, tão grande poder?

Oh Neptuno! Senhor das sublimes profundezas marinhas; tu poderosa Divindade, ante cujo olhar divino, os ventos estremecem e gemem, e se apaziguam os furiosos elementos; podes por acaso negar que tens uma mãe? Oh Senhor das profundezas! Tu

bem sabes que sem Ela, não empunharias na tua dextra esse formidável tridente, que vos confere o poder sobre os espantosos recônditos do Abismo.

Oh Neptuno! Venerável Mestre da Humanidade, tu que destes aos povos da submergida Atlantida tão sábios preceitos, recorda-nos Grande Senhor, a todos os que te amamos.

Quando o Aquilão levanta as ondas ao céu e uns naufragos se veem elevados até aos astros, enquanto outros se sentem submergir-se entre os abismos, não há outra esperança senão a tua misericórdia.

O Austro, (o vento do Sul) empurra os barcos contra os ocultos rochedos submersos e o Euro, (o vento do Leste) precipita-os, contra a costa, envolvendo-os em areia e quebrando-os contra escarpadas a pique; porém tu, Senhor Neptuno, salvas a muitos que nadam, e logo tudo fica em silêncio.

As grutas das misteriosas paragens em que habitam as ninfas marinhas conservam a lembrança das tuas obras, oh poderosa Divindade!

Vós, os que haveis conhecido os perigos do oceano tempestuoso da vida, a terrível raiva de Escila, de perigosos recifes; as rochas dos ciclopes vigilantes, o duro caminho que conduz ao Nirvana e os combates de Mara, o tentador com as suas três Fúrias; nunca cometais o delito da ingratidão; nunca esqueçais a vossa Divina Mãe.

Bem-aventurados os que compreendem o “Mistério” da sua própria Mãe Divina. Ela é a raiz da sua própria Mônada; no seu seio imaculado é gestado o “Menino” que leva nos seus braços, o nosso Buda Íntimo.

Vénus, descendo dos elevados cumes, disfarçou-se de caçadora para visitar o seu filho Enéias, o herói Troiano, com o são propósito de orientá-lo para Cartago onde reinava florescente a rainha Dido, aquela que depois de ter jurado fidelidade às cinzas de Siqueu, se matou por paixão.

A Adorável tem o poder de se fazer visível e tangível no mundo físico, quando assim o quiser.

Oh mortais ignorantes! Quantas vezes, meu Deus, haveis sido visitados pela vossa Divina Mãe e, contudo não a haveis reconhecido.

Que ditoso fostes, oh ilustre cidadão da soberba Ilião, quando a tua adorável Mãe te cobriu com a sua nuvem protectora para tornar-te invisível!

Vós os que cobiçais poderes mágicos, por acaso ignorais que a vossa sagrada Mãe é onnipotente?

Oh! Senhora minha! Só o cantor Iopas com a sua longa cabeleira e a sua cítara de ouro, poderia cantar as tuas bondades.

CAPÍTULO II

UNIVERSOS PARALELOS

Uma hipótese audaz sugere que existe um Universo fantasma semelhante ao nosso; somente existe uma interacção muito débil entre estes dois Universos, de modo que não vemos esse outro Mundo que se mistura com o nosso.

O Gnosticismo científico revolucionário vai muito mais longe nesta questão, afirmando enfaticamente a coexistência harmoniosa de uma infinidade de *Universos Paralelos*.

A exclusão radical deste conceito científico transcendental deixaria sem explicação lógica uma série considerável de factos inqualificáveis, como por exemplo, os desaparecimentos misteriosos, etc.

Nas perfumadas e deliciosas ribeiras, afluentes do rio, que alegre e feliz cantarim desliza por entre as selvas profundas de uma das regiões tropicais da América do Sul, um grupo de inocentes crianças viu horrorizado desaparecer uma das suas própria Mães; flutuou no espaço por uns instantes e logo pareceu submergir-se noutra dimensão.

“Um dia de verão do ano de 1809, Benjamim Bathurst, embaixador de Inglaterra na Corte Austríaca, encontrava-se numa pequena cidade Alemã, O seu coche deteve-se em frente de uma estalagem. O embaixador apeou-se e caminhou uns passos; os cavalos por momentos ocultaram-no, foi então que o estalageiro deixou de vê-lo, assim como os seus criados, tal como outros viajantes que se encontravam aí. Nunca mais foi visto”.

Por esta época azarada da nossa vida, os desaparecimentos misteriosos de homens, mulheres, crianças, barcos, aviões, etc., multiplicam-se escandalosamente, apesar dos serviços secretos e dos maravilhosos equipamentos de radar e de rádio, que teoricamente não deveriam dar-se ao luxo de permitir mistérios neste domínio.

O conceito de Universos Paralelos vem a ser com clareza, mais exacto e mais científico do que esses famosos planos subjectivos do pseudoocultismo reaccionário.

Una análise de fundo levar-nos-ia à conclusão lógica de que tais Universos existem não só nas dimensões superiores do Espaço, como ademais nas infra-dimensões submergidas.

De nenhuma maneira vem a ser absurdo a afirmação contundente, que dentro de cada “universo paralelo” existem séries de universos; chamemos-lhes átomos, moléculas, partículas, células, organismos, etc.

Por favor, caro leitor, tenha a bondade de reflectir e compreender; aqui não estamos a falar de Universos de Anti-matéria, que é algo distinto; esta obedece exactamente às mesmas leis que a nossa Matéria, porém cada uma das partículas que a compõem tem uma carga eléctrica inversa à Matéria que conhecemos.

Dentro do seio profundo do “*Espaço-mãe*” existem milhões de Galáxias constituídas por Anti-matéria; porém elas também têm os seus “universos paralelos”.

Nenhum físico ignora que este Universo no qual vivemos, actuamos e morremos, existe graças a certas constantes: velocidade da luz; constante de Planck; número de Avogrado, carga elementar electro-volte; energia em repouso de um corpo de um kg. de massa, etc.

Quando um Universo possui constantes radicalmente diferentes, vem a ser totalmente estranho e inimaginável para nós. Mas se as diferenças não são muito grandes, as interferências com o nosso mundo tornam-se possíveis. Os sábios do nosso mundo inventaram um espelho mágico assombroso: o acelerador de prótons. As manifestações do Universo Paralelo, nosso vizinho, situado na 4ª. Dimensão vêm a ser realmente assombrosas.

Causa perplexidade, indecisão, incerteza, o comportamento extraordinário de certa partícula misteriosa chamada “mesão K”. Três cientistas chineses que residem e trabalham nos Estados Unidos: Lee, Yang e a Senhora Wu, descobriram com assombro e surpresa que a lei de conservação da paridade não se cumpre com os Mesões K.

Esta admirável, espantosa e portentosa descoberta veio a demonstrar que o Mesão K se comporta de forma estranha porque é perturbado por forças maravilhosas e extraordinárias de um “universo paralelo”.

Os cientistas modernos aproximam-se perigosamente da Quarta Dimensão e até procuram perfurá-la com a ajuda do Neutrino.

O Neutrino é prodigioso, portentoso, espantoso, possui a capacidade de atravessar uma espessura infinita de matéria sem reacção apreciável.

Os Fótons ou grãos de luz podem vir do inalterável Infinito, porém basta uma delicada folha de papel para os deterem; em contrário, o Neutrino pode atravessar totalmente o planeta Terra como se fosse o vazio. É com toda a clareza o agente indicado para penetrar no universo paralelo vizinho.

Faz algum tempo, que o famoso cientista italiano, Bruno Pontecorvo, se propôs construir um telescópio de Neutrinos; a sua ideia foi surpreendente, portentosa; com tal instrumento óptico e revolucionário poder-se-ia penetrar no universo paralelo vizinho.

Com certeza vem a ser admirável saber que os Mesões, cujo estranho comportamento permitiu aos cientistas chineses colocarem a hipótese dos “universos paralelos”, se obtêm nas desintegrações com emissões de Neutrinos.

Os “universos paralelos” interpenetram-se mutuamente sem se confundirem, cada um possui o seu espaço, que não é o nosso âmbito.

O Gnosticismo científico, revolucionário vai muito mais além das simples hipóteses e suposições, afirmando solenemente a existência dos “universos paralelos”.

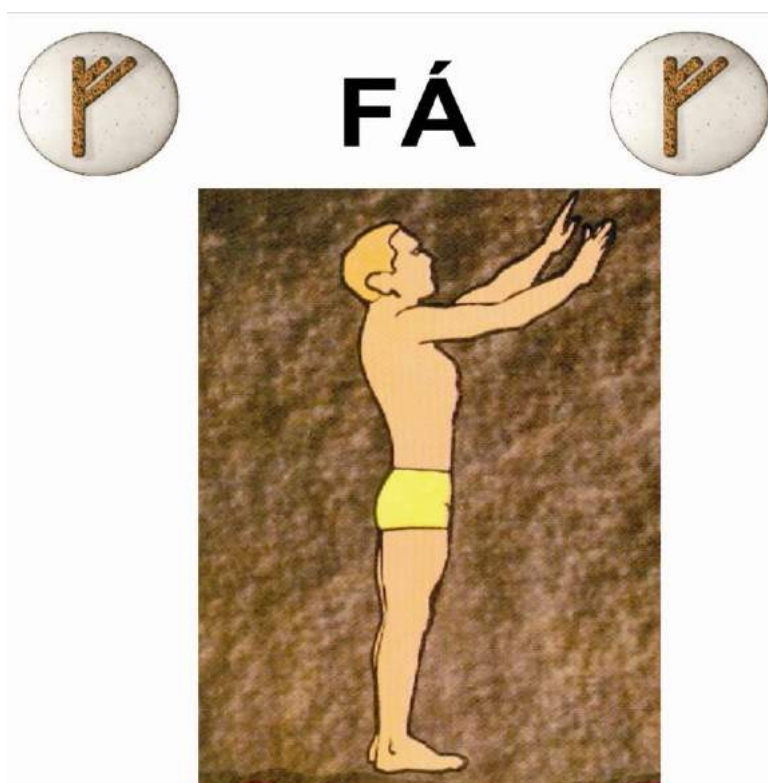
Os estudantes do esoterismo precisam de uma revolução cultural espiritual; essa questão de planos e sub-planos é matéria ou tema que ademais de nunca ter sido clara e objectiva, conduziu à confusão.

É urgente modificar o léxico esoterista, precisa-se de um novo vocabulário ocultista, uma linguagem revolucionária especial que sirva exactamente à ideologia de Aquário.

Em vez dos apelidados planos metafísicos e tantas empoladas teorias, é melhor falar de “Universos Paralelos”.

CAPÍTULO III

RUNA «FA»



Amado
leitor, nas nossas
precedentes

“*Mensagens de Natal*” dissemos de forma muito solene, que o pobre “animal intelectual” é tão só uma crisálida dentro da qual deve formar-se e desenvolver-se isso que se chama “*Homem*”.

“*Fogo Solar*” é evidentemente o que se necessita para fazer e desenvolver dentro de nós próprios essa disponibilidade ao “*Homem*”.

Fohat é a força geradora, o fogo central vivente e filosofal que pode originar dentro da biologia do animal racional, o autêntico e legítimo “*mutante*”, o “*Homem*” real e verdadeiro.

Existem muitas classes de fogo; lembremo-nos, por exemplo, das luzes de S. Telmo, durante uma tempestade.

É bom recordar-nos daquela misteriosa coluna de fogo, que pela noite, guiava os Israelitas no deserto.

É útil trazer à memória esses meteoros estranhos que a seu modo a Física cataloga sob o nome de fogos-fátuos nos cemitérios. Existem muitas reminiscências sobre raios em forma de bola, meteoros-gato, etc.

H. P. Balavatsky na sua monumental obra intitulada, *A Doutrina Secreta*, faz alusão a esse fogo sagrado de Zoroastro, ou o *Atash Behran* dos Parsis; naquele parágrafo que menciona: «o *Caos dos Antigos*».

Que inefável vêm a ser as palavras de H. P. B., quando fala do fogo de Hermes! São notáveis as explicações desta grande mártir do século passado, (*século XIX*), quando nos faz recordar o fogo de Helmes dos antigos Germânicos; o Relâmpago fulgurante de Cibele, a tocha de Apolo, a Chama do altar de Pan, as chispas brilhantes dos chapéus dos Dióscuros, na cabeça das Gorgonas, no elmo de Palas e no caduceu de Mercúrio. Que sublime foi o fogo inextinguível no templo de Apolo e no de Vesta!

Que excelso o Ptah-Ra egípcio! Como resplandeceu magnífico na noite dos séculos do Zeus Cataibates grego, e que desce do céu à terra, segundo Pausanias!

As línguas de fogo de Pentecostes e a Sarça-ardente de Moisés, são com certeza muito similares ao tunal ardente da fundação de México.

A inextinguível lâmpada de Abraão brilha, todavia, refulgente e extraordinariamente divina.

O fogo eterno do Abismo sem fundo, o Pleroma dos gnósticos, é algo que jamais se poderá esquecer.

Ao falar do Fogo Sagrado, convém mencionar, nomear, citar os fúlgidos vapores do Oráculo de Delfos, a luz sideral dos Gnósticos-Rosacruz, o akasha dos Adeptos do Hindustão, a luz astral de Eliphas Levi, etc.

Os livros iniciáticos estão escritos com caracteres de “fogo”. Precisamos de fecundar a nossa íntima natureza, se é que verdadeiramente queremos que dentro de nós nasça o “Homem-Solar”.

“INRI”: *Ignis Natura Renovatur Ingram.* (O fogo renova continuamente a natureza).

Entre os múltiplos fogos que crepitam na Águia divinal, aquele que resplandece, reluz e brilha na glândula pineal; na parte superior do cérebro, é sempre o anunciador do Espírito Santo, que transporta a Arca de cidade em cidade, quer dizer, de chakra em chakra ao longo da espinha dorsal.

Com máxima urgência e inadiável, precisamos de despertar a consciência, se é que realmente queremos auto-conhecer-nos a fundo. Só o homem auto-consciente pode penetrar à vontade nos “universos paralelos”.

Os adeptos da *Hatha-Yoga* hindus falam muito de *Devi-Kundalini*, a Serpente Ígnea dos nossos mágicos poderes e até supõem que podem despertá-la à base de exercícios respiratórios e muitas outras práticas físicas complicadas e difíceis.

Nós os gnósticos sabemos que a Serpente de Bronze que curava os israelitas no deserto, a Divina Princesa do Amor somente desperta e sobe pela espinha dorsal com o *Maithuna*, porém não convém subestimar o pranaiaama.

É bom saber que a ciência mágica da respiração sabiamente combinada com a meditação científica permite-nos utilizar determinadas chispas, centelhas, raios do *Kundalini*, com o são propósito de conseguir o despertar.

Trabalhar conscientemente com os distintos “universos paralelos”, viajar à vontade em forma lúcida, com clareza e brilhante para todas essas regiões supra-sensíveis, somente é possível transformando o subconsciente em consciente.

Existe o *Judo do Espírito*, estamos a referir-nos aos “exercícios rúnicos”; estamos a nos referir aos exercícios rúnicos que são formidáveis para se conseguir o despertar da consciência.

Quem quiser trabalhar com este *Judo* deve começar com a Runa de Mercúrio, cuja cor violeta origina forças cósmicas extraordinárias.

É, pois, necessário saber que esta saudosa “runa nórdica” encerra em si toda a potência e o impulso fecundador.

Precisamos do alento do *Fohat* para fecundar a nossa própria psique; chispas Pentecostais para tornar-nos auto-conscientes.

Se analisarmos as práticas da Runa “FA”, poderemos evidenciar que nelas existe o pranaiaama, a oração, a meditação e certa posição sagrada.

PRÁTICA:

Devemos saudar cada novo dia com imensa alegria e após levantarmos da cama, elevar os braços para o Cristo-Sol, Nosso Senhor, de tal forma que o esquerdo fique um pouco mais acima que o direito e que as palmas das mãos permaneçam ante a luz, nessa atitude sublime e inefável de quem realmente anela receber os raios solares.

Esta é a sagrada posição da Runa FA; uma vez em tal posição trabalharemos com o Pranaiaama, respirando pelas fossas nasais e exalando o ar pela boca em forma rítmica e com muita fé.

Nesses momentos imaginaremos que a luz do Cristo-Sol entra em nós pelos dedos das mãos, circula pelos braços, inunda o nosso organismo e chega até à nossa consciência e a estimula, desperta-a, chama-a à actividade.

Do mesmo modo, nas noites misteriosas e divinas, praticai com este *Judo Rúnico* ante o céu estrelado de Urânia, com a mesma posição e orando assim:

“Força maravilhosa do Amor, avivai os meus fogos sagrados, para que a minha consciência desperte”.

Faaaa... Feeee... Fíiii... Foooo... Fuuuu...

Esta pequena, mas grande oração pode e deve orar-se com todo o coração, quantas vezes se quiser.

CAPÍTULO IV

DEUSES PENATES

Quatro vezes chocou violentamente o cavalo de Tróia contra os invictos muros, deixando escapar do seu monstruoso ventre metálico o rumor de muitas armas; porém os troianos continuaram sem se deterem, cegos por um Deus que assim o quis.

Então profetizou Cassandra, vaticinando grande ruína, e possuída de espírito divino agitava-se convulsa, o cabelo em desalinho; mas como Apolo a tinha castigado, é claro que ninguém quis escutá-la.

Oh Cassandra! A dos presságios maravilhosos; quão terrível foi o teu Carma; foste arrastada pelos cabelos de forma cruel, desapiedada, desumana e bárbara, enquanto no palácio do ancião Príamo, os ferozes e sanguinários Aqueos derrubavam as augustas torres, desmantelavam os veneráveis muros, profanando tudo com o bronze homicida.

No interior da régia casa do velho rei, as sumptuosas e esplêndidas habitações se encheram de soldados cruéis e desapiedados. Hécuba e as suas cem noras, desesperadas, corriam enlouquecidas pelas salas e corredores, e o sangue do ancião Príamo manchava com espantosa púrpura o sacro altar dos deuses santos.

Escrito está que quando os deuses querem perder os homens, primeiro os confundem. Inúteis foram as maldições do venerável monarca, de todas as formas, Pirro espeta a sua cruel arma no respeitável ancião e o degola junto do altar de Júpiter, o Pai dos Deuses e dos homens.

Horrível sorte teria ocorrido à bela Helena se Vénus, a Divina Mãe *Kundalini* de Enéias, não tivesse detido o temível braço do seu filho.

Ela faz-se visível e tangível ante o herói troiano e cheia de dor diz-lhe: *“Meu filho! Por que tanto ressentimento? Porque tanto furor? Tão rápido esqueceste de ir socorrer os teus? Por todo o lado à gregos armados e se eu não estivesse aqui para velar pela tua família, faz tempo que teriam perecido. Não creias, infeliz, que a beleza dessa espartana tenha sido a única causa de que se afundasse uma cidade. Olha! Vou retirar o véu que obscurece os teus olhos de mortal e verás quem são os que derrubam os impérios!”*.

Ditas tais palavras, a Divina Mãe *Kundalini* passou a sua adorável mão pelos furiosos olhos do seu filho, o herói troiano e então tudo se transformou ante a sua visão de águia rebelde.

Os guerreiros, as lanças, as máquinas de assalto, os generais e conselheiros, tudo desapareceu como por encanto e em seu lugar viu algo extraordinariamente divino; os deuses sagrados golpeavam duramente com as suas égides as invictas muralhas da soberba Ilião, que tombavam com grande estrondo, ruído e fragor.

Contam as velhas tradições que do lado do mar, o guerreiro troiano pôde ver o deus Neptuno, fazendo com o seu tridente uma enorme e profunda brecha.

Foi espantoso tudo o que o guerreiro, viu: Júpiter, poderoso, desde o Olimpo lançava os seus raios; Minerva, a deusa da Sabedoria, fazia parecer milhares de guerreiros troianos com o seu implacável ceptro.

A adorável Mãe *Kundalini* do troiano Enéias, disse: *“como vês, somos mesmo nós; tudo está perdido, tal é o celeste decreto: Tróia tinha que perecer; limita-te a fugir, meu filho e cessem aí os teus esforços”*.

“Eu não te abandonarei e te conduzirei em segurança até onde está o teu velho pai”.

Confirma-se que o paladino troiano, obedecendo imediatamente à sua Divina Mãe *Kundalini*, abandonou a hecatombe régia e regressou a casa. O que encontrou em sua casa

foi um verdadeiro drama apocalíptico, gritos, lamentos, palavras de protesto do seu velho pai, o chefe de toda a família que revoltado se negava a sair do lar.

Enéias, desesperado queria regressar ao fragor da batalha apesar dos ternos rogos da sua esposa. Felizmente, o divino Júpiter, o Cristo Cósmico interveio, enviando um prodígio extraordinário que o fez ter novas esperanças.

O fogo sagrado do altar saltou e pegou-se ao nobre cabelo do seu querido filho Iulo; quando quis apagá-lo com a água benta, o avô da criança, o pai de Enéias, o supremo chefe de família, reconheceu a vontade de Deus; elevou as suas trémulas mãos e orou; então se ouviu algo extraordinário; um espantoso trovão e uma estrela cadente, passando por cima da sua morada, indo perder-se imponentemente em direcção ao monte Ida.

Tudo isto foi definitivo para que o seu velho pai, antes renitente a abandonar os seus aconchegados lares onde havia visto correr tantos anos se decidisse por fim a renunciar a tudo e a sair com o períncrito guerreiro, o seu neto e toda a sua família.

Conta a lenda dos séculos que antes de abandonar Tróia, o respeitável pai de Enéias teve que entrar no templo de Ceres, a Mãe Cósmica, para recolher com profunda devoção e temor divino aos seus deuses Penates.

O heróico general Enéias não pode tocar pessoalmente as sacras esculturas dos santos deuses venerandos, pois havia combatido e matado a muitos homens; somente purificando-se com água pura de vida teria o direito a tocar estas esfinges extraordinariamente divinas.

Um sopor de incontáveis séculos pesa sobre os antigos mistérios, e os deuses Penates continuam a existir nos “Universos Paralelos”. Nos mundos supra-sensíveis das dimensões superiores do espaço, podem os Hierofantes dialogar com estes deuses Penates, regentes de cidades, povos, aldeias e lares.

O bendito padroeiro de um povo é o seu deus Penate ou santo Anjo da Guarda; o secreto regente de qualquer cidade é o seu deiduso especial. O espírito protector de qualquer família é o seu director espiritual.

Todos estes Génios ou *Jinas* misteriosos, de família, raça, nação, tribo ou clã, são com certeza os deuses Penates dos antigos tempos que continuam a existir nos mundos superiores.

Nós temos dialogado muitas vezes com estes deuses Penates, regentes de antigas cidades clássicas; alguns sofrem o indizível pagando terríveis dívidas cármicas.

Ulisses, vigiando o rico despojo de guerra que havia de repartir-se: as taças de ouro, as preciosas jóias de incalculável valor, as valiosas telas, etc., não pode ver Enéias, o troiano que clamava na noite trágica, chamando a Creusa, sua esposa.

Cumpriu-se a vontade dos seres santos; Tróia ardeu entre o holocausto, morreu Creusa; porém Enéias juntamente com o seu velho pai, o seu filho e muita outra gente; fugiu para as terras de Lácio, levando os seus deuses Penates.

CAPÍTULO V

OS PUNCTAS

Análises científicas muito profundas têm vindo a demonstrar de modo contundente, convincente e decisiva, que o átomo não é, de modo, algum a partícula mais infinitesimal da Matéria.

Os físicos atômicos criaram o dogma do átomo e de forma irrevogável, inapelável e firme excomungam, maldizem e lançam as suas imprecações e anátemas contra todo aquele que procura ir um pouco mais longe.

Nós os gnósticos, afirmamos enfaticamente e de modo solene que a Matéria se compõe de certos objectos definidos, conhecidos correctamente com o nome de “*Punctas*”.

A nossa teoria científica criará de facto um cisma, uma desavença entre os académicos, porém a verdade tem de ser dita; precisamos de ser francos e sinceros e colocar de uma vez por todas, as cartas sobre a mesa.

Dentro dos *Punctas* a noção de espaço é algo que não tem a menor importância.

Ainda que pareça incrível, dentro destes objectos, o raio de um dos sete pontos últimos, é sem sombra de dúvida a menor longitude existente.

Certo sábio, cujo nome não o menciono, disse: ... os “*Punctas*” *atraem-se quando se encontram muito distantes uns dos outros, e repelem-se quando estão muito próximos; logo a certo afastamento, uma atracção se exerce de novo.*

Investigações de fundo, com o “sentido espacial” plenamente desenvolvido, de forma íntegra, permitiram-me verificar que os *Punctas* têm uma bela cor dourada.

A experiência mística directa permitiu-me evidenciar com clareza que os movimentos de interacção dos *Punctas* se desenvolvem de acordo com a moderna teoria da Mecânica Ondulatória.

Os sábios gnósticos através de rigorosas observações científicas puderam compreender, profundamente, que os *Punctas* não são átomos, nem nucleões, nem partículas de nenhuma espécie.

Sem qualquer dúvida e sem temor a equivocarmos, podemos e devemos afirmar categoricamente que os “*Punctas*” são entidades absolutamente desconhecidas para a Física contemporânea.

Seria absurdo dizer que os “*Punctas*” ocupam espaço. Para uma mente acostumada às férreas disciplinas do pensamento, resultaria ilógico e disparatado afirmar que tais objectos possuam alguma classe de Massa.

Ressalta com clareza ao entendimento que os “*Punctas*” não têm propriedades eléctricas ou magnéticas, ainda que tais forças e princípios os governem e dirijam.

Diversos conjuntos de “*Punctas*”, debaixo do inteligente impulso do Logos Criador, vêm a constituir-se em tudo isso que se chamamos neutrinos, partículas, núcleos, átomos, moléculas, estrelas, galáxias, universos, etc.

A experiência mística directa no universo paralelo da Sétima Dimensão ou região do “*Atmam*” inefável, permitiu-me compreender que tudo o que existe em qualquer um dos Sete Cosmos, desde o átomo mais insignificante até ao organismo mais complexo, se reduz em última síntese a “Números”.

Que quantidade de “*Punctas*” é indispensável para a construção de um electrão? Que capital de *Punctas* se requer para se estruturar um átomo de hidrogénio? Qual a soma exacta de “*Punctas*” é urgente para a existência de um átomo de carbono? Quantos

“Punctas” são necessários para a criação de um átomo de oxigénio? Qual é a composição básica, cardinal e precisa para a formação de um átomo de nitrogénio?

Tudo isto é algo que, todavia, infelizmente ignoramos; devemos buscar o segredo do Universo e de todos e cada um dos sete Cosmos, não nas formas ilusórias, mas sim nos “Números”, nas Matemáticas.

Após rigorosas observações e profundos estudos analíticos, chegamos à conclusão de que o movimento ondulatório mecânico dos *Punctas* se processa em séries, que passam de uma dimensão a outra e a outras.

As sete ordens de Mundos têm a sua “causa causorum”, origem e raiz em “sete séries de *Punctas*”.

É com evidente clareza pensar que a primeira série originou a segunda, e esta a terceira, e assim sucessivamente.

Analizando, examinando esta questão dos “*Punctas*” e o seu desenvolvimento em séries que se processam em termos multidimensionais, encontramos, a própria base dos “universos paralelos”.

A análise, a experiência, a lógica superior, permitem-nos compreender que existem “universos” que viajam no “tempo” de forma distinta à nossa e que estão constituídos de modo estranho, submetidos a leis diferentes.

Pelo espaço estrelado viajam “mundos” que estão radicados “noutros tempos” nós estranhos e misteriosos.

A Natureza tem múltiplos jogos no Espaço infinito, porém os “*Punctas*” representam a base viva de qualquer tipo de Matéria.

Em nenhum canto do Infinito se escreveu jamais o último tratado de Física; e se um Einstein reencarnasse em alguma outra Galáxia de anti-matéria, com assombro teria de reconhecer-se como analfabeto.

É muito o que escreveram os tratadistas pseudo-esoteristas e pseudo-ocultistas sobre Cosmogénese, porém no Espaço infinito existem milhões de micro-físicas e cosmogonias distintas, diferentes.

É urgente analisar, observar judiciosamente e passar muito para além das partículas da Física moderna, se é que na verdade queremos conhecer os elementos primários, os “*Punctas*” fundamentais.

Chegou a hora de transcender o atomismo ingénuo e estudar profundamente os “*Punctas*” e as leis secretas da vida.

CAPÍTULO VI

RETORNO E TRANSMIGRAÇÃO

Contam antigas tradições que Enéias, o troiano, permaneceu algum tempo refugiado com a sua gente nos bosques de Ida até os gregos abandonarem a velha Tróia.

E quando os Helenos abandonaram as heróicas ruínas da soberba Ilião, Enéias constrói a sua frota e com choro abandona as praias da Pátria e os vales solitários onde esteve emprazada a antiga cidade, agora convertida num montão de enegrecidas ruínas.

E o vento incha as doces velas sob a luz do Plenilúnio, o remo luta com suave indiferença e chega o herói com as suas naus e a sua gente às costas de Trácia, rude País onde esperava encontrar terra acolhedora, já que os Trácios tinham sido aliados do ancião Príamo.

Diz a história dos séculos que na rude terra dos Trácios, Enéias fundou uma cidade, à qual lhe deu o seu nome, chamando-a de Eneíada.

E quando os Troianos faziam o sacrifício a Júpiter, o Cristo Cósmico, no preciso momento em que se preparavam para atear o fogo e imolar o touro branco, acontece um prodígio extraordinário; os ramos cortados para o fogo deixaram escapar em vez da seiva, sangue negro e corrompido, que manchava a terra.

Enéias ficou gelado de terror e suplicou aos deuses que permitissem que tal presságio se tornasse favorável aos seus desígnios.

Conta o herói que, partiu alguns outros ramos da mesma árvore, porém todos gotejaram sangue até que chegou aos seus ouvidos uma voz profunda que parecia sair das raízes da árvore, dizendo-lhe: *“Eneias! Porque me desgarras? Respeita a um desgraçado e não cometas a crueldade de torturar-me. Sou eu, Polidoro, a quem os meus inimigos me crivaram de feridas neste mesmo lugar e os ferros que se cravaram no meu corpo frutificaram e criei esta árvore que em vez de puas, dá afiadas azagaias”*.

Contam as lendas que sobre o monte de terra onde estavam agarradas as raízes da árvore, Enéias consagrou um altar à alma do morto e se fizeram libações com vinho e leite. Assim se celebrou o funeral de Polidoro, o falecido guerreiro, morto no campo de batalha.

Desde a antiga época da Arcádia, quando, todavia, prestava-se culto aos deuses dos quatro elementos da natureza e aos deuses do tenro milho, os velhos hirofantes encanecidos na Sabedoria, jamais ignoraram a multiplicidade do “Eu”.

É por acaso coisa rara, que algumas dessas tantas entidades que constituem o Ego, se afeitassem com tanto afã à vida, renascendo numa árvore?

Vem à minha memória aquele episódio do amigo de Pitágoras reincorporado num pobre cão. E por acaso não se ajuda também aos Centauros? O que nos diz a lenda dos séculos?

Esses épicos guerreiros que sangrando, caíram entre os elmos e as rodela dos gloriosos mortos por amor às suas gentes e à sua Pátria, recebem uma ajuda extra e bem merecida ao retornarem a este mundo.

Escrito está com palavras terríveis que os “centauros” eliminam uma parte se si mesmos, do seu querido Ego, antes de retornarem a este vale de lágrimas.

Que se reincorpore o menos perverso num corpo humano e que o decididamente criminal ingresse ao crematório dos mundos infernos, é lei para os “centauros”.

Dante, o velho florentino, coroado de loureiros, encontrou no Abismo a muitos “centauros”, recordemos a Quirão, o velho educador de Aquiles e ao irascível Foló.

O grande livro da Natureza escrito com carvões incandescentes diz com clareza aterradora que muitas partes do ego se perdem antes de se retornar a este mundo; muitos agregados psíquicos do “Mim Mesmo” se reincorporam em organismos de animais; outros aferram-se desesperadamente, (como o caso de Polidoro) aos ramos das árvores e por último, determinados elementos subjectivos do próprio Eu, continuam a sua involução no reino mineral submergido.

“*Transmigração*” é sem sombra de dúvida, algo muito similar a isso, ainda que com grandes diferenças e raízes mais profundas.

Entre as tremendas chamas da vida existem pessoas tão animais que se lhes extraísse tudo o que têm de grosseiro, nada ficaria. É necessário que tais criaturas se reduzam a poeira cósmica no interior da Terra para que a “essência”, a alma, se liberte.

Contam as lendas dos séculos que Capaneu, um dos sete reis que sitiaram Tebas, em tom soberbo diz: *... tal como fui em vida, sou depois de morto. Mesmo que Júpiter cansasse o seu ferreiro, de quem tomou em sua cólera agudo raio que me feriu o último dia da minha vida; ainda quando se fatigassem um*

após outro todos os negros trabalhadores do Mongibelo, gritando: ajuda-me, ajuda-me bom Vulcano; segundo o fiz no combate de Flegra e me assestasse com todas as suas forças, não conseguiria vingar-se de mim completamente.

No interior deste aflitivo mundo em que vivemos existem involuções espantosas. Ali, é onde a Justiça Divina arrojou a Atila, o qual foi o seu açoite na Terra; a Pirro; a Sexto, a quem eternamente arrancara lágrimas com o fervor do sangue.

“... ao cair aí, terás que sofrer padecimentos insuportáveis e onde não há tempo certo de escapar”.

Homero disse: *... mais vale ser um mendigo sobre a Terra e não um rei no Império das sombras.*

A descida aos mundos tenebrosos é, por conseguinte, uma viagem para trás, pela senda da involução, um afundamento na densidade sempre crescente, na obscuridade, na rigidez e num tédio inconcebível de tempo; uma queda para trás, um retorno, uma repetição dos estados animal, vegetal e mineral; um regresso ao caos primitivo.

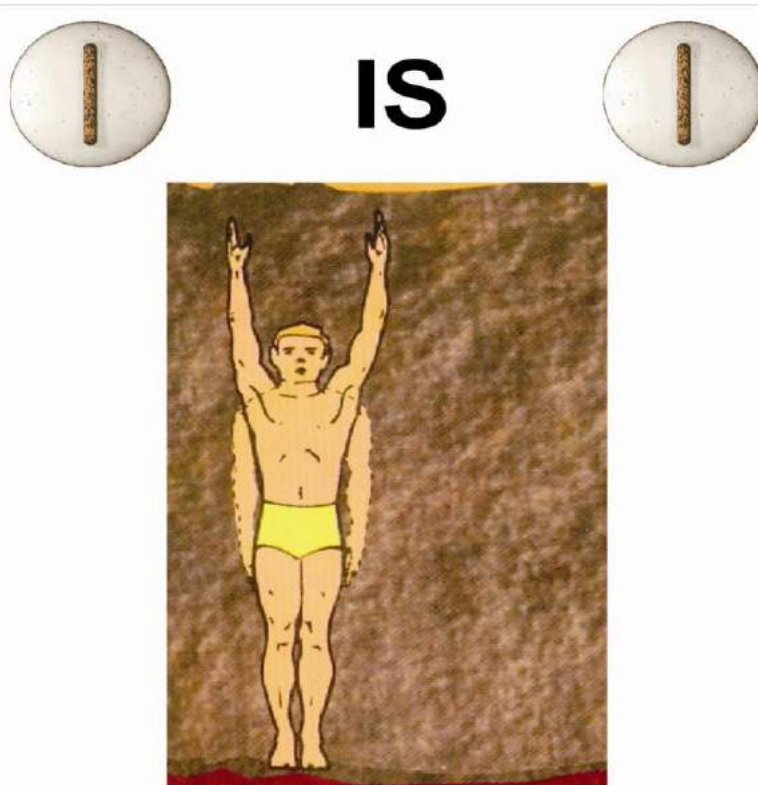
As almas do Abismo libertam-se com a “segunda morte”, quando o Ego e os corpos lunares se reduzem a pó; elas recebem o seu bilhete de liberdade. Essas almas procedentes do interior da Terra, manchadas pela espantosa viagem subterrânea, cobertas de pó, convertem-se em gnomos do reino mineral, mais tarde em criaturas elementares do reino vegetal, depois em animais e por fim reconquistam o estado humano que haviam perdido.

Esta é a sábia doutrina da “*Transmigração*”, ensinada outrora por Krishna, o Mestre do Hinduísmo.

Milhões de almas que morreram no Inferno, brincam agora como gnomos entre as pedras. Outras são agora deliciosas plantas, ou vivem revestidas como criaturas animais aspirando regressar ao estado humano.

CAPÍTULO VII

RUNA «IS»



Quando
analisamos
profundamente a

Runa IS, descobrimos com místico assombro ao nosso próprio “Ser”, o “Íntimo”.

O Testamento da Sabedoria Antiga, diz: *“Antes que a falsa aurora amanhecesse sobre a Terra, aqueles que sobreviveram ao furacão e à tormenta, prestaram louvores ao Íntimo e a eles lhes apareceram os Heraldos da Nova Era”*.

Na noite profunda de todas as Idades, além no País ensolarado de Kem, quando no sigilo dos templos egípcios se estudava a Runa IS, pensava-se sempre na bipolarização Homem-Mulher, masculino-feminino, e daí é evidente que resultava “Isis”, o nome sagrado da Eterna Mãe-Espaço.

Muito se tem falado em ocultismo sobre a *Prakriti*, o Espaço como entidade feminina, maternal, mas nada sabem os pseudo- esoteristas em relação a esse Ponto Matemático no qual sempre se gesta o Rei-Sol, o Menino de Ouro da Alquimia Sexual.

Não há dúvida alguma que esse Ponto misterioso reside na mesmíssima raiz da nossa Mônada Sagrada.

O “Ponto” em si mesmo é a nossa Mãe Divina particular, adorável e eterna, sem princípio nem fim.

Na nossa Mãe Divina *Kundalini* encontram-se contidos todos os sagrados poderes da Mônada, (*Atmam-Budhi-Manas*).

Aos que não estão muito versados em Teosofia, dir-lhes-ei que na Mãe Divina particular de cada um, se encontram todos os poderes do nosso próprio Espírito.

Muito disseram os pseudo-esoteristas e os pseudo-ocultistas sobre a Tríade Imortal ou Espírito Triuno de cada ser vivente, contudo nada disseram sobre os desdobramentos de *Prakriti*, (a Mãe Divina).

Ela, a Imanifestada, entre os gregos não tem simbolismo, porém no seu segundo aspecto, manifesto na Natureza, é a casta Diana, tão adorada e abençoada.

O terceiro aspecto de *Prakriti* é a bendita Deusa Mãe-Morte; terror de Amor e Lei, a terrível Hécate, Proserpina, Rainha dos Infernos.

Dois desdobramentos mais de *Prakriti* conduzem-nos ao aspecto negativo da Natureza, ao indesejável, ao que de nenhuma maneira nos conviria, ao reino do terror e à Magia Negra.

Escrito está que todos estes desdobramentos de *Prakriti* se repetem no microcosmo Homem.

O fundamental são os três aspectos superiores de *Prakriti* e com eles devemos aprender a trabalhar.

A Revolução da Consciência seria totalmente impossível sem a ajuda especial da nossa própria e adorável Mãe Divina, particular. Ela, é em si mesma, o nosso próprio Ser, a raiz, a origem, a causa do nosso Espírito Divino. Ela é Ísis, a quem nenhum mortal levantou o véu e a qual na chama da serpente a invocamos.

Muitos pseudo-esoteristas e pseudo-ocultistas leram Sivananda; não há dúvida que esse homem foi realmente um Guru-Deva que trabalhou intensamente pela humanidade doente. Confesso na verdade que nunca gostei do seu *Hatha-Yoga*, as acrobacias desse tipo sempre me pareceram uma coisa de circo.

Nunca me ocorreu que alguém pudesse auto-realizar-se, convertendo-se em acrobata. Porém é bom saber-se que esse saudoso *yogue* trabalhou profundamente e muito secretamente com o *Sexo-Yoga*.

Julgo que o *Hatha-Yoga* só o utilizava como isca para pescar no rio da vida. Agrada-me comunicar aos nossos amados leitores que o guru-Deva Sivananda, desencarnou gozoso num *Maha-Samadhi*, (Êxtase).

Encontrei-me com ele no universo paralelo da quinta dimensão. Foi grande a minha alegria ao evidenciar que este homem havia fabricado os seus corpos solares na forja acesa de Vulcano. Foi extraordinária a minha surpresa ao verificar que este Mestre antes de morrer, já estava morto em si mesmo.

Sivananda trabalhou intensamente na Grande Obra do “Pai”. Trata-se de um *Guru-Deva* no sentido mais completo da palavra.

O nosso encontro foi muito singular; este ocorreu dentro de um precioso recinto onde eu cumpria com o meu dever de ensinar. Prontamente entrou o grande *yogue*, como querendo recriminar-me, disse: ... *o senhor está a vulgarizar a Doutrina*. É óbvio que se quis referir à divulgação do “*Maithuna*”, (*Sexo-Yoga*) entre os profanos.

De modo algum permaneci calado, a minha resposta foi franca e sincera, pois como pertencço à “fraternidade viril” não podia ser de outro modo; pronunciei-me energicamente dizendo: ... *estou disposto a responder a todas as perguntas que me façam aqui ante todos e dentro deste recinto*. Porém o Guru-deva como inimigo que é de toda a disputa, preferiu sentar-se na sagrada posição búdica e submergir-se de imediato em meditação profunda.

Sentia a mente do *yogue* dentro dos meus próprios recônditos, este “Homem” buscava, esquadrihava, explorava nas minhas mais íntimas profundezas. Não havia dúvida que Sivananda queria dialogar com o meu “Real Ser”, cujo nome secreto é “*Samael*”, e consegui-o.

Assombrado, não pude mais do que exclamar... *Sivananda, tu és um autêntico Samyasin do pensamento!* O Guru-Deva cheio de êxtase levantou-se e abraçou-me; tinha

compreendido o delineamento revolucionário da nossa Doutrina; então exclamou, dizendo: ... *agora sim, estou de acordo contigo, e direi a toda a gente que leiam as tuas obras*. Depois acrescentou: ... *eu conheço a tua Mãe, (referindo-se à minha Mãe Divina particular) a vi muito bem vestida e leva um manto branco que lhe chega até aos pés*.

A entrevista foi formidável, também aconteceram outras coisas que agora calo porque não interessam a este capítulo.

PRÁTICA:

Na posição militar de firmes, levantemos os braços formando uma linha recta com todo o corpo e após orar e pedir ajuda à Mãe Divina, cantemos o mantra *ISIS*, assim:

Iiiiiiiii. ...Sssssss... .

Iiiiiiiii.....Sssssss... .

Alongando o som das duas letras e dividindo a palavra em duas sílabas: *IS-IS*.

Depois pode deitar-se o estudante, com o corpo relaxado e cheio de êxtase concentre-se e medite na Mãe Divina.

CAPÍTULO VIII

O OVO CÓSMICO

Einstein, o famoso autor da Teoria da Relatividade, no princípio deste século, (*século XX*) concebeu na sua mente genial um universo curvo, finito, fechado como um ovo.

Todavia vem-nos à memória aquela espantosa exclamação desse homem extraordinário, quando disse: ... *o Infinito tende a um limite*.

Ninguém ignora que mais tarde Edwin Hubble descobriu com grande assombro, no famoso Observatório do Monte Wilson, que todas as Galáxias que povoam o Espaço infinito se afastam a fantásticas velocidades, umas das outras.

Este facto é inegável. Infelizmente George Lemaître não soube compreendê-lo, e procurando causas, chegou a equivocadas conclusões: ... *se o Universo está em contínua expansão*, explicou de modo absurdo, *é porque um dia houve uma explosão a partir de um centro, de um núcleo primitivo*.

Lemaître, com os seus errados cálculos acreditou firmemente que este núcleo primitivo, original, teria um diâmetro exíguo, pequeno, insignificante, tão só a distância da Terra ao Sol, ou seja, 150 milhões de quilómetros.

Imaginemos se quisermos por um instante o Espaço infinito, indubitavelmente minúsculo, falando em termos proporcionais. Tal núcleo primitivo teria segundo Lemaître, uma tal densidade espantosa, que a própria proximidade dos átomos elevaria a temperatura, como é natural, a centenas de milhões de graus acima de zero.

A esta temperatura inconcebível, segundo tal teoria, a energia atômica libertada seria tanta e a radiação cósmica tão intensa, que tudo terminaria por deslocar-se, sobrevivendo então a explosão profunda tal como a erupção de um terrível e espantoso vulcão.

Maravilhoso tudo isto; porém quem pôs este ovo cósmico? O que existia antes? Porque a explosão cósmica teria que realizar-se em determinado instante matemático e não antes, nem depois? Onde está a base desta teoria? Quem poderia ser testemunha presencial dos factos incluídos nessa hipótese?

Nós, os gnósticos, compreendemos profundamente que as Galáxias se afastam umas das outras e isso já está demonstrado, porém isto não significa forçosamente que todas elas tenham partido de um mesmo núcleo.

Einstein disse: ... *a Massa transforma-se em Energia*; e todos os sábios do mundo se inclinaram reverentes ante esta tremenda verdade; e também disse o grande matemático: ... *a Energia transforma-se em Massa*; e ninguém pode refutar este postulado. Não há dúvida de que: *a Energia é igual à Massa multiplicada pelo quadrado da velocidade da Luz*.

Estes sábios postulados vêm a demonstra-nos que a massa de todos os universos é eterna e imutável; desaparece aqui, para reaparecer acolá, numa espécie de fluxo e refluxo, actividade e repouso, dia e noite.

Os Mundos nascem, crescem, envelhecem e morrem, deixam de existir para se transformarem em energia e logo ressurgem, renascem, quando esta cristaliza novamente em massa.

A conta retrospectiva de todos os sete Cosmos que estremecem e palpitam no Espaço infinito, não existe uma hora zero, raiz-comum para todos em conjunto.

Aclaramos por nossa parte, que ao dizer raiz-comum neste caso concreto, referirmo-nos ao conceito Tempo como hora zero; o qual não significa de nenhuma maneira que neguemos a hora zero em forma absoluta. Esta existe em particular para cada Universo; é o estado pré-cósmico normal para qualquer Sistema Solar.

Por outras palavras diremos que cada Sistema Solar do inalterável Infinito tem os seus *Mahanvantaras* e *Pralaias*, quer dizer, os seus dias e noites cósmicas; épocas de actividade e repouso.

Nesta Galáxia, na qual vivemos, actuamos e temos o nosso Ser, existem milhões de Sistemas Solares e enquanto uns se encontram na sua “hora-zero”, outros estão em plena actividade.

Isto também se repete no homem e no átomo; em tudo o que foi, é, e será. Os cientistas modernos procuram explicar todas estas coisas unicamente a partir das leis

naturais. Torna-se, com certeza, ridículo querer excluir os Princípios Inteligentes de tais leis.

Cada Mundo do espaço estrelado possui o seu *Fohat*, o qual é onnipotente na sua própria esfera de acção.

Sem sombra de dúvida podemos e devemos afirmar com ênfase que existem tantos *Fohats*, como quantos Mundos há, e cada um deles varia em poder e em grau de manifestação.

Existem milhões, biliões, triliões de *Fohats*; estes em si mesmos são forças conscientes e inteligentes. Na realidade os *Fohats* são os Construtores, os Filhos da Aurora do *Mahamvantara*, (Dia Cósmico), os verdadeiros criadores cósmicos.

O nosso Sistema Solar foi trazido à existência por estes agentes, e está na verdade constituído por sete universos paralelos.

Fohat é, pois, o poder eléctrico vital personificado, a Unidade transcendental que enlaça todas as energias cósmicas, tanto do nosso mundo tridimensional como nos universos paralelos das dimensões superiores e inferiores.

Fohat é o Verbo feito carne, o Mensageiro da ideação cósmica e humana, a força activa da vida universal, a energia solar, o fluído eléctrico vital.

Fohat é chamado “o que penetra” e “o fabricante”, porque mediante os *Puncta* dá forma aos átomos procedentes da matéria disforme. No *Fohat* acham-se ocultas as Matemáticas, o Exército da Voz, a Grande Palavra.

Qualquer explicação sobre a mecânica cósmica que exclua o *Noumeno* por detrás do fenómeno, o *Fohat* por detrás de qualquer Cosmogénese, resultaria tão absurda como supor a aparição de um automóvel por geração espontânea, produto do azar, sem a fábrica especial, sem engenheiros, sem mecânicos, etc.

A trajectória das Galáxias jamais indica que estas tenham a sua origem ou ponto de partida num núcleo tão reduzido como o ovo hipotético de Lemaître. Como prova disso temos que o ângulo de dispersão varia sempre entre 20 e 30 graus, ou seja, que podem ter passado a enormes distâncias do suposto centro.

CAPÍTULO IX

O ORÁCULO DE APOLO

Após os régios e sacros funerais de Polidoro, o épico guerreiro caído gloriosamente entre os elmos e escudos de combate nas cruéis batalhas, Enéias, o troiano com as suas naus e os seus homens fez-se ao borrascoso e turbulento mar e não demorou muito a chegar à terra de Delos, lugar de tantas tradições Hiperbóreas, onde ardentemente com a chama da fé, consultou o Oráculo de Apolo, sabiamente construído na dura rocha.

Heródoto, no livro IV, capítulo XXXII-XXXIV, conta que os Hiperbóreos, velhos antecessores dos lemurianos, enviavam periodicamente a Delos as suas oferendas sagradas, envolvidas em palha de “fromentum”. Tais venerandas ofertas tinham bem marcado o seu sagrado itinerário; primeiro passavam ao País “escita” e depois seguiam o caminho do Ocidente até ao Mar Adriático, igual rota seguida pelo âmbar desde o Báltico até ao caudaloso rio Pó, na Península Itálica.

Os Dódenos eram os primeiros entre os gregos a receberem as oferendas Hiperbóreas; logo estas, desciam desde Dódona até ao Golfo Malíaco e continuavam depois para Eubea e Caríptia.

Contam velhas lendas que se perdem na noite dos séculos, que estas sacratíssimas oferendas nórdicas continuavam a sua viagem desde Carítia, sem parar em Andros e que desde esse lugar, os calecúmenos as passavam a Tenos e logo a Delos.

Os Delos acrescentam sabiamente que os Hiperbóreos tinham o belo e inocente costume de enviar as suas sagradas e divinas oferendas nas mãos de duas virgens, deliciosas e inefáveis. Uma delas chamava-se Hiperocha e outra, Laodiceia.

Dizem as Sagradas Escrituras que, para cuidar destas santas mulheres tão deliciosas e sublimes, cinco Iniciados ou Perpheres, as acompanhavam na sua perigosa e muito longa viagem.

Porém tudo foi inútil porque aqueles santos varões e essas duas sublimes Sibilas foram assassinados na terra de Delos quando cumpriam a sua missão.

Muitas núbias donzelas preciosas e belas da cidade, cheias de dor, cortaram o cabelo e depositaram as suas encrespadas madeixas num fuso sobre o monumento erigido em honra daquelas sagradas vítimas, que se dizia, virem acompanhadas pelos deuses Artemisa e Apolo.

Reverendíssimo lugar aquele ao que chegou Enéias: Delos! Lugar de arcaicas lendas hiperbóreas que se escondem como pedras preciosas nas profundezas de todas as Idades.

E prostrado em terra, mordendo o pó dos séculos invocou dentro do sagrado recinto a Apolo, Deus do fogo, suplicando-lhe com o seu dorido coração, que protegesse a cidade que ia fundar, a segunda Pérgamo Troiana.

Diz a história que este ínclito varão consultou Apolo sobre o lugar que lhe designava par se estabelecer; então a terra estremeceu formidavelmente.

O herói e a sua gente, agachados no solo e abraçados, imbuídos de misterioso temor, escutou e escutaram, todos, a extraordinária voz de Febo-Apolo, que dizia:

“Fortes descendentes de Dárdano; para vos estabelecerdes de modo perdurável, tereis de buscar a terra de onde sois originários, a primeira que vos trouxe no seu seio. Aí a estirpe de Enéias dominará todo o País e os filhos dos seus filhos e os que deles nasçam”.

Conta o épico líder, que depois de escutar o Oráculo de Apolo, cheio de preocupação, pensava qual podia ser a mais remota terra da sua origem; contudo o seu velho pai que recordava vividamente as velhas tradições de família, disse: ... *Escutai, chefes; o nome das nossas esperanças. O berço da nossa estirpe é Creta, ilha que se encontra no meio do piélago imenso. Está povoada de cidades poderosas, que são que são outros tantos e ricos estados. De Creta veio até nós, troianos, o culto de Cibeles, (a Mãe Divina Kundalini), com o seu carro puxado por leões; dela vieram o bronze e outras artes que tornam poderosos os humanos. Sigamos, pois, para Creta a qual não está longe, pois se Júpiter, (o Cristo) nos manda ventos favoráveis estaremos ali em três dias.*

... *Aos nossos ouvidos chegou, diz Enéias — o rumor de que o Rei de Creta, Idomeneo, o qual foi nosso inimigo, que lutou juntamente com os aqueus em Tróia tinha saído da ilha e com a sua ausência, a nossa chegada a esse País seria muito mais favorável.*

Com o coração esperançado — Enéias continua a dizer: ... estivemos a bordo; os nossos marinheiros rivalizaram em agilidade e rapidez; umas vezes remando, outras vezes manejando a enxárcia, impulsionados pelo favorável vento da popa, abordamos Creta sem qualquer contratempo e aí fundei outra cidade que em memória da nossa antiga cidade, a chamei Pergamea.

E aquele povo heróico e extraordinário, capitaneado por Enéias, o ilustre paladino troiano ter-se-iam definitivamente estabelecido nessa ilha, se uma peste maligna e desastrosa não os houvesse obrigado a fazer-se ao mar em busca de outras terras.

Na decomposição e putrefacção desse ar malsão, o sinistro contágio infectava infelizmente todos os corpos; uns caíam fulminados pelo “raio da morte”, enquanto outros se arrastavam como espectros fatais desconjuntados pela febre.

... *Um vento abrasador, disse Enéias — queimava as nossas faces e a terra parecia recusar-nos o alimento.*

Na mente de Enéias, furibunda, desatou-se a tempestade do pensamento e desesperado como um naufrago, agarrado à rocha cruel, pensou em regressar ao santuário de Apolo, o Deus do Fogo, para consultar novamente o Oráculo.

Porém naquela mesma noite, nessas horas deliciosas em que o corpo repousa e a alma viaja pelos mundos superiores, fora do organismo físico, encontrou-se Enéias com os seus Deuses Penates, os Génios tutelares da sua família, os *Jinas* ou Anjos de Tróia.

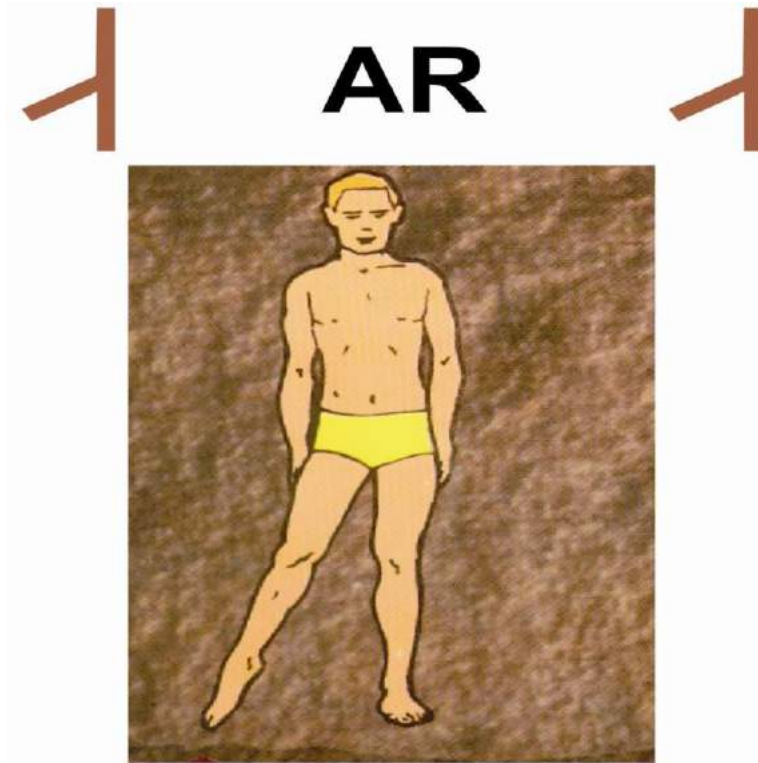
E falaram os Senhores da Chama: ... *Não é necessário, filho, que regresseis a onde está o Oráculo de Apolo, interpretastes mal a profecia. A vossa pátria de origem não é Creta, mas sim Hespéria, (a antiga terra que agora chamam Itália). Daí saíram os antigos fundadores da raça de Tróia, o herói Dárdano e o seu antepassado Jasio. Vai e relata a teu pai esta notícia.*

E surpreendido, o seu pai recordou então a Cassandra, a profetiza troiana, essa pobre mulher que havia dito o mesmo antes da destruição da soberba Ilião e a quem ninguém então fez caso, pois Apolo a tinha castigado.

Essa nobre mulher que se chamava Cassandra, tão adorada e abençoada, pagou um tipo de Carma muito singular pelo mau uso das suas divinas faculdades em vidas anteriores. E conta a lenda dos séculos, que Enéias e a sua gente, sem perder mais tempo, se fez de novo ao mar, rumo às terras do Lácio.

CAPÍTULO X

RUNA «AR»



minha

Vêm à
memória
encantos

inefáveis, poemas de amor e coisas impossíveis de descrever com palavras. O que conheci, o que vi, o que palpei na casa do meu “Pai” e em todas essas moradas resplandecentes da Grande Cidade de Luz, conhecida como Via Láctea, com certeza só pode ser falado com o verbo de ouro, no horto puríssimo da divina língua.

Era uma noite cheia de Estrelas; os raios da Lua que se projectavam, penetravam no meu quarto aparentando-se a um xaile prateado. O azul profundo do céu parecia mais bem um oceano infinito onde cintilavam os luzeiros.

E assim, meditando, entrei no êxtase e abandonei a forma densa; não existe melhor prazer que aquele, de sentir a alma desprendida; então o passado e o futuro se irmanam dentro de um eterno agora. E imbuído de uma deliciosa voluptuosidade espiritual, indescritível, indefinível, cheguei ante as portas do templo, impulsionado pela misteriosa força do anelo.

A porta do santuário estava selada com uma grande pedra que impedia a passagem aos profanos. Não te detenhas, coração, ante as coisas do “Mistério”.

“Abre-te Sésamo! Foi a minha exclamação e a pedra abriu-se para que eu entrasse.

E quando alguns intrusos quiseram fazer o mesmo, tive de empunhar a “Espada Flamejante” e gritar com todas as forças da minha alma: *para trás os profanos e os profanadores.*

Tinha penetrado no Grande Templo da Via Láctea, o Santuário Central dessa gigantesca Galáxia, a Igreja Transcendente. Nesse venerando lugar reina o terror de

Amor e Lei. Ante a Ara sagrada desse Templo extraordinariamente divino, somente podem prostrar-se os Deuses Siderais.

Ditoso, avancei ante o lugar de prostração e adoração. Por aqui e por ali, por todos os lugares abençoados do templo, iam e vinham multidões de homens humildes e simples, pareciam mais bem submissos e obedientes camponeses; estes eram os *bodhisattwas* dos Deuses; “Homens” no mais completo sentido da palavra, criaturas que gozam de conhecimento objectivo em cem por cento.

Sem sombra de dúvida, pude evidenciar até à saciedade, que não existia já nessas humanas criaturas nada que pudesse chamar-se “Eu”, “Mim Mesmo”, “Si Mesmo”; realmente estes “homens” estão bem “mortos”. Não vi neles o desejo de ressaltar, subir, chegar ao cimo da escada, fazer-se sentir, etc.; a estas criaturas não lhes interessa existir; só querem a “morte absoluta”, perder-se no “Ser”, isso é tudo.

Que feliz me sentia, avançando pela parte central do templo até à Ara sacra, caminhava indubitavelmente altivo, enérgico, com passo triunfal; de repente um desses humildes proletários de pá e pica, atravessa-se no meu caminho; por momentos quis seguir adiante, altivo, arrogante, desdenhoso; mas oh meu Deus! Um raio intuitivo fulminou-me mortalmente e recordei então vivamente que outrora, num remoto passado, havia cometido o mesmo erro na presença desse mesmo pobre camponês. Tal erro passado se tornou claro na minha mente e com pavor, terror e espanto, rememorei o terrível instante em que fui expulso para fora do templo e as terríficas vozes que saíram da Ara sacra entre relâmpagos e trovões.

Todo esse passado se reavivou na minha mente em milésimos de segundo, então arrependido, detive a minha altiva e orgulhosa marcha e contrito, pesaroso e compungido de coração, me ajoelhei ante esse “aldeão” modesto e submisso; beijei os seus pés, exclamando: *tu és um grande Mestre, um grande Sábio*. Porém aquela criatura em vez de se sentir satisfeita pelas minhas palavras, respondeu: *eu nada sei; eu não sou ninguém. Sim, repliquei; tu és o bodhisattwa de um desses grandes Deuses, Governador de várias Constelações*.

Foi enorme a minha dita quando aquele “Homem autentico” me abençoou; senti como se me houvesse sido perdoado, e ditoso continuei o meu caminho até à Ara sacra; logo regresssei ao corpo físico.

Passaram-se muitos anos e nunca pude esquecer aquele “Templo” selado com a “Pedra sagrada”.

... *”eis que aqui, ponho em Sião a principal Pedra Angular; escolhida, preciosa. E aquela que nela acreditar, não será envergonhado”*.

... *”a Pedra que os edificadores descartaram, veio a ser a cabeça angular; pedra de tropeço e rocha de escândalo”*.

Os velhos alquimistas medievais procuraram sempre a Pedra Filosofal e alguns realizaram com pleno êxito a “Grande Obra”. Falando com toda a franqueza, é nosso dever afirmar enfaticamente que essa “Pedra” é o Sexo.

Pedro, o discípulo de Jesus o Cristo, é o Aladino, o maravilhoso intérprete, autorizado a levantar a pedra que fecha o Santuário dos Grandes Mistérios.

O nome original de Pedro é “Patar”, com as suas três constantes: *P.T.R.*, que são radicais. A letra “P” vem lembrar-nos com clareza o Pai dos Deuses, o nosso “Pai” que está em segredo, os Phitares. A letra “T” é o Tau, a Cruz, o divino Hermafrodita, o *lingam* negro embutido no *yoni*. A letra “R” é fundamental no “fogo” é o “RA egípcio; a “R” é radical para o poderoso mantra *INRI*, (*Ignis Natura Renovatur Ingram*).

Dentro da pedra encontra-se latente o fogo, e os antigos faziam saltar a chispa de entre o seio vivo do duro pedernal. Vem à minha memória as “pedras do raio, as galáctitas órficas, a ostrita de Esculapio, a pedra com que Machoan cura a Philoctetes, o betilo mágico de todos os Países, as pedras uivantes, oscilantes, rúnicas e falantes dos terafins. O cálice da mente cristificada tem por base a pedra viva, a Ara sacra.

PRÁTICA:

O mantra *ARIO* prepara os gnósticos para o advento do “Fogo” sagrado. Cante-se todas as manhãs este mantra, dividindo-o em três sílabas: *Aaaaa... Rliiii... .Oooooo... .*, alongando o som de cada letra. É aconselhável estar por uns dez minutos diários com esta prática.

CAPÍTULO XI

PROTÃO E ANTI-PROTÃO

A existência real do próton e do anti-próton foi absolutamente demonstrada no ano de 1955, pela equipa de físicos de Berkley. Quando se bombardeou uma placa de cobre com uma energia de 6.000 milhões de *electrovolts* extraiu-se do branco dos núcleos maravilhosos de hidrogénio, idênticos, porém de sinal contrário: um próton positivo e outro negativo.

Torna-se evidente pensar que metade do Universo está constituída por anti-matéria. Se os sábios modernos puderam encontrar anti-partículas nos laboratórios, é porque existem também no fundo profundo da grande Natureza. De nenhuma maneira podemos negar que vem a ser espantosamente difícil detectar a anti-matéria no espaço.

A luz das anti-estrelas ainda que aparentemente seja idêntica à das estrelas, e as placas fotográficas as registrem da mesma maneira, tem de haver uma diferença desconhecida pelos sábios.

Aquele conceito de que não há lugar para a anti-matéria no nosso Sistema Solar é todavia algo muito discutível. A transformação da Massa em Energia é algo muito interessante. Que metade se escape sob a forma de neutrinos, é apenas normal, e que um terço se traduza em raios gama, e uma sexta parte em ondas luminosas e sonoras, de nenhuma maneira deve surpreender-nos, pois é natural.

Quando se pensa em Cosmogénese surgem sempre as mesmas interrogações: o que existia antes da Aurora do nosso Sistema Solar? O *Rig Veda* responde:

*“Algo não existia, não existia nada;
o resplandecente céu não existia;
nem a imensa abóbada celeste se estendia nas alturas.
Quem cobria tudo? Quem o tapava? Quem o ocultava?
Era o abismo insondável das águas?
Não existia a morte, porém nada havia de imortal;
não existiam limites entre o dia e a noite;
só o Uno respirava inanimado e por Si;
pois nenhum outro a não ser Ele, jamais houve.
Reinavam as trevas, e todo o princípio estava velado
em profunda obscuridade; um oceano sem luz.
O gérmen até aí então oculto na envoltura,
faz brotar uma natureza de fervido calor.
Quem conhece o segredo? Quem o revelou?
De onde, de onde surgiu esta multiforme criação?
Os próprios deuses vieram mais tarde à existência.
Quem sabe de onde veio esta grande criação?
Aquilo, de onde toda esta criação imensa procedeu,
se bem que a sua vontade tenha criado, bem foi muda.
O mais elevado vidente, nos mais altos céus, não o conhece,
nem ainda sequer Ele o saiba.
Contemplando a Eternidade...*

*antes que fossem deitadas as bases da terra, Tu eras.
E quando a chama subterrânea rompa a sua prisão e devore a forma,
todavia Tu serás como eras antes,
sem sofrer mudança alguma,
quando o tempo não existia.
Oh Mente infinita, divina Eternidade!”.*

Antes do *Mahamvantara*, (Dia Cósmico) deste Universo no qual vivemos, actuamos e temos o nosso Ser, somente existia a Energia livre no seu movimento.

Antes da Energia, havia Matéria e esta existiu em forma organizada, constituindo o universo precedente do passado Dia Cósmico, (*Mahamvantara*).

Do universo pretérito somente nos fica como lembrança, a Lua, o nosso querido satélite, que nas noites nos ilumina.

Cada vez que a Energia cristaliza em forma de Matéria, esta aparece sob a forma extraordinária de um par simétrico de partículas.

A Matéria e a Anti-matéria complementam-se mutuamente. Pode-se dizer que este é um tema novo para a Ciência contemporânea e que no futuro progredir-se-á ainda mais.

Com clareza torna-se absurdo afirmar que no nosso universo solar não existe lugar para a Anti-matéria. A Matéria está sempre acompanhada de Anti-matéria, sem a qual, está claro que a física nuclear ficaria sem bases, perderia a sua validade.

Na Aurora do *Mahamvantara*, (Dia Cósmico), o Universo apareceu sob a forma de nuvem de plasma, ou seja, hidrogénio ionizado. Existem doze hidrogénios fundamentais no nosso Sistema Solar e isto foi já analisado pelos Grandes Mestres da Humanidade.

Foi nos dito que em tal soma de hidrogénios acham-se representadas doze categorias de Matéria, contidas no Universo, desde o Espaço Abstracto Absoluto, até ao Reino Mineral Submergido. A nuvem de plasma original apresenta-se ante a mente dos homens estudiosos em dupla forma. Um exame judicioso deste assunto permite-nos compreender que existe o plasma e o anti-plasma, sendo o que certo sábio denominou de “ambi-plasma”.

Os cientistas sabem muito bem através da observação e da experiência, que o intenso campo magnético que se forma nas Galáxias, origina a separação radical das partículas de acordo com a carga eléctrica. O plasma e o anti-plasma não somente são opostos, como ademais se encontram separados. Matéria e Anti-matéria coexistem separadamente e se condensam ou cristalizam em Estrelas.

Quando a Matéria e a Anti-matéria entram em contacto directo origina-se a destruição total da Matéria. O fundo vivo da Matéria é precisamente a Anti-matéria, porém entre essas ambas as formas de vida existe um campo neutro.

As Três Forças Primárias: Positiva, Negativa e Neutra governam certamente todo o mecanismo universal. No espaço infinito coexistem Matéria e Anti-matéria, Estrelas e Anti-estrelas. O Hidrogénio e o Anti-hidrogénio cristalizam com a Força Gravitacional, originando a Fusão nuclear. É assim, querido leitor, como os prótons da mesma classe se acumulam uns sobre os outros para formar todos os elementos da Natureza.

CAPÍTULO XII

AS ÁRPIAS

Enéias, o épico paladino troiano, navegando com a sua gente para as terras maravilhosas da antiga Hespéria, foi submetido a novas e espantosas provas.

Contam velhas tradições que se perdem na noite dos séculos que em alto mar, as pavorosas forças de Neptuno levantaram uma terrível tempestade, que se bem, (graças a Deus), não afundaram a sua nau, pelo menos, isso sim, fez perder o rumo a Palinuro, o mais hábil dos seus pilotos, depois de ter passado três noites sem estrelas.

Momentos horríveis foram aqueles em que os troianos se aproximaram às terríficas ilhas Estrófadas, que se encontram no mar Jónico e nas quais habitam as dantescas árpias, bruxas asquerosas com cabeça e pescoço de mulher e que antes eram formosas donzelas, mas agora transformadas em horríveis fúrias que com o seu abjecto contacto corrompem tudo quanto tocam.

Monstruoso exército, o das abomináveis árpias, capitaneadas outrora pela execrável Celeno e providas de longas garras, têm sempre estampado no rosto a palidez da fome.

O glorioso herói, com a sua gente, arribou àquela terra e desembarcou nela sem pensar em bruxas abjectas nem em horripilantes aquelarres. Famintos como estavam, os fortes descendentes de Dárdano, não tardaram a sacrificar formosas e reluzentes vacas que pastavam felizes na terra de ninguém.

Mas quando estavam no melhor do festim, desceram dos montes as árpias, grasnando como corvos e batendo as suas negras e repugnantes asas, aproximaram-se da comida infectando tudo com as suas bocas imundas. Horrendo aspecto o daquela carne infectada, o fedor infestava o ar, o banquete tornou-se asqueroso, repugnante, nauseabundo. Fugindo, os troianos, de tão sinistras damas transformadas em horripilantes passarocos, refugiaram-se em misteriosas covas afastadas da solarenga praia.

Porém para desgraça de tão ilustres guerreiros, quando se dispunham a comer, após sacrificar novas reses, voltaram aquelas malditas bruxas e danificaram de novo o alimento.

Furiosos, aqueles homens dispuseram-se ao ataque, armando-se de arcos a azagaias para exterminar tais árpias abomináveis, mas a sua asquerosa pele não se deixava atravessar pelo bronze e os seus flancos eram invulneráveis como o ferro.

Terrível maldição a que pronunciou Celeno, quando esvoaçando sobre as gloriosas cabeças dos valentes troianos, disse: *porque nos fazeis a guerra, insensatos? Os deuses nos tornaram imortais; não vos estamos a ofender sem motivo, porque vós haveis sacrificado muitas reses do nosso rebanho. Como castigo vou dar-vos uma maldição. Enéias e a sua estirpe andarão errantes por mar antes de encontrar a terra que buscam, e passaram fome. Não poderão levantar as muralhas da sua nova cidade até que, de tão famintos, se vejam obrigados a comer as próprias mesas.*

Surpreendidos e consternados os troianos rogaram aos deuses santos para que os livrassem de tais ameaças, e logo abandonaram aquela triste terra, embarcando de novo.

Sacrificar a “Vaca Sagrada” equivale de facto a invocar cruéis árpias de funestos presságios.

Torna-se oportuno citar aqui a simbólica vaca de cinco patas, extraordinária guardiã das terras “Jinas”.

H.P. Blavatsky viu realmente na Índia, uma vaca branca de cinco patas, a quinta saía da juba e com ela afugentava as moscas, etc. Tal animal era conduzida por um jovem da seita *Sâdhu*.

Se lermos as três sílabas da Cabala ao inverso, temos: La-Va-Ca, o símbolo vivo da Eterna Mãe-Espaço.

Em todas as Teogonias do Norte e do Sul, do Este e do Oeste do Mundo, sempre se menciona o elemento do Eterno Feminino da Natureza, a Magna Mater, da qual provem o “M” e o hieróglifo de Aquário. Ela é a Matriz Universal do Grande Abismo, a Vénus primitiva, a Grande Mãe-Virgem que surge das ondas do mar com Cupido-Eros, o seu filho, sendo uma variante, enfim, de “Gaia”, Gaea ou Terra que no seu aspecto superior é a *Prakriti* Hindu.

Lembre-mo-nos de Telémaco, descendo ao mundo das sombras para averiguar qual a sorte ocorrida a Ulisses, seu pai. Caminha o jovem sob a luz da Lua invocando a *Prakriti*, essa poderosa Deidade que sendo Selene no Céu, é ao mesmo tempo a casta Diana na Terra e a poderosa Hécate no mundo subterrâneo. Os dois desdobramentos ulteriores de Hécate-Proserpina, o quarto e o quinto aspecto de *Prakriti*, são negativos, constituindo a sombra da Eterna Mãe-Espaço, reflexos perdidos entre o espelho da Natureza.

Existem *Jinas* negros e brancos. As Árpias seguem o caminho tenebroso; Dante encontrou-as nos mundos infernos atormentando as submergidas almas em involução.

As Árpias são *Jinas* negros, utilizam os dois aspectos negativos e inferiores da *Prakriti*; com eles, metem o seu corpo dentro da 4ª. Dimensão para voar pelos ares.

Dentro da dimensão desconhecida, o corpo humano pode tomar qualquer forma; assim qualquer formosa donzela pode transformar-se num horripilante passaroco como um daqueles que Enéias encontrou nas tenebrosas ilhas Estrófadas.

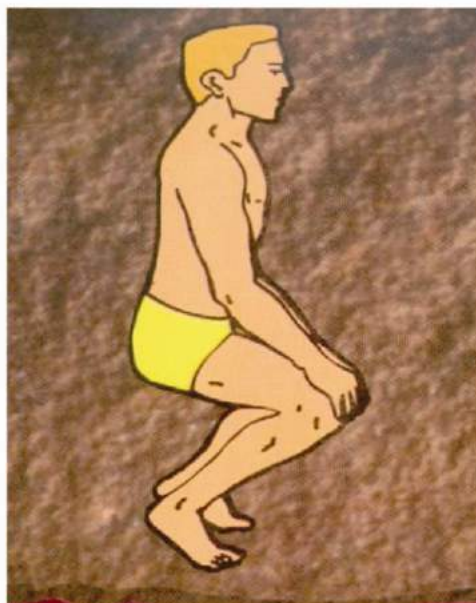
Caronte, o deus infernal, cuja velhice eterna é sempre melancólica e abominável, conduz as Árpias que passaram pelas portas da morte até à outra margem do mau rio. Lodosa corrente de águas negras com pantanosas margens imundas onde vagueiam os espectros dos mortos. Rio fatal onde navega a barca de Caronte, conduzindo os perdidos até às regiões sombrias, tétricas e obscuras do Reino Mineral Submergido.

Horível fim, o que aguarda às Árpias da execrável Celeno, involuir espantosamente no sub-mundo até petrificar-se e reduzir-se a poeira cósmica.

É justa a condenação de quem faz o mal. As fauces deles são como sepulcros abertos, eles não conheceram nunca o caminho da paz.

CAPÍTULO XIII

RUNA «SIG»



com
ao

do êxtase, à Comunhão dos Santos nas noites de meditação.

Difícil é,
efeito, o figurar-se
encanto, ao enlevo

Numa noite semelhante, foi quando o Patriarca Jacó, viva reencarnação do resplandecente Anjo Israel, apoiava a cabeça sobre a Pedra Filosofal, leu nos astros a promessa de uma posteridade inumerável e viu a misteriosa escala septenária, entre os céus e a terra, pela qual subiam e desciam os *Elohim*.

Somente na ausência do “Eu” podemos experimentar isso que é a “Verdade”, o “Real”, “Aquilo”...

Eu fui no Dia do Senhor, inquirindo, buscando, indagando “mistérios” sobre a minha derradeira hora. E vi e ouvi coisas que aos profanos e profanadores não lhes é dado compreender. E experimentei em forma directa o ocaso do “Eu”, o momento derradeiro, o final catastrófico do “Mim Mesmo”. E pude vivenciar a crucificação do Cristo Íntimo e a descida ao Santo Sepulcro. A luta contra Satã foi terrível... a minha esposa-sacerdotisa selou o meu sarcófago com uma grande pedra e sorriu docemente. Do Gólgota do Pai saíram vozes extraordinariamente divinas, raios e trovões.

Tudo isto me recorda a Runa “SIG”, o raio extraordinário do Sol Central: *SULU-SIG-SIG* é o nome secreto da espantosa víbora sagrada *Kundalini*.

A estrela de cinco pontas, é indubitavelmente uma repetição constante da Runa SIG, parece toda ela traçada com o zig-zag do raio. Nos antigos tempos os homens tremeram ante a Pentalfa.

“SIG”, nos Mistérios Arcaicos era o “Phalus”, e por este caminho voltamos ao “Maithuna”, (o Sexo-Yoga). “SIG”, é o Sol e a sua letra fundamental é a “Ssssss”, cujo

sábio prolongamento se converte na “subtil voz”, no silvo doce e aprazível que Elias escutou no deserto.

A Iniciação final está selada com o raio, com a Runa *SIG* e entre relâmpagos e trovões, escutam-se extraordinárias palavras: ... *meu Pai, nas tuas mãos entrego o meu Espírito.*

A espada flamejante, acesa, que se agita ameaçadoramente por todos os lados para guardar o caminho da “Árvore da Vida”, tem a extraordinária forma da Runa *SIG* e lembra-nos o zig-zag do Raio.

... infeliz o Sansão da Cabala que se deixa adormecer por Dalila; o Hércules da ciência, que troca o ceptro do poder pelo osso de Onfália; bem depressa sentirá a vingança de Dejanira e não lhe ficará mais remédio que a fogueira do monte Etna para escapar dos devoradores tormentos da túnica de Neso.

Infeliz daquele que se deixa seduzir pela Diabesa original, a mulher sem nome, rosa de perdição do Abismo infernal.

Desgraçado do Iniciado que cai embriagado nos braços da sanguinária Herodias, a árpia Gundrígia e outras centenas de mulheres.

Ai! Ai! Ai!, daqueles iniciados que sucumbam entre os beijos de fogo, não das mulheres, senão da “Mulher” por antonomásia, da Mulher-Símbolo, que não trata de seduzir grosseiramente com as sugestivas da mera sensação animal, senão com as artes mais páfidas e deliciosas do sentimentalismo subtil e do emocionalmente romântico.

A esses mais lhes valeria não ter nascido, ou pendurar uma pedra de moinho ao pescoço e atirar-se ao fundo do mar.

Desgraçados!... em vez de subirem ao Gólgota do Pai e descerem ao Santo Sepulcro, serão fulminados pelo terrível Raio da Justiça Cósmica; esses perderão a sua “espada flamejante” e descerão ao reino de Plutão, pelo caminho negro.

Em redor do trono de ébano do rei dos mundos infernos giram sempre tenebrosos, os lúgubres desvelos, os ciúmes espantosos que amarguram a existência, as cruéis desconfianças, as imundas vinganças cobertas de feridas e destilando sangue, os ódios abomináveis.

A roedora avareza devora-se sempre a si mesma sem misericórdia alguma e o asqueroso despeito desgarras as carnes com as suas próprias mãos, Enfim, aí estão, a louca soberba que tudo arruína miseravelmente, a infame traição que a si mesma sempre se defende e se alimenta de sangue inocente, sem jamais poder gozar do corrompido fruto das suas perfídias.

Aí se encontra o mortal veneno da inveja, que a si mesma se destroça quando não pode prejudicar a outrem; a crueldade que se precipita no abismo sem esperanças; as macabras e espantosas visões; os horríveis fantasmas dos condenados, espanto dos vivos; os monstros dos pesadelos e os cruéis desvelos que tanta angústia causam.

Todas estas e outras imagens fatais enrugam a testa horripilante do feroz Plutão e enchem o seu fatídico palácio. Telémaco, o filho de Ulisses encontrou no reino de Plutão a milhões de hipócritas fariseus, sepulcros branqueados, fingindo como sempre amor à religião, contudo cheios de soberba e orgulho.

Descendo o herói a regiões cada vez mais submersas, encontrou a muitos parricidas, e matricidas sofrendo espantosas amarguras; encontrou também a muitas esposas que haviam manchado as suas mãos com o sangue dos seus maridos; traidores que haviam atraído a sua pátria e violado todos os juramentos; contudo ainda que pareça incrível, estes padeciam aí menores penas que os hipócritas e simoníacos.

Assim o haviam querido os três juizes dos mundos infernos, porque diziam que os tais, não se contentavam em ser maus, como o resto dos perversos, senão que ademais

presumem de santos e com a sua falsa virtude desviavam as pessoas; as afastavam do caminho que conduz à Verdade.

Os deuses santos, dos que tão ímpia e solapadamente se hão rido no mundo e que os tornaram depreciados diante de toda agente, agora vingam-se com todo o seu poder dos insultos que para com eles foram inferidos.

O raio terrível da Justiça Cósmica precipita também no Abismo os bodhisattwas caídos que jamais quiseram levantar-se, a estes se os acusa de três delitos:

- 1) terem assassinado a Buda.
- 2) terem desonrado os Deuses.
- 3) muitos outros delitos.

Toda a Grande Obra; qualquer Juízo, sempre se sela através da Runa *SIG*, com a Espada Flamejante.

PRÁTICA:

Selai sempre todos os vossos trabalhos mágicos, invocações, orações, correntes magnéticas de cura, etc., com esta Runa: traçai com o dedo índice da mão direita estendido, o *zig-zag* do raio, ao mesmo tempo em que fazeis ressoar a letra “S”, alongando-a como o doce e aprazível silvo: (Ssssssssss... ..).

CAPÍTULO XIV

O Ain Soph

É necessário compreender, é urgente saber que no pobre animal intelectual, erradamente chamado homem, existem três aspectos perfeitamente definidos.

O primeiro destes aspectos é isso que se chama “Essência”, no budismo Zen, esta é denominada “Budhata”.

O segundo aspecto é a “Personalidade”; esta em si mesma não é o corpo físico, ainda que utilize este veículo para sua expressão no mundo tridimensional.

O terceiro aspecto é o diabo, o “Eu” pluralizado dentro década um de nós, o “Mim Mesmo”.

A “Essência”, o *Buddhata* dentro do homem é aquilo que tem verdadeira realidade, isso que é o próprio. A Personalidade é aquilo que não é o próprio, o que vem ao mundo exterior, o que se aprendeu no lar, na rua, na escola, etc., o Eu pluralizado é esse conjunto de entidades, diversas, distintas, que personificam todos os nossos defeitos psicológicos.

Mais além da máquina orgânica e destes três aspectos que se manifestam através dela, existem muitas substâncias, forças, princípios espirituais que em última síntese emanam do “*Ain Soph*”.

E o que é este “*Ain Soph*”? Nós dizemos em forma abstracta que é a “não- coisa” sem limites, absoluta. Contudo é necessário particularizar e concretizar algo mais para poder compreender. O “*Ain Soph*” é o nosso átomo super-divino, singular, especial, específico, próprio e super-individual.

Isto significa que em última síntese, cada um de nós, não é mais do que um átomo do Espaço Abstracto Absoluto; este é a estrela interior, atômica, que sempre nos tem sorrido.

Certo autor dizia: *levanto os meus olhos para o alto, para as estrelas, das quais me há-de chegar auxílio, porém eu sigo sempre a estrela que guia o meu interior.*

É claro que este átomo super-divino, não está encarnado, porém sim, encontra-se intimamente relacionado com o chacra *Sahasrara*, loto das mil pétalas, o centro magnético da glândula pineal.

Por mim, experimentei directamente o “*Ain Soph*”, no estado de meditação profunda. Um bom dia, não importa a data, nem a hora, consegui esse estado que no Hindustão se conhece como *Nirvi-kalpa-shamadhi*; então a minha alma se absorveu totalmente no *Ain Soph* para viajar pelo Espaço Abstracto Absoluto. A minha viagem iniciou-se na glândula pineal e continuou no seio profundo do Espaço Eterno.

E vi-me a mim próprio para além de toda a Galáxia de matéria ou anti-matéria, convertido num simples átomo auto-consciente.

Que feliz me sentia na ausência do “Eu”, e mais além do Mundo, da Mente, das Estrelas e das Anti-estrelas!

Aquilo que se sente durante o *Samadhi* é inexplicável, somente experimentando-o, se compreende. E entrei pelas portas do templo, inebriado de êxtase; vi e ouvi coisas que aos animais intelectuais não lhes é dado compreender. Queria falar com alguém, com algum sacerdote divino, e foi óbvio que consegui, e pude assim consolar o meu dolorido coração.

Qualquer um desses tantos “átomos auto-realizados” do *Ain Soph*, (o Espaço Abstracto Absoluto), aumentou o seu tamanho e assumiu ante a minha insólita presença, a venerável figura de um Ancião das Idades.

Da minha laringe criadora brotaram então espontâneas palavras que ressoaram no espaço infinito, e perguntei por alguém que conhecia no mundo das formas densas; a resposta de tão ínclito Mestre atômico foi certamente extraordinária: *«para nós, os habitantes do Ain Soph, a mente humana é o que é o reino mineral para vós»*. *«Nós examinamos a mente humana da mesma forma que vós examinais qualquer mineral»*.

Em nome da verdade tenho que dizer que tal resposta me causou assombro, admiração, estupefacção, surpresa. Depois veio a demonstração; aquele essencial amador estudou a mente da pessoa pela qual perguntei e deu-me a informação exacta. Já passaram muitos anos, contudo aquela experiência mística não a pude esquecer.

Tive a dita de dialogar com um *Kabir* atômico, para lá dos universos paralelos, no *Ain Soph*, porém nem todas essas estrelas atômicas do firmamento espiritual estão auto-realizadas. O átomo-génese, (*Ain Soph*) de qualquer pessoa que não tenha fabricado os seus corpos solares na Forja Acesa de Vulcano é certamente muito simples, não contém outros átomos.

Algo diferente são os átomos-génese auto-realizados, em que na Ciência Oculta chamamos *Ain Soph Paranishpanna*; estes contêm dentro de si mesmos quatro átomos-semente, que em Alquimia se representam simbolicamente com estas quatro letras: C; O; N; H, (Carbono, Oxigénio, Nitrogénio, Hidrogénio).

Uma noite qualquer de verão, interrogava a um grupo de estudantes gnósticos, dizendo-lhes: *... se no final de um Mahanvantara devemos desintegrar os corpos solares fabricados com tanto esforço na Nona Esfera, então para que os fabricamos?»*. Sobra dizer que nenhum dos irmãos pode dar a resposta certa; tive então que explicar: *... «é claro, disse-lhes, que ao chegar o Grande Pralaia, (Noite Cósmica), o Ain Soph absorve as Três Forças primárias e desintegra os quatro corpos, contudo retém e atrai para a sua esfera interior os quatro átomos-semente correspondentes aos quatro corpos»*.

«Assim, pois, dentro do Ain Soph Paranishpanna, quer dizer, auto-realizado, existem as três forças primárias e os quatro átomos-semente. A letra “C” simboliza o Corpo da Vontade Consciente; a “O” corresponde ao veículo da Mente-Cristo; o “N” relaciona-se com o Astral Solar; o “H” alegoriza o Corpo Físico».

“Na Aurora do Mahamvantara, (Dia Cósmico), o Ain Soph Paranishpanna reconstrói os seus quatro corpos mediante os seus correspondentes átomos-sementes. Os quatro corpos constituem o Mercabah Hebreu, o carro dos séculos, o veículo solar do Ain Soph Paranishpanna, o “Não-coisa” sem limites, absoluta. Os quatro corpos assumem a forma do Homem celeste manifestado, o veículo para descer e manifestar-se no mundo dos fenômenos”.

CAPÍTULO XV

O REI HELENO

Quando Enéias, o épico paladino troiano se aproximava do rico palácio do rei Heleno, viu com assombro, admiração e grata surpresa, aquela mulher chamada Andrômaca, que fora esposa de Hector o troiano, morto gloriosamente na batalha ao pé dos invictos muros de Tróia.

Enéias deu graças aos deuses santos, (Anjos, Arcanjos, Principados, Potestades, Virtudes, Dominações, Tronos, Querubins e Serafins do Cristianismo); agradeceu desde o fundo do seu coração a estes inefáveis seres, por terem libertado esta mulher, impedindo os aqueus de a levarem cativa a Micenas.

Nobre mulher, agora esposa de Heleno, o rei adivinho, o esplêndido monarca que no seu régio palácio ofereceu rica hospitalidade aos troianos.

Enéias encontrou-a num bosque sagrado e tinha, junto de si, numa magnífica urna de ouro as cinzas queridas de Hector, o seu antigo esposo.

“... és realmente tu, Enéias, quem estou vendo? Estás vivo ou és uma aparição? Oh Deuses! E se vives, diz-me: porque não vive já o meu Héctor?” Exclamou assim a nobre mulher e logo desmaiou.

A infeliz havia sido cativa pelo terrível Pirro, malvado e astuto guerreiro, assassino do ancião Príamo.

Felizmente a sorte da coitada mulher mudou de forma radical, depois que Pirro ter morrido às mãos do temível Orestes, então casou-se com o bom rei Heleno.

Sabemos que ao terceiro dia, Enéias foi levado por Heleno a uma caverna solitária com o objectivo de consultar a vontade de Apolo.

O mais importante das suas predições consistiu em dizer-lhe que ainda estava longe de chegar ao término da sua viagem e instalar-se definitivamente na terra que outrora fora a antiga Hespéria.

Lhe anunciou que devia ir consultar a Sibila de Cumas, aquela divina profetiza que escrevia os seus mágicos versos nas folhas de uma corpulenta árvore que estava junto da sua gruta.

Conta a lenda dos séculos que de vez em quando, qualquer ventoso furacão fazia cair as proféticas folhas verdes e os versos misturavam-se e revolvendo-se extraordinariamente formando frases ininteligíveis para os profanos e por tal motivo muitos dos consultantes saíam amaldiçoando a Sibila.

Sem sombra de dúvida podemos afirmar categoricamente que só os homens de consciência desperta podiam entender as estranhas frases e os misteriosos enigmas da Sibila de Cumas.

Também predisse Heleno a Enéias que navegaria junto a Éscila e Caribdis; que passaria perto da terra dos ciclopes, porém que se abstinésse de entrar em Ítaca pela costa meridional que naquela época estava povoada pelos terríveis gregos.

Por último, o bondoso rei Heleno aconselhou Enéias, o ilustre paladino troiano, que procurasse o amor da Deusa Juno, fazendo piedosos sacrifícios; esta divindade sempre se havia mostrado inimiga dos troianos.

O vento faz inchar as brancas velas sob a luz do plenilúnio, o remo luta com suave indiferença, Palinuro consulta as estrelas e as naus afastam-se dos senhoriais domínios do rei latino, enquanto Andrômaca chora a partida dos troianos.

Heleno, rei iluminado, profeta de Apolo, brindastes régia e magnífica hospitalidade aos troianos e logo cheio de amor interrogastes ao Deus do Fogo, preocupado pelo teu amigo Enéias.

Heleno, fostes tu, oh Deuses, que aconselhastes a tão ínclito varão troiano a visitar a Sibila de Cumas.

Ao chegar a esta parte do nosso presente capítulo, vem à minha memória todas aquelas sacerdotisas de Eritreia, Endor, etc. Por todo o lado onde houvesse uma destas santas Sibilas, é evidente que existia também um mistério délfico, Báquico, Cabírico, Dáctilo ou Eleusino.

Os deuses e os homens sábios jamais poderão esquecer a tremenda importância de que se revestiram os Mistérios nos antigos tempos; a eles se deveram tanta fama e grande renome, Sais, Mênfis e Tebas no velho Egipto dos faraós.

Formidáveis foram os colégios iniciáticos de Bibractis e Alexis entre os galos druidas. Inefáveis e indescritíveis por sua beleza e esplendor foram os mistérios de Heliópolis, na Síria, de Tara, na Irlanda, etc.

Os druidas, sacerdotes dos celtas, praticavam no dizer de Plínio, a magia e os mistérios nas suas grutas, como também o comprovam, César e Pomponio Mela.

Os austeros e sublimes hierofantes druidas, coroados com folhas de carvalho, reuniam-se solenemente sob a pálida luz da Lua para celebrarem os seus Grandes Mistérios, especialmente na Páscoa, na Primavera, quando a vida ressuscita com pujança e gloriosa.

Os colégios iniciáticos fecharam-se no Oriente com a barbárie militar de Alexandre e no Ocidente com a violência Romana.

A cidade de Cote-d'Ór, junto a St. Reine, foi certamente a tumba para a iniciação druídica; todos os Mestres e Sibilas foram vilmente degolados pelas hordas sanguinárias de Roma, sem consideração alguma.

Igual sorte fatal e dolorosa coube a Bibractis, a émula gloriosa de Mênfis e seguiram-se em número de vítimas, Atenas e Roma, cujo colégio druida contava com 40.000 alunos de Astrologia, Ciências Ocultas, Filosofia, medicina, Jurisprudência, Arquitectura, Literatura, Gramática, etc.

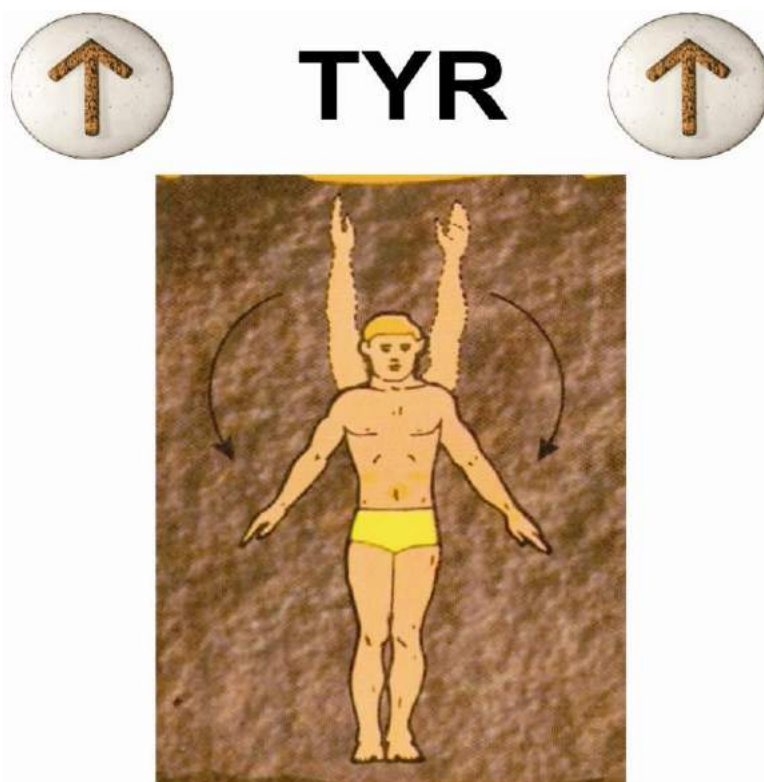
O *misterium* latino, é o grego *teletai*, cuja raiz original se encontra na palavra *teleuteia*, morte. Vã coisa é a morte do corpo físico, o importante é a destruição total do “*Mim Mesmo*”.

A iluminação das Sibilas de Cumas, o esplendor das sacerdotisas de Eritreia, o êxtase de um *Mahâtma*, tudo isso é para gente que passou verdadeiramente pela “grande morte”.

O “despertar da consciência”, a mudança radical e absoluta, torna-se impossível sem a morte do “Eu” pluralizado. Somente morrendo, advém o novo. O caminho da vida está formado com as marcas dos cascos do cavalo da morte.

CAPÍTULO XVI

RUNS «TIR»



que

perfumam o ambiente, sinetas que chamam; detente sombra do meu bem, bela ilusão do dia, porque a noite chegou.

Noite deliciosa, tachada de estrelas, permite-me que te ofereça o oásis do velho parque do meu coração dorido.

Pássaros
cantam, arroios que
saltam, rosas que

Estamos em Dezembro, porém com o teu cantar romântico se terá rosas de um mês de Maio.

Quisera eu adivinhar que voz é essa que sempre nega as coisa vãs, que as rejeita, que as repudia com um nó que é ódio e que promete muitos “s”.

Noite divina, hei-me aqui, por fim a sós comigo mesmo, escutando as vozes de Isaías, teu clamor insinuante que me nomeia.

Noite encantadora, Urânia, minha vida, por ti, o estar enfermo é estar são; nada são para ti os contos que na remota infância divertem o mortal, porque tens melhor odor

que a fragrância de encantadores e sonhadores jardins, e porque és mais diáfana, meu bem, que o diáfano palácio de cristal.

Com ardor fecundo, sem incidente algum, com piedosa simplicidade, atravessei as ruas da cidade da capital de México. Cidade banhada à meia-noite por cristais inefáveis, limpos de toda a névoa.

Quem, gritando o meu nome, à morada recorre? Quem me chama na noite de tão delicioso acento? É um sopro de vento que soluça na torre, é um doce pensamento.

E subi à velha torre da catedral metropolitana, cantando o meu poema com a voz do silêncio.

Perderam-se as neblinas nos picos das montanhas. De terras que sofreram tremendas convulsões, crateras, vômitos e lavas, surgiram como encanto para deliciar os olhos de Iztacihuatl e de Popocatepetl, os dois vulcões lendários, que como guardiães milenares custodiavam o vale de México.

E para além das montanhas longínquas, vi mundos e regiões inefáveis, impossíveis de descrever com palavras; *olha o que te aguarda!* Disse-me uma voz generosa que dava música ao vento. Canção que ninguém escutava e que vai soando e soando para onde quer que eu vá e em cujas notas parece que sinto a minha própria voz.

E ao descer da torre, alguém me seguia, era um chela ou discípulo. Grande foi a minha alegria, sentia-me inebriado por uma deliciosa voluptuosidade espiritual; o meu corpo não pesava nada, movia-me na forma astral, o meu veículo físico, há tempo que o havia abandonado.

Já no átrio da velha catedral, ao pé dos vetustos muros que foram mudas testemunhas de tantas contendas, galanteios e desafios durante vários séculos, vi um matizado e pitoresco conjunto de homens e mulheres, crianças e velhos que por todo o lado, vendiam as suas mercadorias.

E sentado tal qual um *yogue* oriental, junto ao muro e debaixo da torre, num ângulo anexo da velha cátedra, um ancião azteca de idade indecifrável, meditava.

Qualquer adormecido teria podido confundir-lo facilmente como um mercador mais; ante si e no chão frio de pedra, tinha o venerável um objecto misterioso, uma sacra relíquia azteca.

Humilhado, confundido e abatido ante este santo e venerando indígena, tive de me prosternar reverentemente. O ancião abençoou-me.

O meu chela, (discípulo) que seguia os meus passos, parecia um sonâmbulo, a sua consciência dormia profundamente e sonhava... de repente algo acontece, inclina-se como para apanhar algo e sem o menor respeito colhe a intocável relíquia, a observa em suas mãos com infinita curiosidade e eu fico francamente horrorizado ante este procedimento.

Isto pareceu-me terrível, e exclamei: *O que é que tu estás a fazer? Estás a cometer um grande sacrilégio. Por Deus, retira-te daqui, deixa essa relíquia no seu lugar.*

Contudo o Mestre, cheio de infinita compaixão, replicou: *ele não tem culpa de tudo isto; está adormecido.*

Depois, como todo um viandante do caminho que quer levar ao coração aflito um bálsamo precioso, agarra a cabeça do adormecido neófito, alenta no seu rosto, o *fohat* vivente, com o propósito de despertá-lo, mas tudo resulta inútil, o chela continua adormecido, em sonho.

Cheio de profunda amargura, disse: *e como tanto tenho lutado lá no mundo físico para que estes despertem a sua consciência e contudo, todavia continuam adormecidos.* O chela havia assumido uma figura gigantesca; o “Eu” pluralizado, (esse conjunto de entidades distintas, diversas), metido dentro dos corpos lunares, dava-lhe tal aspecto.

Tornava-se curioso ver aquele gigante descomunal de cor acinzentada, caminhando lentamente como um sonâmbulo pelo átrio vetusto da catedral anexa, afastando-se de nós, rumo a casa onde o seu corpo físico dormia. Nesse momento não pude menos que exclamar, dizendo: *que corpos lunares tão feios*. Porém o venerando ancião, inebriado pela compaixão, respondeu-me: *no templo onde tu vais entrar agora, (um templo Jinas), há muitos como este, olha-os com simpatia. É claro que os olharei com simpatia; respondi.*

Falemos agora de reencarnação. Reencarnar-se-ão por acaso estas criaturas lunares? Poderia existir reencarnação onde não existe individualidade?

A doutrina de Krishna, no sagrado País do Ganges, ensina que somente os deuses, semi-deuses, heróis, devas e titãs, se reencarnam. Por outras palavras diremos que só os auto-realizados, aqueles que já têm encarnado o Ser, podem reencarnar-se.

O Ego, o Eu pluralizado, não se reencarna, está submetido à lei do Eterno Retorno de todas as coisas, regressa a uma nova matriz, volta a este Vale do *Samsara*, reincorpora-se.

PRÁTICA:

As práticas correspondentes à Runa TIR, consiste em colocar os braços ao alto e baixa-los à semelhança de concha, fazendo ressoar o mantra Tiiiiiiiirrrrrr... .. ,

(alongando o som das letras I... .R... .., para despertar a consciência).

O “T” ou “Tau” golpeia na consciência para despertá-la. O “I” trabalha intensamente com o sangue, veículo da Essência e o “R”, ademais de intensificar a circulação sanguínea nos vasos e nas veias, opera maravilhas com as chamas ígneas, intensificando e estimulando o “despertar”.

CAPÍTULO XVII

A MEDITAÇÃO

Informação intelectual não é vivência. Erudição não é experimentação. O ensaio, a prova, a demonstração exclusivamente tridimensional, não é unitotal, íntegra.

Tem que existir alguma faculdade superior à mente, independentemente do intelecto, capaz de nos dar conhecimento e experiência directa sobre qualquer fenómeno.

Opiniões, conceitos, teorias, hipóteses, não significam verificação, experimentação, consciência plena sobre tal ou qual fenómeno.

Somente libertando-nos da mente podemos vivenciar de verdade isso que há de real, aquilo que se encontra em estado potencial, por detrás de qualquer fenómeno.

Mente existe em tudo; os sete cosmos, o mundo, as luas, os sóis, não são mais do que substância mental cristalizada, condensada.

A mente também é matéria, ainda que mais rarefeita. Substância mental existe nos reinos mineral, vegetal, animal e humano.

A única diferença existente entre o animal intelectual e a besta irracional é isso que se chama intelecto. O bípede humano deu à mente forma intelectual.

O mundo não é mais do que uma forma mental ilusória que se dissolverá inevitavelmente ao fim de um grande dia cósmico.

O que é a minha pessoa, o teu corpo, os meus amigos, as coisas, a minha família, etc., são no fundo isso o que os hindus chamam *mâiâ*, (ilusão), formas mentais vãs que tarde ou cedo devem reduzir-se a poeira cósmica.

Os meus afectos, os seres mais queridos que me rodeiam, etc., são simples formas da mente cósmica, não têm existência real.

O dualismo intelectual, tal como o prazer e a dor, o louvores e o vitupério, o triunfo e a derrota, a riqueza e a miséria, constitui o doloroso mecanismo da mente.

Não pode existir verdadeira felicidade dentro de nós enquanto sejamos escravos da mente.

É urgente montar no burro, (a mente) para entrar na Jerusalém celestial em Domingo de Ramos. Infelizmente hoje em dia, o asno monta em nós, míseros mortais do lodo da terra.

Ninguém pode conhecer a *Verdade* enquanto seja escravo da mente. Isso que é o *Real*, não é uma questão de suposições, mas sim de experiência directa.

Jesus, o grande Rabino, disse: *conhececi a Verdade, e esta vos fará livres*. Porém, digo-vos, a *Verdade* não é questão de afirmar ou negar, crer ou duvidar; temos que experimentá-la directamente na ausência do “Eu”, mais além da mente.

Quem se liberta do intelecto pode experimentar, vivenciar, sentir, “*um elemento*” que transforma radicalmente. Quando nos libertamos da mente, esta converte-se então num veículo dúctil, elástico, útil, mediante o qual nos expressamos conscientemente neste mundo.

A “lógica superior” convida-nos a pensar, que libertar-se, emancipar-se da mente, safar-se de todo o seu mecanicismo, equivale de facto a “despertar a consciência”, a terminar com o automatismo.

Aquilo que está para além da mente é *Brahama*, o *Eterno Espaço Incrindo*, isso que não tem nome, o “Real”.

Porém, vamos ao grão: quem, ou o que é que deve safar-se, libertar-se da mortificante mente?

Torna-se óbvio responder a estas interrogações, dizendo:-a consciência-, o princípio búdico interior, isso que há de alma em nós; é o que pode e deve libertar-se.

A mente só serve para nos amargar a vida. A felicidade autêntica, legítima, real somente é possível quando nos emancipamos do intelecto.

Contudo devemos reconhecer que existe um inconveniente, um obstáculo maiúsculo, um óbice para esse anelo de libertação da Essência. Quero referir-me ao tremendo batalhar das antíteses.

A Essência, a consciência, ainda que de natureza búdica, vive infelizmente engarrafada entre o aparatoso dualismo intelectual dos opostos; sim e não, bom e mau, alto e baixo, meu e teu, agradável e desagradável, prazer e dor, etc.

Com clareza torna-se brilhante compreender a fundo que quando cessa a tempestade no oceano da mente e termina a luta dos opostos, a Essência escapa-se, submerge-se naquilo que é o Real.

O que difícil, laborioso, árduo e penoso, é conseguir silêncio mental absoluto em todos e em cada um dos quarenta e nove departamentos subconscientes da mente.

Alcançar, obter a quietude e o silêncio no mero nível superficial ou em uns quantos departamentos subconscientes, não é suficiente porque a Essência continua enfrascada entre o dualismo submergido, infra-consciente e inconsciente.

Mente em branco é algo demasiado superficial, oco e intelectual: precisamos de “reflexão serena”, se é que de verdade queremos conseguir a quietude e o silêncio absoluto da mente.

A palavra chinesa “*Mo*” significa silencioso ou sereno; a palavra “*Chão*”, significa reflectir ou observar. Por conseguinte “*Mo-Chão*” pode traduzir-se por “Reflexão Serena” ou “Observação Serena”.

Mas torna-se óbvio compreender que em Gnosticismo puro, os termos “Serenidade” e “Reflexão” têm acepções muito mais profundas e por isso devem compreender-se dentro das suas conotações especiais.

O sentido de “sereno” transcende isso que normalmente se entende por calma ou tranquilidade, implica um estado superlativo que está para além dos raciocínios, desejos, contradições e palavras; designam uma situação fora do bulício mundano.

Do mesmo modo, o sentido de “reflexão” está mais além disso que sempre se entende por contemplação de um problema ou ideia. Não implica aqui actividade mental ou pensamento contemplativo; senão uma espécie de consciência objectiva, clara e reflexa, sempre iluminada na sua propria experiência.

Portanto, “sereno”, é aqui a “serenidade do não-pensamento” e “reflexão”, significa, “consciência intensa e clara”. “Reflexão Serena” é a clara consciência na tranquilidade do não-pensamento. Quando reina a serenidade perfeita, consegue-se a verdadeira iluminação profunda.

CAPÍTULO XVIII

O DISFORME GIGANTE “POLIFEMO”

Recordai, homens e deuses, aquela terra maldita onde antes habitara imundo o disforme gigante Polifemo, sempre acompanhado de irmãos seus, iguais a ele na crueldade e em monstruosa estatura.

Ulisses, o astuto guerreiro, destruidor de cidades, acompanhado da sua gente, refugiou-se na gruta do ogro e este sem respeitar qualquer hospitalidade começou a devorar a todos os hóspedes.

Porém o sagaz guerreiro, hábil, manhoso e fino em toda a classe de enganos, conseguiu embriagar com delicioso vinho aquele descomunal gigante farto de carne humana.

Dormia o monstro, de costas no solo, perto do lugar onde habitava e vomitava vinho misturado com restos de carne daqueles que havia inumanamente sacrificado.

Oportunidade nada desprezável para um guerreiro metido na boca do lobo e é claro que o rei de Ítaca, Ulisses soube retirar bom partido dela.

Dizem os entendidos que o astuto guerreiro, dissimulado e artemista como ninguém, pegou numa estaca de ferro pontiaguda endurecido ao fogo e cravou-a sem consideração alguma no olho frontal do colosso, fugindo depois precipitadamente para longe daquela caverna.

Enéias, o ínclito varão troiano, pode verificar a realidade desta história quando navegava rumo às terras do Lácio.

Desembarcou com a sua gente naquela terra inóspita, escutou o relato dos lábios de Aqueménides, viu comparecer Polifemo por entre os seus rebanhos, e dirigiu-se para o mar pelo lado em que havia um alto alcantilado.

Possuídos de pânico, os troianos embarcaram sigilosos levando consigo a Aqueménides, e cortaram as amarras.

O gigante sentiu o bater dos remos e ainda que nem pensasse perseguir os navegantes, clamou em alta voz tal como um rugido de leão, e logo apareceram cem titãs semelhantes em estatura aos altos cedros ou aos pinheiros que adornam o bosque sagrado de Diana. Estes são pois os gigantes da antiguidade, os Gibborim de ante e pós-diluvianos da Bíblia.

Vem à minha memória as cinco estátuas de Bamião redescobertas pelo famoso viajante chinês Hiouen Thsang.

A maior representa a primeira raça humana, cujo corpo protoplasmático semi-etérico, semi-físico, está assim comemorado na dura e imortal pedra, para instrução das gerações futuras, pois de outro modo a sua recordação nunca teria sobrevivido ao Dilúvio atlante.

A segunda de cento e vinte pés de altura, representa com inteira clareza ao “nascido do suor”, a raça Hiperbórea.

A terceira mede sessenta pés e imortaliza sabiamente a raça Lemur que habitou no continente Mú ou Lemúria, situada no Oceano Pacífico; os seus últimos descendentes acham-se representados nas famosas estátuas encontradas na Ilha de Páscoa.

A quarta raça, representada pela correspondente estátua, viveu no continente Atlante, situado no Oceano Atlântico e foi ainda mais pequena, ainda que gigantesca em comparação com a nossa actual quinta raça.

A última destas cinco imagens vem a ser um pouco mais alta que a média das pessoas altas da nossa raça actual. É óbvio que essa estátua personifica a humanidade Ária que habita nos actuais Continentes.

Existem por aí em todos os cantos do mundo, ruínas ciclópicas e pedras colossais como testemunho vivo dos gigantes. Nos antigos tempos existiram pedras gigantes que andavam, falavam, pronunciavam oráculos e até cantavam.

A “Pedra de Cristo”, a Rocha Espiritual que seguia Israel, escrito está, que se converteu em Júpiter Lapix, devorado pelo seu pai Saturno, sob a forma de penedo.

Se nunca tivessem existido gigantes que movessem rochas tão colossais, jamais teriam realidade, um Stonehenge, um Carnac, (Bretanha) e outras semelhantes construções ciclópicas.

Se nos tempos idos não tivessem existido sobre a face da Terra, a verdadeira e legítima Ciência Mágica, jamais haveria tantos testemunhos de falantes pedras oráculos.

Num poema atribuído a Orfeu, estas pedras são divididas em “ophités” e “siderités”; a pedra-serpente e a pedra-estrela.

A “ophités” é áspera, dura, pesada, negra e tem o dom da fala; quando alguém vai tirá-la, produz um som semelhante ao grito de uma criança. Por meio desta pedra foi como heleno predisse a ruína de Tróia, a sua querida Pátria.

Antiquíssimos documentos sagrados afirmam que Eusébio, jamais na vida se separava das suas ophités e que delas recebia oráculos proferidos por uma vozinha que se parecia a um ténue silvo, o mesmo que escutou Elias ou Elijah depois do terramoto na entrada da cova.

A famosa pedra de Westminster era chamada Liafail, a pedra falante e só elevava a sua voz para nomear o rei que devia ser eleito. Essa pedra tinha uma inscrição, agora apagada pelo pó dos séculos, que dizia: *ni fallat fatum, scotii quocum que locatum invenient lapidem, regnaset tandem ibidem*.

Suidas fala de um homem que podia distinguir só de olhar, as pedras inanimadas das que estavam dotadas de movimento. Plínio, menciona pedras que se afastavam quando uma mão se aproximava delas.

As pedras gigantes de Stonehenge eram chamadas antigamente “Chior-Gaur” ou o Baile dos Gigantes.

Vários autores muito eruditos, ao falar sobre as ruínas de Stonehenge, Carnac e West Hoadlei, dão informações maravilhosas sobre este assunto tão especial.

Nessas regiões encontram-se imensos monólitos, chegando alguns a pesar quinhentas toneladas. Foram os gigantes dos antigos tempos, os que um dia puderam levantar essas moles, colocando-as em forma perfeitamente simétrica e assentá-las com tal equilíbrio maravilhoso que parece que apenas tocam o solo e que ainda mesmo o contacto mais ligeiro de um dedo as põem em movimento, resistiriam contudo à força de vinte homens que tentassem deslocá-las.

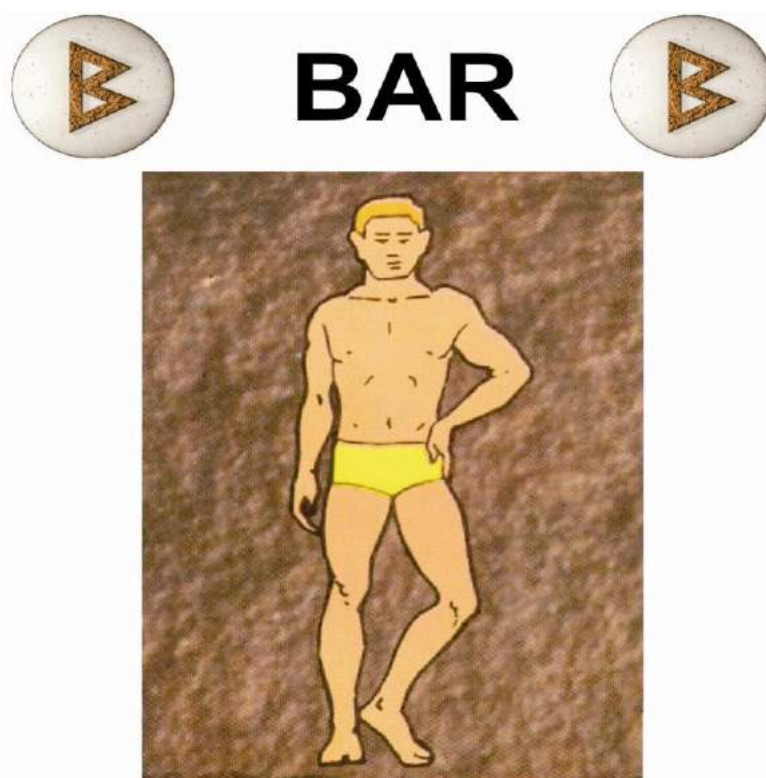
Foram gigantes os que transportaram as pedras para a construção das pirâmides do Egipto.

As “pedras” oscilantes foram um meio de adivinhação usado pelos gigantes, porém, porque oscilam? As maiores delas são evidentemente relíquias dos Atlantes, as

mais pequenas, como as rochas de Brimham, com pedras giratórias na sua cúspide, são cópias dos Lithoi mais antigos.

CAPÍTULO XIX

RUNA «BAR»



Falando na língua de ouro, no ouro puríssimo da divina linguagem, descobrimos com místico assombro, que “BAR”, em Sírio, significa “filho”. “Barão” em si mesmo decompõe-se em duas sílabas sagradas: “Bar” e “ÃO”, que se traduzem inteligentemente como “Filho da Terra”.

Cristo o Logos Solar, é algo muito mais profundo; na língua Aramaica, é “Bar-Ham”, o Filho do Homem. Na realidade o Christos ou Chrestus cósmico triunfante, não é Jesus, contudo esteve Nele encarnado, tampouco é Buda, porém floresceu nos seus lábios fecundos feito Verbo, não foi Moisés, mas resplandeceu na sua face no Monte Nebo, não foi Hermes, contudo viveu nele incorporado. O Senhor está desprovido de individualidade.

Ao que sabe, a “palavra” dá poder, ninguém a pronunciou, ninguém a pronunciará, senão somente aquele a tem encarnada.

... é necessário que todo o Filho do homem, (chame-se Jesus, Buda, Krishna, ou como se lhe queira chamar), padeça muitas coisas, e que seja rejeitado pelos anciãos, (os que são tidos no mundo como prudentes, sensatos, discretos), e pelos príncipes dos sacerdotes, (homens constituídos em autoridade mundana), e pelos escribas, (os que no mundo são tidos como sábios), que seja entregue à morte e que ressuscite ao terceiro dia... e ainda vos digo, em verdade alguns não verão a morte até que vejam por si próprios o Reino de Deus.

... quem deseje vir até mim, negue-se a si mesmo, (dissolva o Eu), tome dia após dia a sua cruz e siga-me.

... porque aquele que quiser salvar a sua alma, (o egocêntrico), perdê-la-á, e o que por amor a mim, não se importar de perder a sua alma, (o que queira morrer em si mesmo), esse salvá-la-á.

... porque de que serve a um homem granjear as riquezas do mundo, se prejudica e se perde a si mesmo?

Pois quem se afronta de mim e das minhas palavras, afronta o Filho do homem, ao pai e aos seus anjos, ainda mesmo que viesse com toda a majestade.

Ao estudar-se a gramática cósmica podemos verificar que existe uma íntima relação entre as Runas TIR e BAR.

“TIR” corresponde esotericamente ao signo zodiacal de Peixes e “BAR” resplandece abrasadoramente na brilhante constelação de Ares; isto lembra-nos a oculta relação existente entre a água e o fogo, a morte e a vida.

Se colocarmos ante a sagrada sílaba “Ar” um “B”m queremos indicar com isso a necessidade de trazer Sol à Terra. “Ar-Barmam” é o nome primitivo de Abraham.

Encarnar o Cristo dentro de nós próprios, é o que se torna vital, cardinal, fundamental para nos convertermos num Filho do homem, somente assim temos pleno direito de ingressar à *Ordem de Melquisedeque*.

Torna-se oportuno lembrar o “filho da terra”, os moradores do mundo, a raça lunar que assim como a água pôs fim à História antiga, assim também o fogo destruirá muito rapidamente tudo aquilo que tenha vida.

Ai! Ai! Ai! dos moradores da Terra; ai!, desta raça perversa de Adão.

... o dia do Senhor virá como um ladrão na noite; no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos ardendo serão destruídos, e a Terra, com as obras que nela há serão queimadas.

É bom que saibam os filhos da terra, que a raça solar mora nessas terras *Jinas* das mil e uma noites.

É urgente, indispensável, necessário convertermo-nos realmente em reis e sacerdotes da Natureza, segundo a *Ordem de Melquisedeque*; somente assim seremos salvos.

Podemos e devemos afirmar com clareza que entre as múltiplas facetas inquietantes da vida existe ao nosso lado uma humanidade que nos é invisível devido aos nossos pecados e abusos sexuais.

Com a anuência dos muito veneráveis e respeitáveis Mestres, é-me permitido informar à gente lunar que a *Ordem de Melquisedeque* tem muitas confrarias; recordemos tão só por um momento o “Monsalvat Transcendente”, o exótico “Shamballa”, a “Ilha Sagrada do Norte”, situada na Calota Polar, a “Ordem divina do Tibete”, a qual tenho a honra de pertencer, etc.

É óbvio que tais organizações inefáveis tornam-se inabordáveis devido ao Véu de Ísis.

Convém explicar às pessoas que o véu adâmico sexual somente pode ser levantado pelo Cristo Íntimo.

O Filho do Homem nasce do Fogo e da Água, esta é a Religião-Síntese, a *Doutrina de Jano*, com as suas três letras radicais: I.A.O.

O “filho da terra” detesta esta Doutrina, o seu lema é: «comamos e bebamos, porque amanhã morreremos». Escrito está que a raça Atlante foi tragada pelo Averno, somente foram salvos os “*Filhos do Sol*”.

De acordo com a lei de Recorrência, este acontecimento repetir-se-á. Torna-se patente, notório, evidente, o ingresso da humanidade actual à involução submergida do organismo planetário em que vivemos.

Existem três Igrejas:

1ª) a *Triunfante*; representada brilhantemente pelos poucos “Cavaleiros do Graal”, que têm resistido puros.

2ª) a *Fracassada*, a daqueles que detestam a “Pedra Iniciática”.

3ª) a *Militante*, a desses outros que tal como Maria Madalena, Paulo de Tarso, Kundri e Amfortas, todavia se rebelam contra o fogo luciférico sedutor.

A “Igreja Triunfante” é evidentemente a dos Irmãos que têm prosseguido já pelo áspero Caminho de Salvação: “*per áspera, ad nostra*”, como diz o lema latino; verdadeiros Filhos de Deus, no mais belo sentido místico.

Filhos de Deus e Filhos do homem, em Esoterismo Cristão são sinónimos. Esses são os cavaleiros do Santo Graal.

PRÁTICA ESOTÉRICA:

Combine-se inteligentemente os exercícios da Runa “BAR” com os da Runa “TIR”.

Coloque-se os braços ao alto e baixe-se-os em forma de concha, cantando os mantras “Tir” e “Bar”, deste modo:

Tiiiiirrrrr... ..Baaaaarrrrr... ..

Objectivo desta prática:

1º) Misturar sabiamente dentro do nosso organismo íntimo as forças mágicas das duas Runas.

2º) Despertar a consciência.

3º) Acumular intimamente átomos crísticos de altíssima voltagem.

CAPÍTULO XX

AS DEZ REGRAS DA MEDITAÇÃO

A meditação científica tem dez regras fundamentais, sem as quais tornar-se-ia impossível emancipar-nos, libertar-nos das grilhetas mortificantes da mente.

1ª. Regra: Tornamo-nos completamente conscientes do estado de ânimo em que nos encontramos antes que surja qualquer pensamento.

2ª. Regra: *Psicanálise*; investigar a raiz, a origem de cada pensamento, recordação, afecto, emoção, sentimento, ressentimento, etc., conforme vão surgindo na mente.

3ª. Regra: Observar serenamente a própria mente, pôr atenção plena a toda a forma mental que faça a sua aparição no ecrã do intelecto.

4ª. Regra: Tratar de recordar, rememorar, esta *sensação de contemplar*, de momento a momento, durante o curso comum e corrente da vida diária.

5ª. Regra: O intelecto deve assumir um estado psicológico receptivo, íntegro *unitotal*, pleno, tranquilo, profundo.

6ª. Regra: Deve existir continuidade de propósitos na técnica da meditação, tenacidade, firmeza, porfia, constância.

7ª. Regra: Torna-se agradável, interessante, assistir cada vez que se possa às “salas de meditação”, (*Lumisiais Gnósticos*).

8ª. Regra: É peremptório, premente, necessário, convertermo-nos em vigias da nossa própria mente, durante qualquer actividade agitada, inquietação; deter-nos mesmo que seja por breves instantes para observá-la.

9ª. Regra: É imprescindível, necessário praticar sempre com os olhos fechados a fim de evitar as percepções sensoriais externas.

10ª. Regra: Relaxamento absoluto de todo o corpo e sábia combinação da meditação com o sono.

Estimado leitor, chegou o momento de apreciar, analisar judiciosamente estas “dez regras científicas da meditação”:

O princípio, a base, o fundamento vivo do *Samadhí*, (êxtase), consiste num prévio conhecimento introspectivo de si mesmo.

Introvertermo-nos durante a “meditação profunda” é indispensável.

Devemos começar por conhecer profundamente o estado de ânimo em que nos encontramos antes que apareça no intelecto qualquer forma mental.

Torna-se urgente compreender que todo o pensamento que surge no entendimento é sempre precedido por dor ou prazer, alegria ou tristeza, agradável ou desagradável.

b) *reflexão serena*; examinar, apreciar, inquirir sobre a origem, causa, razão ou motivo fundamental de todo o pensamento, recordação, imagem, afecto, desejo, etc., conforme vão surgindo na mente. Nesta segunda regra existe *auto-descoberta* e *auto-revelação*.

c) *observação serena*; pôr atenção plena a toda forma mental que faça a sua aparição no ecrã do intelecto.

d) devemos converter-nos em espias da nossa própria mente, *contemplá-la em acção de instante em instante*.

e) o *Chitta*, (a mente) transforma-se em *Vrittis*, (ondas vibratórias). O mental é como um lago aprazível e tranquilo. Cai nele uma pedra e elevam-se bolhas a partir do fundo. Todos os diferentes pensamentos são ondulações perturbadoras na superfície da água; que o lago da mente permaneça cristalino sem cristações, sereno, profundo, durante a meditação.

f) as pessoas inconstantes, volúveis, versáteis, sem firmeza, sem vontade, nunca poderão conseguir o êxtase, o *Satori*, o *Samadhí*.

g) a técnica da meditação científica é óbvio que pode praticar-se tanto em forma individual, isoladamente, como em grupo com pessoas afins.

h) a alma deve libertar-se do corpo, dos afectos e da mente. Vem a ser evidente, notório, patente que ao emancipar-se, ao libertar-se do intelecto, livra-se radicalmente de tudo o resto.

i) é urgente, indispensável, necessário eliminar as percepções sensoriais externas durante a meditação interior profunda.

j) é indispensável aprender a relaxar o corpo para a meditação, nenhum músculo deve ficar em tensão. É urgente provocar e graduar o sono à vontade. É evidente, notório, indiscutível que a *sábia combinação do sono com a meditação* consegue isso que se chama “*iluminação*”.

Resultados: No umbral misterioso do templo de Delfos existia gravada na pedra viva, uma máxima grega, que dizia: *Nosce te ipsum*: “Homem, *conhece-te a ti mesmo*” e conhecerás o Universo e os Deuses.

O estudo de “si mesmo”, a “serena reflexão”, é óbvio, patente e com muita clareza, que em última instância conclui na “quietude e no silêncio” da mente.

Quando a mente está quieta e em silêncio, não somente no nível superficial, intelectual, mas em todos e em cada um dos quarenta e nove departamentos subconscientes, advém então “o novo”, desengarrafa-se a Essência e vem o despertar da alma, o êxtase, o *Samadhí*, o *satori* dos Santos. A experiência mística do “*Real*” transforma-nos radicalmente.

As pessoas que jamais experimentaram directamente isso que se chama “*Verdade*”, vivem borboleteando de escola em escola, não encontraram o seu “centro de gravitação cósmica” e morrem fracassadas sem terem conseguido a tão anelada “auto-realização íntima”.

O “*despertar da consciência*”, da Essência, da Alma ou *Buddhata*, somente é possível libertando-nos, emancipando-nos do dualismo mental, do batalhar das antíteses, da ondulação intelectual.

Qualquer luta subconsciente, submergida, infra-consciente, inconsciente, converte-se num entrave para a libertação da Essência, (Alma).

Toda a batalha antitética por insignificante e inconsciente que ela seja, indica assiná-la, acusa pontos obscuros, ignorados, desconhecidos, nos infernos atômicos do homem.

Reflectir, observar, conhecer esses aspectos infra-humanos do “mim mesmo”, esses pontos obscuros, torna-se indispensável para conseguir a absoluta quietude e silêncio da mente.

Somente na ausência do “Eu”, é possível experimentar isso que não é do tempo.

CAPÍTULO XXI

A TRAGÉDIA DA RAINHA DIDO

Ninguém negar pode que a Eterna Mãe espaço tem dois aspectos rivais: “Vénus” e “Astaroth”; “Eva” e “Lilith”, “Sophia Achamoth” e “Sophia Prunikos”.

Falemos agora de “Vénus”, ou dizendo melhor, de “Astaroth”, o aspecto negativo da “Prakriti”, a sua antítese tenebrosa na Natureza e no homem.

Através dos séculos vemos que a crueldade de Kali inflamou o coração da rainha Dido. Não quis compreender a infeliz soberana que essa paixão era contrária à vontade dos deuses santos.

Oh Dido!, luz de deliciosa ensonação, flor de mirto encantador, a tua admirável beleza canta a graça de Hermafrodito com o aéreo de Atlanta, e da tua ambígua forma, a evocada Musa antiga um hino de fogo, levanta.

Da ânfora em que está depositado o velho vinho, Enéias bebe sedento; Febo enruga o entrececho e Juno enrugá-lo deve, mas Kali-Astaroth ri como sempre e Eros dissolve o seu filtro nos cálices de Hebe.

Antes de conhecer Enéias, o ilustre varão troiano, a infeliz rainha havia sido requerida de amores por Iarbas, o rei da Líbia, homem valente que não suportava as ofensas, terrível arqueiro que morava com a sua gente perto do deserto africano.

Pobre Dido!... que espantosa luta íntima teria de sustentar entre o seu sagrado dever, o amor ao seu povo e a cruel ferida de Cupido. Este último começou o seu labor destrutivo apagando insensivelmente da memória da soberana a imagem de Siqueu, o seu primeiro esposo.

Lilith-Astaroth, quanto dano provocastes! Deusa do Desejo e de paixões, mãe de Cupido... a tempestade humana por ti, emana sangue do seu coração.

Deste-te ao esquecimento, oh rainha! do terrível juramento e encontraste no caminho da tua vida um troiano que pôs nos teus lábios sedentos novo alento, bela taça e delicioso vinho.

E ao chegar Cupido, o teu sangue vermelho, fere; tripla chama foi acesa e à espantosa paixão sexual entregaste os ganhos da tua vida entre pâmpanos de fogo.

Beleza, a quem a terrível sorte ordenara martirizar-se com tantas ternuras, recebeu de Lúcifer uma rara pérola negra para o seu diadema de loucuras.

E consultou a desgraçada rainha a sua irmã Ana e ambas recorreram aos altares dos diversos deuses em busca de presságios que favorecessem os seus desejos.

Imolaram vítimas a Ceres, a Febo-Apolo, a Dionísio e muito especialmente a Juno, a Deusa das mulheres que trabalham na “*Nona Esfera*” e que preside às cerimónias nupciais justas e perfeitas.

Muitas vezes oh Deus! inclinou-se a trágica rainha sobre os flancos abertos das inocentes vítimas sacrificadas, inspeccionado as suas entranhas palpitantes, porém uma mulher enamorada e com a consciência adormecida, é claro que está sempre disposta a interpretar todos os sinais a favor do seu sonho.

A partir do Céu, Juno, a deusa das mulheres iniciadas, presenciava indignada os tenebrosos progressos que Astaroth-Kali fazia na pobre Dido, mas todas as suas reclamações e protestos foram inúteis... consumida pela paixão, passava a infeliz soberana todas as noites de vela, pensando exclusivamente em Enéias.

O troiano reconstrói os muros de Cartago e trabalha na fortificação da cidade estrangeira, loucamente empenhado.

Ah! se Mercúrio, o Mensageiro dos Deuses, não tivesse intervido, muito distinta teria sido a sorte da pobre Dido. O épico paladino troiano deve retirar-se para Lácio e esquecer a quem adora, tal é o mandato de Júpiter, o Pai dos Deuses e dos homens.

“... não, tu não eras descendente de Dárdano. Nascestes gelado e duro nos ásperos cumes do Cáucaso e um tigre fêmea de Hircania te amamentou com os seus peitos e te criou” — assim exclama desesperada a despeitada soberana.

Inúteis foram todas as suas queixas e lamentos... a desgraçada noiva não esteve em Aulis, sacrificando aos deuses para invocar a destruição da cidade de Príamo; jamais foi aliada dos Aqueus. Por quê...? Por que, meu Deus, teria que sofrer tanto esta infeliz?

A desafortunada soberana transformada em escrava pelo cruel dardo da paixão sexual, invoca a morte.

Inúteis foram as suas ofertas ante o altar da deusa Juno, a paixão animal não tem resposta da parte dos Deuses.

Ah!, se as pessoas soubessem que o veneno da paixão animal engana a mente o coração... a desgraçada rainha acreditava-se enamorada, o dardo de Cupido tinha-se cravado no seu coração, porém no fundo certamente o que tinha era paixão.

Clama a desgraçada no altar de Juno; de repente vê que a água lustral torna-se negra como o silício, e o vinho sagrado das libações, vermelho como sangue.

Terríveis momentos... sobre a solitária cúpula do palácio, o mocho da morte lança o seu canto sinistro e ela por vezes sonha que caminha por um deserto sem limites em busca do seu adorado Enéias, ou fugindo desesperada perseguida pelas desapiedadas Fúrias.

E, contudo, não ignorava a infeliz, os meios mágicos infalíveis e maravilhosos para esquecer a bestial paixão.

... vou dizer-te, para que tu me ajudes — disse à sua irmã Ana — erguerás uma grande pira na sala principal do palácio, que tem vista para o mar e sobre ela colocarei e queimarei as recordações de Enéias, incluso aquela espada cravada de ouro, que o ímpio me ofereceu como presente das nossas núpcias e que nunca chegaram a realizar-se.

Desgraçadamente, a apaixonada soberana em vez de queimar na pira funerária as recordações do ilustre varão troiano, resolve imolar-se ela mesma entre o fogo que crepita.

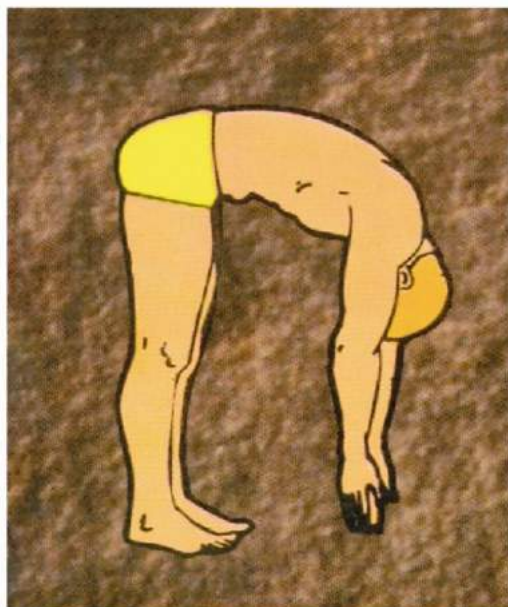
Cinge os seus seios reais com as sagradas faixas das vítimas destinadas ao sacrifício, e de pé sobre a pira fúnebre, toma por testemunhas aos cem deuses, a Erebo, ao Caos e a Hécate, o terceiro aspecto da Divina Mãe Espaço.

Ela, a desafortunada soberana que teria podido utilizar os efeitos mágicos das ervas lunares como combustível para incinerar recordações, paixões e maus pensamentos, deseja com violência arder na pira da morte.

Roga ao Sol, clama a Juno, invoca as Fúrias da vingança, comete o erro de amaldiçoar Enéias e por fim atravessa o coração com a espada do troiano. A sua irmã encontrou-a já arder entre o fogo. Assim morreu a rainha Dido.

CAPÍTULO XXII

RUNA «UR»



Olhando no espaço infinito, esquadrinhando, espreitando os *Registos Akashicos da Natureza*, pude verificar por mim mesmo que a Lua é a mãe da Terra.

Com o *Olho de Dagma aberto* vou submergir-me agora no “Grande Alaia”, a famosa “Super-alma” de Emerson, a alma do Universo.

Convido-te amável leitor a estudar profundamente este capítulo, é necessário meditar nele, aprofundar no seu conteúdo, conhecer o seu profundo significado.

Se me perguntasses quem sou, responder-te-ia: «*sou um dos “Sete Amesha Spentas” dos Zoroastrianos, que esteve activo no passado Mahamanvantara do Loto de Ouro*».

Vou, pois, dar testemunho do que vi e ouvi. Escutai-me, homens e Deuses: conheço a fundo os sete mistérios da Lua, as sete jóias, as sete ondas de vida que evoluíram e involuíram nisso que os Teósofos chamam Cadeia Lunar. Na realidade, a Lua é o satélite da Terra somente num aspecto, ou seja, que ela gira em redor do nosso mundo.

Olhadas as coisas a partir de um outro ângulo, investigadas com o *Olho de Shiva*, (intensa visão espiritual do Adepto ou *Jivanmukta*), a Terra vem a ser na realidade um satélite da Lua.

São evidências a favor disso, as marés, as mudanças cíclicas de muitas formas de doenças que coincidem com as fases lunares, as observações no desenvolvimento das plantas, assim como a sua muita marcada influencia nos fenómenos de concepção e gestação de todas as criaturas.

A Lua foi um mundo habitado, agora é um frio resíduo, uma sombra arrastada por detrás do novo corpo, por onde passaram por transferência os seus poderes e

princípios de vida, achando-se condenada a perseguir a Terra durante longas idades; é uma mãe que gira em torno da sua filha, como um satélite.

Eu vivi entre a humanidade lunar, conheci as suas sete raças, as suas épocas de civilização e de barbárie, os ciclos alternados de evolução e de involução.

Quando os Selenitas chegaram à Sexta sub-raça da Quarta Ronda, idade à qual chegaram agora aos terrícolas, cumpri então uma missão semelhante à que estou a cumprir nestes momentos no Planeta em que vivemos.

Ensinei à gente da Lua, a *Religião-Síntese* contida na *Pedra Iniciática*, (o Sexo), a *Doutrina de Jano*, (I.A.O.), ou dos *Jinas*.

Eu acendi a chama da *Gnose* entre os Selenitas, formei um Movimento Gnóstico... semei a semente.

Porém vos digo que parte da semente caiu nas bermas dos caminhos, vieram as aves mundanas e comeram-nas.

Parte dela caiu entre pedregais; discussões, teorias e ansiedades, onde não havia gente reflexiva, profunda; não resistiu à prova do fogo e secou ante a luz do Sol, não tinha raiz.

Outra parte caiu entre espinhos; entre irmãozinhos que se feriram uns aos outros com a calúnia, a crítica, etc., cresceu a erva daninha e foi afogada.

Felizmente não se perdeu o meu labor de semeador, porque outra parte caiu em boa terra e deu fruto, qual cem por cento, qual sessenta por cento e qual trinta por cento.

Na “Devamâtri”, “Aditi” ou Espaço Cósmico, dentro da “UR” Rúnica, entre o microcosmo “homem-máquina”, ou diríamos melhor, “anima intelectual”, existem muitas faculdades latentes que podem desenvolver-se à base de grandes super-esforços íntimos.

Na antiga Lua, antes que se convertesse num cadáver, aqueles que aceitaram a *Religião-Síntese* de “Jano”, foram salvos e transformaram-se em Anjos; contudo a maioria, os inimigos do “*Maithuna*”, os que rejeitaram a *Pedra Iniciática*, (o Sexo), converteram-se nos Lúceres que fala a Bíblia, demónios terrivelmente perversos.

Sobra dizer, que nunca falta uma terceira posição: no “Apocalipse Lunar”, determinado grupo frio, tornou-se quente e aceitou o trabalho na *Nona Esfera*, (o Sexo); a esta gente foi-lhe dada uma nova morada para que trabalhassem com a “Pedra Bruta” até lhe dar a forma “cúbica perfeita”.

... a “*Pedra*” que os edificadores rejeitaram, veio a ser a “*cabeça angular*”... “*Pedra*” de tropeço e rocha de escândalo...

Por aquela época os Selenitas tiveram uma religião espantosamente sanguinária; os pontífices de tal culto me sentenciaram à pena de morte e fui crucificado sobre o cume de uma montanha, perto de uma grande cidade.

A transferência de todos os poderes vitais da Lua a este planeta Terra, deixou sem vida a velha morada selenita. A alma lunar está agora reencarnada neste mundo em que vivemos. E me absorvi no “Absoluto” ao final do *Mahanvantara* lunar que durou 311.040.000.000 de anos, ou seja, uma Idade de *Brahmâ*.

É indispensável dizer que as “ondas monádicas” da Lua se submergiram depois do Grande Dia, entre a UR Rúnica, entre o ventre profundo da Eterna Mãe Espaço.

É urgente afirmar que durante aquele Mahâ-samâdhi, (êxtase sem fim), se penetra muito mais fundo e chegamos ao “*Pai*”, *Brahmâ*, O *Espírito Universal de Vida*.

Torna-se necessário aclarar que *Brahmâ* se submergiu no “Absoluto”, durante todo aquele período do Mahâ-pralaia, a Grande Noite.

Entre o extraordinário repouso Para-nirvânico, as trevas desconhecidas se converteram para nós, os Irmãos, na Luz Incrriada.

“Uhr” é o relógio, a medida do Tempo, o *Maha-manvântara*; “Rhu” é o descanso, o Grande *Pralaia*.

A Noite Cósmica dura na realidade tanto como o Grande Dia. É meu dever afirmar que cada um de nós, os Irmãos, se absorveu radicalmente no seu “átomo primordial”, *Ain Soph*.

Ao iniciar-se a aurora de um novo Dia Cósmico, a “Eterna Mãe Espaço” se ensancha de dentro para fora, como o botão de loto. O Universo gesta-se entre o ventre da *Prakriti*.

PRÁTICA:

Amando a nossa “Mãe Divina” e pensando nesse “grande ventre” onde se gestam os mundos, oremos diariamente assim:

Dentro do meu Real “Ser” Interno reside a luz divina.

RAM-IO é a mãe do meu “Ser”, Devi-Kundalini.

Rrrraaaaaaammmmm... Iiiiiioooooo, ajudai-me.

Rrrraaaaaaammmmm... Iiiiiioooooo, socorrei-me.

Rrrraaaaaaammmmm... Iiiiiioooooo, iluminai-me.

Rrrraaaaaaammmmm... Iiiiiioooooo, é a minha Divina Mãe.

Minha “Ísis”, tu tens o Menino Horus, o meu verdadeiro “Ser” nos teus braços. Necessito morrer em mim mesmo, para que a minha Essência se perca “Nele” ... Nele, ... Nele.

INDICAÇÃO:

Esta oração faz-se ante a luz solar com as mãos levantadas, as pernas devem estar abertas e o corpo agachado, aguardando receber luz e mais luz.

CAPÍTULO XXIII

A HISTÓRIA DO MESTRE “MENG SHAN”

Contam as velhas tradições que se perdem na noite dos séculos, que o Mestre chinês Meng Shan conheceu a ciência da meditação antes dos vinte anos de idade.

Dizem os místicos amarelos que desde essa idade até aos trinta e dois anos, o citado Mestre estudou com os dezoito anciãos.

Torna-se deveras interessante, atractivo, sugestivo saber que este grande iluminado estudou com infinita humildade aos pés do venerável ancião Wuan Shan, o qual lhe ensinou a utilizar inteligentemente o poderoso mantra *WU*, que se pronuncia como um

duplo U, imitando-se sabiamente essa sonoridade do vendaval ou do som do vento entre as gargantas das montanhas.

Nunca pode esquecer este irmão o estado de *alerta percepção, alerta novidade*, tão indispensável, tão urgente para o “*despertar da consciência*”.

O venerável ancião Gurú, Wan Shan disse-lhe que durante as doze horas do dia, é preciso estar alerta tal como um gato espreita o rato ou como uma galinha que choca os ovos, sem abandonar por um segundo a tarefa.

Nestes estudos não contam os esforços, senão os super-esforços; enquanto não estivermos iluminados devemos trabalhar sem descanso, como um rato que rói um ataúde. Se isto é praticado de tal maneira, finalmente nos libertaremos da mente e experimentaremos em forma directa, esse “*elemento que transforma radicalmente*”, isso que é a “*Verdade*”.

Um dia qualquer, depois de dezoito dias e noites contínuas de meditação interior profunda, sentou-se a tomar um chá e então, oh que maravilha!, compreendeu o íntimo sentido do gesto de Buda ao mostrar a flor e o profundo significado de *Mahâ-Kaziapa* com o seu exótico sorriso, impossível de esquecer.

Interrogou a três ou quatro anciãos sobre tal experiência mística, porém estes guardaram silêncio, outros disseram-lhe que identificara tal vivência esotérica com o *Samadhi* do “Selo do Oceano”. Este sábio conselho inspirou-lhe como é natural, plena confiança em si próprio.

Meng Shan avançava triunfantemente nos seus estudos, contudo nem tudo na vida são rosas, também há espinhos. No mês de Julho, durante o quinto ano de Chindin, (1264), contraiu infelizmente disenteria em Chunking, província de Szenchaun.

Com a morte nos lábios decidiu fazer testamento e disponibilizar os seus bens terrenos. Feito isto incorporou-se lentamente, queimou incenso e foi sentar-se num setial elevado; ali orou em silêncio aos três Bem-aventurados e aos Deuses santos, arrependendo-se ante eles de todas as más acções cometidas na sua vida.

Contudo, considerando certo o fim da sua existência, fez aos inefáveis o seu último pedido: ... *desejo que mediante o poder de prajna e um estado mental controlado, reencarnar-me num lugar favorável, onde possa cedo tornar-me monge, (swami)... se por casualidade me recompor desta doença, renunciarei ao mundo e tomarei os «hábitos», procurando levar a luz a outros jovens budistas.*

Após formular estes votos submergiu-se em profunda meditação, cantando mentalmente o mantra “WU”; a enfermidade atormentava-o, os intestinos torturavam-no de forma espantosa, contudo ele resolveu não lhes por atenção.

Meng Shan esqueceu-se radicalmente do seu próprio corpo, as suas pálpebras fecharam-se firmemente e ficou como morto.

Contam as tradições que quando Meng Shan entrou em meditação, somente o verbo, quer dizer o mantra *WU*, (*Uuuuu... .. Uuuuu... .*) ressoava na sua mente; depois nada mais soube de si próprio.

E a doença?... O que foi dela?... O que se passou?.... Torna-se evidente e lúcido, compreender que toda a afecção, achaquecas, doenças, ou que mal-estares sejam, têm por base determinadas formas mentais. Se conseguirmos o esquecimento radical, absoluto de qualquer padecimento, os cimentos intelectuais dissolvem-se e a indisposição orgânica desaparece.

Quando Meng Shan se levantou do setial ao princípio da noite, sentiu com infinita alegria que já estava meio curado, depois sentou-se de novo e continuou submergido em profunda meditação até à meia-noite, então a sua cura foi completa.

No mês de Agosto, Meng Shan foi a Chiang Ning e cheio de fé ingressou no sacerdócio; permaneceu um ano naquele mosteiro e depois iniciou uma viagem durante a qual ele próprio cozinhava os seus alimentos, lavava as suas roupas, etc. então compreendeu integralmente que o trabalho da meditação deve ser tenaz, forte, constante, sem nunca se cansar.

Mais tarde, caminhando por essas terras chinesas, chegou ao mosteiro do Dragão Amarelo, aí compreendeu profundamente a necessidade de “despertar a consciência”; logo continuou a sua viagem para Che Chiang.

Quando chegou, prostrou-se aos pés do Mestre Ku Chan, de Chin Tien, e jurou não sair do mosteiro até conseguir a iluminação. Depois de um mês de intensa meditação, recuperou o trabalho perdido na viagem, entretanto o seu corpo encheu-se de horríveis bolhas, ignorou-as intencionalmente e continuou com a disciplina esotérica.

Um dia qualquer, não importa qual, determinadas pessoas convidaram-no para um delicioso almoço; no caminho retomou o seu *Hua Tou* e trabalhando com ele submergiu-se em profunda meditação até que parou ante a porta do seu anfitrião sem se dar conta; compreendeu então que poderia manter o trabalho esotérico estando em plena actividade.

A seis de Março, quando estava a meditar com a ajuda do mantra *WU*, o monge principal do mosteiro entrou no *lumisial* de meditação com o evidente propósito de queimar incenso, porém sucedeu que produziu um ruído com o incensário; então Meng Shan reconheceu-se a si próprio e pode ver e ouvir a Chão Chou, notável Mestre chinês.

... Desesperado, cheguei ao ponto morto do caminho; golpeei a onda porém não era mais que água. Oh, esse notável velho Chão Chou, cuja cara é tão feia!

Todos os biógrafos chineses estão de acordo em afirmar que no Outono, meng Shan entrevistou-se com Hsueh Yen em Ling Na e com Tui Keng, Shih Keng, Hsu Chou e outros notáveis anciãos.

Entendo que o “Koan” ou frase enigmática decisiva para Meng Shan foi sem qualquer dúvida aquela com a qual Wan Shan, o interrogou:

... “não é frase: “a luz brilha serenamente sobre a areia da ribeira, uma observação prosaica desse tom de Chang?”

A meditação nesta frase foi suficiente para Meng Shan, e quando Wan Shan o interrogou mais tarde com a mesma frase, quer dizer, quando lhe repetiu a pergunta, o místico amarelo, respondeu tirando ao solo o colchão da sua cama, como que dizendo: *... já estou desperto.*

CAPÍTULO XXIV

O PAÍS DOS MORTOS

Enéias, o exímio varão troiano, olímpico e solene sobe a augusta montanha de Apolo em cujo majestoso cume se encontra a misteriosa gruta da Pitonisa.

Bosque sagrado, perto do templo do terceiro aspecto da Mãe Divina *Kundalini*, selva inefável de Hécate, Proserpina, Coatlicue.

Santuário hermeticamente selado com cem portas, gloriosa entrada na qual Dédalo, o hábil escultor, gravou com extraordinária mestria maravilhosos relevos.

Ícaro com o seu I.A.O. cinzelado por seu pai na rocha sacra daquela misteriosa entrada, diz-se que quis ascender ao Céu, converter-se em Filho do Sol, mas as suas asas de cera derreteram-se e caiu ao horroroso precipício.

Símbolo maravilhoso, vã tentativa daqueles que não sabem trabalhar com o *Fiat* luminoso e espermático do primeiro instante; desgraça, queda dos alquimistas que derramam a matéria-prima da Grande Obra.

E não foi por acaso Dédalo, o famoso escultor, o autor de Ícaro, o mesmo que ensinou a Teseu a escapar do intrincado labirinto de Creta?

Horrendo corredor em cujo centro estava sempre o famoso Minotauro, metade homem e metade animal; complicado intelecto engarrafado no “Mim Mesmo”.

Somente eliminando a besta interior, podemos tornar-nos verdadeiramente livres; somente dissolvendo o Ego animal, chegaremos à Auto-Realização Íntima.

... não é este o momento de admirar obras de arte; exclama a sacerdotisa, prontamente chegará Apolo, semelhante a um furacão.

E cem cordeiros negros, sacrifica então o ínclito varão troiano em honra de Proserpina, o terceiro aspecto manifestado da Eterna Mãe Espaço, a rainha dos Infernos e da Morte.

E após ter dito aquilo, a Sibila... oh Deus!...um espantoso terramoto sacode as entranhas da terra, e transfigurada, a sacerdotisa, exclama: Apolo! Eis aqui Apolo! Ah Enéias! Escuta-me! Reza! As portas desta gruta abrir-se-ão antes que o tenhas feito.

E conta a lenda dos séculos que ao escutar estas palavras venerandas, o notável varão elevou a Apolo as suas ardentes súplicas.

Com a voz transfigurada pelo êxtase falou a vestal, advertindo o exímio guerreiro que conseguiria pôr pé na costa de Itália e se estabelecerá em Lavinio.

E prognosticou que um segundo Aquiles, tão forte como o primeiro lhe declararia guerra. Disse-lhe que nos rios latinos correria sangue como em Janto e Simoís de Tróia, mas que não desanimasse, nem cedesse ante a adversidade, e que no fim se salvaria a partir de uma cidade grega.

... deste modo, o santuário de Cumas esparge pela montanha o seu sagrado horror; no fundo do templo, a terra uiva e a verdade disfarça-se de trevas-Demonius est Deus inversus-.

E roga Enéias à sibila; suplica, chora, pede entrada ao País dos Mortos, quer descer à morada de Plutão e diz:... *por aqui se pode descer à morada dos defuntos. Não poderias acompanhar-me para visitar o meu pai? Pensa que foi meu companheiro de fuga.*

Sobre os meus ombros o levei, fugindo das fumegantes ruínas de Tróia. E é ele mesmo que me encaminha até ti e me roga que te peça esta mercê. Diz-me, é pedir muito?

Se aí desceu Orfeu, armado somente com a sua harmoniosa lira; se desceu Teseu e também Hércules, porque eu não poderei ir, já que sou neto de Júpiter? (Eneias foi um iniciado).

Com certeza que fácil é descer ao Averno para trabalhar na Nona Esfera com a finalidade de se dissolver o Eu, porém espantosamente difícil é voltar; *aí está o duro trabalho. Aí a difícil prova.*

Proserpina, a rainha dos infernos e da morte, consegue ser muito caprichosa e como presente àqueles que a vão visitar exige sempre o ramo dourado da Árvore do Conhecimento, e com abundante semente.

Ditoso aquele que encontra a árvore mágica, que por certo não está muito longe; é a nossa própria espinha dorsal; a esse lhe abrirá as portas de Plutão.

Aquele que quiser subir, primeiro deve descer; essa é a Lei. A Iniciação é ao mesmo tempo, morte e nascimento. Contudo, vós os que estais a ler estas linhas, deixai que os mortos enterrem os seus mortos e segui-me.

... o que quer vir até mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me.

Negar-se a si mesmo significa dissolver o Eu, morrer de momento a momento, reduzir a pó o “Si mesmo”, de instante em instante.

Deitar sobre os seus ombros a pesada cruz do “Mestre”, é algo profundamente significativo; a haste vertical desse santo símbolo é masculina; a haste horizontal é feminina; no cruzamento sexual desses dois pólos acha-se a chave do “Segundo Nascimento”.

Seguir o “Senhor”, de segundo a segundo, significa sacrifício pela humanidade, estar disposto a dar até à última gota de sangue pelos nossos semelhantes, imolar-nos na ara sacra do supremo Amor por todos os nossos irmãos do mundo.

E agora, Deuses e homens; escutai-me! A Sibila e Enéias penetraram no seio da terra pela espantosa caverna.

Ponho por testemunha o Génio da Terra para afirmar solenemente que antes de se penetrar no Averno, passa-se pelo Orco, (Limbo). Este último em si é um vestíbulo, nele moram, a doença, a fome-horrenda e perversa conselheira, a miséria, as vãs alegrias, a guerra, as fúrias, a discórdia com a sua cabeleira de víboras, a dor e o sonho da consciência.

Ali encontrou Enéias, os néscios sonhos das pessoas, ali viu criaturas tão horríveis como Briareu, o gigante dos cem braços, a Hidra de Lerna, a quem Hércules matou, cortando-lhe com mestria as suas múltiplas cabeças; a Quimera das pessoas, monstro com cabeça e cabra, as Gorgonas, as Árpias, (bruxas), etc.

Do Orco parte a rota misteriosa que conduz as almas perdidas até ao Tártaro, (mundos infernos). Enéias e a Sibila sentados na barca de Caronte, navegaram entre as águas do Aqueronte e chegaram à outra margem.

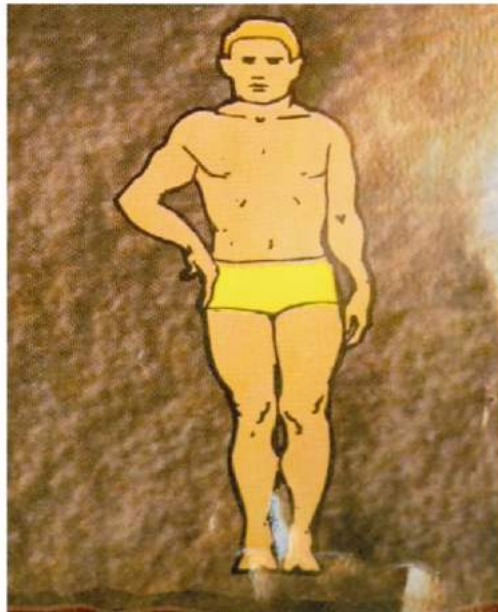
No Averno encontrou Enéias a Cérbero, o demónio da luxúria; a Minos, o inexorável juiz, e viu o lúgubre cantar das águas, serpenteando nove vezes a Nona Esfera e as águas terríveis da Estígia.

No Averno encontrou o piedoso Enéias a Dido, a rainha que o amou e também pode abraçar o seu falecido pai.

CAPÍTULO XXV

RUNAS «DHORN e THORN»

DORN



uns

Faz apenas
poucos dias
ocorreu-me visitar

novamente o Templo de Chapultépec, em México.

Certa irmã prostrou-se humildemente ante as portas do templo, implorando a entrada; as súplicas sinceras sempre são escutadas.

A Mestra Litelantes e eu entramos atrás daquela suplicante; francamente não posso negar que cheio de profunda veneração e devoção, caminhei de joelhos como fazem muitos penitentes, ascendendo assim lentamente por cada um dos degraus do santuário.

Litelantes, entrou alegremente, brincando um pouco; tive de me pôr um pouco severo; ela estranhou a minha atitude; “quando estou dentro do templo sou distinto”, tive que dizer-lhe.

A oportunidade de estarem as portas abertas, foi aproveitada por um grupo de gente lunar; pobres pessoas!

Litelantes e a minha insignificante pessoa que nada vale, nos sentíamos tão distintos a todas essas pessoas vestidas com farrapos lunares. Que diferentes são na verdade, os Corpos Solares!

O assombro foi ver então a forma como avançou o grupo lunar, sem veneração, sem respeito. Porém, pude compreender com clareza e com inteira lucidez que deveria olhar aquele grupo com simpatia, pois era gente selecta e com muitos méritos.

Infelizmente não era a hora de reunião; a forma como entraram essas pessoas tampouco foi ordenada.

O Mestre superior do templo lhes ralhou severamente, até os retirou do templo; cantou numa linguagem deliciosa... e toda agente teve retirar-se.

Pela minha parte fiquei a reflectir em tudo isto; o amor do Cristo é formidável; este grupo lunar é muito sincero, os pobrezinhos não chegaram ao “Segundo Nascimento”, contudo merecem que se lhes ajude e o Senhor os cuida e cultiva como se fossem delicadas flores de Inverno; por fim se lhes dará boas oportunidades para trabalharem na “Nona Esfera”, então sim, desgraçados serão se chegarem a fracassar na difícil prova!

A descida ao Averno, à Nona Esfera, foi desde os antigos tempos a máxima prova para a suprema dignidade do Hierofante: Buda, Jesus, Dante, Hermes, Krishna, Quetzalcóatl, etc., tiveram que descer à morada de Plutão.

Aí está o antro onde uiva Cérbero, prodígio do terror, que com o seu ladrar, as suas enormes três cabeças chatas e o seu pescoço rodeado de serpentes, enche de espanto todos os defuntos.

Nessas penosas profundezas moram aqueles que morreram enganados pelo veneno da paixão sexual: Evadme, Pasifae, Laodamia e também a pobre rainha Dido, aquela que antes havia jurado fidelidade às cinzas de Siqueu.

Aí vivem muitos heróis da antiga Tróia: Glauco, Medonte, Tersíloco, Polibetes, Ideo... tão amado e tão temido.

Aí estão as terríveis sombras de Agamenón e Ajax e de muitos outros Aqueus que lutaram contra Tróia, ébrios de luz e de sangue, fogem e gritam entre aquelas trevas, revivendo a vida como se ainda estivessem combatendo na planície banhada pelo Sol.

Aí está a sinistra cidade cingida por tríplice muralha, da qual saem horríveis gemidos, lastimosos e ruídos de grilhetas.

Aí as Três Fúrias, (Desejo, Mente e Má-vontade) açoitam os culpados com esses chicotes que silvam como línguas de víboras.

Nessas tenebrosas regiões submersas vivem também os Titãs da antiga Atlântida que tentaram escalar o Firmamento, conquistar outros Mundos do Espaço Infinito sem terem chegado à verdadeira santidade.

No Tártaro vivem os fornicários, adúlteros, homossexuais, assassinos, bêbados, avaros, egoístas, ladrões, estafadores, iracundos, violentos, cobiçosos, invejosos, orgulhosos, vaidosos, preguiçosos, gulotões, fundadores de más doutrinas, hipócritas, fariseus, traidores e materialistas ateus, inimigos do Eterno.

Imensa é, oh Deus! a multidão de delitos e ainda que tivesse cem bocas, mil línguas e voz de ferro, nunca alcançaria enumerá-los todos.

Descer a essas regiões minerais da Terra, a esse submundo, torna-se demasiado fácil, contudo voltar a subir, regressar à luz do sol, é espantosamente difícil, quase impossível.

Quando nasci no Mundo Causal, ou diríamos melhor, “universo paralelo” da Vontade Consciente, resplandeceu sobre o altar do templo o sagrado pano de Verónica.

Correspondente à Idade do Bronze, encontram-se cinzeladas nas rochas, muitas cabeças com coroas de espinhos.

Existiu um culto ao Deus dos Espinhos, o qual bem considerado e examinado judiciosamente nos apresenta com clareza a simbólica figura da Runa *THORN*.

Nos sagrados mistérios do culto do Espinho davam-se práticas especiais para desenvolver a “Vontade Consciente”.

DHORN, “Espinho”, significa “Vontade”. Recordai irmãos gnósticos que o nosso “lema-divisa” é *THELEMA*.

O divino rosto coroado de espinhos significa “Thelema”, quer dizer, “Vontade Consciente”.

DHORN é também o “Phalus”, o princípio volitivo da Magia-Sexual, (Maithuna).

Tem de se acumular inteligentemente mediante o “Phalus” esse energia seminal, que ao ser refreada e transmutada se converte em “Thelema”, “Vontade”.

Armai-vos com vontade de ferro; recorda bom leitor, que sem o espinho que fere, não salta a chispa, não brota a luz.

Só com “*Thelema*”, (Vontade-Cristo) poderemos regressar desde o Tártaro até à luz do Sol.

Em verdade vos digo que a Vontade-Cristo sabe obedecer ao “*PAI*”, tanto nos céus como na terra.

Cuidai-vos da “má-vontade”, esta em si mesma é a força de Satã, desejo concentrado.

PRÁTICA:

Em posição militar, de pés firmes, com o rosto voltado para o Oriente, colocai o braço direito de tal forma que a mão fique apoiada sobre a cintura, sobre a anca, descrevendo a forma desta Runa.

Cantai agora as sílabas mantricas: *TA... -TE... -TI... -TO... - TU ...* ; com o propósito de desenvolver a “Vontade-Cristo”.

Este exercício deve praticar-se todos os dias ao nascer do Sol.

CAPÍTULO XXVI

O “EU”

Os que auscultastes com mística paciência o *Arcano* da noite misteriosa, os que haveis compreendido o enigma que se esconde em cada coração, o ressoar de um coche longínquo, um eco vago, um ligeiro som perdido na distância... escutai-me.

Nos instantes de profundo silêncio, quando surgem da memória as coisas escondidas, os tempos idos, na hora dos defuntos, na hora do sossego, sabereis estudar a fundo este capítulo do 5º. *Evangelho*, não só com a mente, mas sim também com o coração.

Como numa taça de ouro, verto nestas linhas as minhas dores de longínquas recordações e funestas desgraças, tristes nostalgias da minha alma, ébria e flores, duelo do meu coração, triste de festas.

Mas que quero eu dizer? Alma minha! Lamentas-te por acaso de tantos ontens com queixas vãs?

Ainda podes colher a perfumada rosa e o lis, e há mirtos para a tua dolorosa cabeça cinzenta.

A alma pesarosa de recordações vãs, cruel imola o que ao Ego alegra, como Zingua, rainha de Angola, lúbrica negra.

Tu, gozastes em horríveis bacanais, néscios prazeres no mundano bulício e agora, ai de ti, ouves a terrível imprecação do *Eclesiastes*.

Desgraçado de ti! Pobre Ego! O momento de paixão te enfeitiça, mas olha como chega a 4ª. Feira de Cinzas: *memento, homo*.

Por isso, para a Montanha da Iniciação, as almas selectas vão e se explicam; Anacreonte e Omar Kraian.

O velho tempo, tudo corrói inclementemente e passa depressa; sabeis vencê-lo, Cintia e Cidalisa.

Na ausência do “Eu” e mais além do Tempo, experimentei isso que é o “Real”, esse “Elemento que transforma radicalmente”.

Vivenciar o Real mais além da mente!...experimentar de forma directa “isso que não é do Tempo”, vem a ser impossível de descrever com palavras.

E estava nesse estado conhecido no mundo oriental como *Nirvikalpa Samadhí*; sendo um indivíduo havia passado para além de toda a individualidade, por instantes senti que a gota se perdia no oceano que não tem margens, mar de luz indescritível, abismo sem fundo, “vazio budista” cheio de glória e felicidade.

Como definir o *Vazio Iluminador*? Como descrever o que está para além do Tempo?

O *Samadhí* fez-se demasiado profundo... a ausência absoluta do “Eu”, a perda total da individualidade, a impersonalização cada vez mais e mais radical, me causou temor. Sim! Temor! Temi perder o que sou, a minha própria particularidade, os meus afectos... que terrível é a *Aniquilação Budista*... E cheio de terror e até pavor, perdi o êxtase, entrei no Tempo, engarrafei-me no “Eu”, caí dentro da mente.

Então... ai de mim, ai!...ai! Foi realmente quando compreendi a pesada brincadeira de mau gosto do Ego; era este o que sofria, temia pela sua própria vida, clamava.

Satã, o “Mim Mesmo”, o meu querido Ego tinha me feito perder o *Samadhí*; que horror; se o tivesse sabido antes!

E as pessoas que adoram tanto o “Eu”, que o qualificam de divino, sublime, quão equivocadas estão! Pobre humanidade!...

Então, quando passei por esta vivência mística, era eu muito jovem todavia e ela, (a noite, o firmamento), chamava-se Urânia.

Ah louca juventude que joga com coisas mundanas e que em cada mulher vê uma ninfa grega, ainda que esta seja uma púrpura cortesã!

Tempo longínquo já! Mas ainda vejo florais, laranjais verdes, impregnados de aromas, ou velhas fragatas que chegam de mares distantes, ou no Icaco em espessos manglares. Oh tu, adorado rosto desse tempo, assomas como primeiros pesares e primeiros amores.

E compreendi que precisava de dissolver o Ego, reduzi-lo a pó, para ter direito ao êxtase.

Então, meu Deus!...me encontrei com tantos e tantos ontens... , na verdade o “Eu” é um livro de muitos capítulos.

Que difícil foi para mim a dissolução do “Eu”, porém consegui.

Muitas vezes, fugindo do mal, entrei no mal, e chorei.

Para quê as vis invejas e as luxúrias quando se retorcem as suas pálidas e répteis fúrias?

Para quê os ódios funestos dos ingratos...? Para quê os lívidos gestos dos Pilatos?

Nas profundezas dos homens mais castos vive o bíblico Adão, ébrio de paixão carnal, saboreando com deleite a fruta proibida; ainda ressurgiu na obra de Fídiás, a Friné desnuda.

E clamei muito ao céu, dizendo: *ao fauno que há em mim, dai-lhe ciência, essa sabedoria que ao Anjo faz estremecer as asas; pela oração e a penitência permiti-me por em fuga as más diabesas; dai-me Senhor outros olhos, não estes que gozam em olhar a brancura das faces redondas e os lábios vermelhos; dai-me outra boca na qual fiquem impressos para sempre os carvões ardentes do asceta e não esta boca de Adão em que vinhos e beijos loucos aumentam e multiplicam infinitas gulas de animal; dai-me umas mãos de disciplinante e penitente que me deixe o dorso ensanguentado e não estas mãos lúbricas de amante que acariciam pombas de pecado; dai-me sangue crístico inocente e não este que faz arder as veias, vibrar os nervos e ranger os ossos; quero ficar livre de maldade e engano; morrer mim mesmo e sentir uma mão carinhosa que me empurre para a cova que acolhe sempre o ermitão.*

E trabalhando intensamente, meus irmãos, cheguei ao Reino da Morte, pelo Caminho do Amor.

Ah! Se esses que procuram a Iluminação compreendessem na verdade que a Alma está engarrafada no “Eu”...

Ah! Se esses destruíssem o “Eu”, se reduzissem a pó o querido Ego, então a alma ficaria livre verdadeiramente, em êxtase, no *Samadhí* contínuo; assim experimentaríamos directamente isso que é a “Verdade”.

O que quiser vivenciar o “Real” deve eliminar os elementos subjectivos das percepções. É urgente saber que tais elementos constituem diversas entidades que formam o “Eu”. Dentro de cada um desses elementos, dorme a alma profundamente. Que dor!

CAPÍTULO XXVII

A CRUEL MAGA CIRCE

Antigas tradições do Lácio, dizem: *também tu, Caieta, mãe Eneida que deste ao nosso litoral eterna fama, se a tua honra concede esta sede, é esta a grande Esprielha, pois o ancião Enéias depois de haver composto o monte tumular, o vento incha as suaves velas sob a luz do plenilúnio, o remo luta com a suave água espelhada e assim chegamos à ilha de Calixto, onde a cruel deusa Circe, converteu os homens em corpos e animais como burros e mulas.*

Conta a lenda dos séculos que Neptuno, Senhor do Mar, poderosa Divindade favorável aos Troianos, os afastou desse tenebroso lugar onde morava a espantosa maga, enviando-lhes propícios ventos.

Recordemos o caso de Ulisses, astuto guerreiro destruidor de Cidades, aquele que penetrou na morada de Circe.

Dizem velhos escritos que o guerreiro se deteve ante a porta misteriosa onde morava a deusa de formosos cabelos; chamou-a e ela convidou-o a entrar.

O próprio Ulisses conta na “Odisséia” a sua aventura, dizendo: ... *eu segui-a com o coração cheio de tristeza e ela fez-me sentar num cadeirão com cravos de prata, magnificamente labrado. Sob os meus pés tinha um escabelo Logo preparou numa taça de ouro a bebida que ia oferecer-me, na qual misturou um feitiço. Depois de me a dar e no momento em que estava a beber, tocou-me com a sua varinha e disse-me: anda agora para a pocilga e deita-te no chão com os teus companheiros. Disse isso, porém logo retirei da bainha a minha afiada espada e me lancei sobre ela para matá-la, mas ela lançando um grito, ajoelhou-se e abraçou-se às minhas pernas e disse-me estas eloquentes palavras: quem és tu entre os homens? Qual é a tua cidade? Onde estão os teus pais? Muito me admiro que tendo tu bebido esse feitiço, não te tenhas transformado? Etc.*

Circe transformando os homens em porcos? Por acaso é isto possível? O que diz a licantropia? O que dizem os Deuses santos?

Já temos falado muito dos três estados da “Eterna Mãe Espaço”. Existem aspectos opostos para a *Deva-Matri*? O que nos diz a Ciência Oculta?

Qualquer corpo que penetre na 4ª. Dimensão pode mudar de forma, porém precisa-se de algo mais. O que será?

Vamos ao grão, aos factos. É urgente compreender a fundo o terceiro aspecto da Mãe Cósmica, chame-se Hécate ou Proserpina, tem sempre a possibilidade de desdobra-se em dois aspectos mais de tipo oposto ou fatal.

Definamos, aclaremos: esses dois aspectos negativos da *Prakriti* constituem o que se chama Kali ou santa Maria.

O arcano Seis do Tarôt representa as duas polaridades da Grande Mãe Espaço. Lembremo-nos da virtude e do vício; a virgem e a rameira; a Eva, a lua branca e a Lilith, a lua negra.

Lembremo-nos das graciosas esposas de Shiva, (o 3º. Logos): Pârvati e Uma-Kaniâ. As suas antíteses são essas mulheres sanguinárias e ferozes: Durga e Kali, esta última é a regente tenebrosa desta horrível idade de *Kali-Yuga*. Kali, como serpente

tentadora do Edén, é o abominável Órgão *Kundartinguador*, do qual tanto temos falado nas nossas Mensagens de Natal; é com o sinistro poder de tal órgão fatal, como os homens se transformam em porcos.

Que as abomináveis Árpias se convertam em horripilantes e espantosos passarocos, ou que Apuleio se transforme em burro, ou em porcos como os companheiros de Ulisses, certamente não é algo impossível; isso é um fenómeno muito natural da 4ª. Dimensão, da 4ª. Vertical ou 4ª. Coordenada, e sempre se realizam com o poder tenebroso de Kali ou Circe.

Aos leitores que nunca estudaram as nossas anteriores Mensagens de Natal, poderá parecer-lhes muito estranhas as nossas afirmações, porém em síntese lhes diremos que essa tal Circe ou Kali vem a ser na verdade a força Fohática cega, a electricidade sexual transcendente, usada de forma maligna.

Se uma Árpia se mete com o seu organismo físico dentro da 4ª. Vertical, e logo se transforma numa ave de mau agoiro, ou num qualquer animal, podeis estar absolutamente convencidos de que baseou todo o seu trabalho no sinistro poder do abominável Órgão *Kundartinguador*.

Haveis ouvido falar da cauda de Satã? Esse é o fogo sexual projectado a partir do cóccix para baixo, para os infernos atômicos do homem.

Tal cauda luciferica acha-se controlada por um átomo maligno do inimigo secreto. A anatomia oculta ensina que tal demónio atómico se encontra situado no centro magnético do cóccix. No abominável órgão *Kundartinguador*, (cauda satânica) se encontra contido todo o poder esquerdo, sinistro de Kali, Circe ou Santa Maria.

Os adeptos do Tantrismo negro, os Bons e Dugpas de capuz vermelho, desenvolvem em si próprios essa força fohática cega, do citado órgão fatal.

A Licantropia, a ciência da metamorfose comentada por Ovídio, sempre existiu e actualmente ainda que pareça incrível, em pleno século XX, todavia existem por aí em alguns cantos do mundo, modernas Circes.

Que se riam os velhacos, os pseudo-sapientes, os afastados da virtude; que importa à Ciência e que nos importa a nós? No Istmo de Tehuantepec, em México, existe abundante licantropia e modernas Circes.

Conhecemos o caso concreto de uma espécie Dom Juanesco e borrachão; determinado cavalheiro de vinhateiros, que teve o mau gosto de ter relações sexuais com uma Circe ultra-moderna da nova onda.

É claro e ressalta com toda a evidencia que aquele Tenório pôs todo o céu estrelado aos pés da Árpia, pintando-lhe passaritos de ouro, (como por aqui se diz) e fazendo-lhe formidáveis promessas.

Se não cumpres com a tua palavra empenhada te converterei num burro, comentou velhacamente a formosa diabesa. O amante riu então do que parecia uma simples brincadeira.

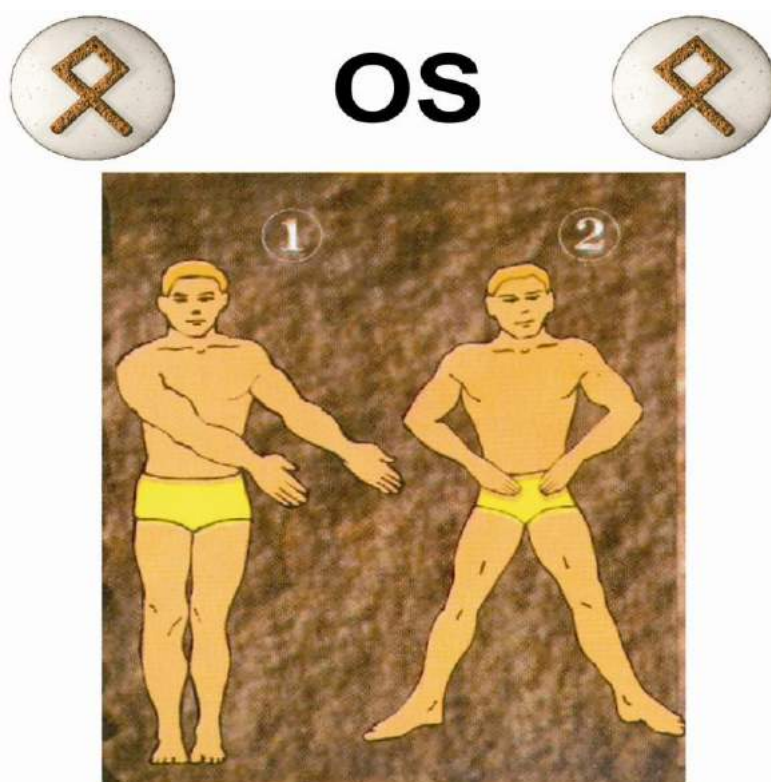
Passaram-se os dias e as semanas sem que o tenório daquele bairro, pensasse nem sequer remotamente em cumprir as românticas promessas. Mas algo insólito acontece; uma noite qualquer, não regressa ao seu apartamento; o seu vizinho pensou que talvez esse Dom Juan andasse por aí em alguma nova aventura; contudo a ausência se prolongava demasiado... passaram várias noites e nada, por fim, preocupado, vê que de repente em vez do Dom Juan se apresenta um asno que insiste em meter-se no apartamento.

Sai à rua o bom amigo em busca de Dom Juan, interroga a formosa Circe, averigua, e ela diz-lhe: *o teu amigo anda por aí; olha-o*; e assinala-lhe o asno.

A gargalhada, o sarcasmo malicioso, o riso estrondoso da sua amiga, outra diabesa belíssima, foi algo definitivo; o amigo compreendeu tudo. Mais tarde, boas pessoas, aconselharam-no a retirar-se daquele lugar antes que fosse demasiado tarde. O melhor que fez o pobre homem, foi regressar à cidade, capital do México.

CAPÍTULO XXVIII

RUNA «OS»



É urgente,
indispensável e
inadiável, que nesta

Mensagem de Natal de 1968-1969, estudemos profundamente esse problema da transmutação sexual para solteiros.

Constantemente, chega a esta Sede Patriarcal do Movimento Gnóstico inumeráveis cartas de muitos irmãozinhos que sofrem de descargas seminais nocturnas.

Certamente que as descargas seminais, são asquerosas, imundas, detestáveis; nós sempre respondemos, receitando a Magia-Sexual, o *Maithuna*, contra tais estados subjectivos.

Porém, devemos mostrar com clareza estas coisas; na realidade em quanto estivermos “bem vivos”, quer dizer, enquanto tenhamos o Ego a existir nas quarenta e nove regiões do subconsciente, os sonhos eróticos continuarão inevitavelmente.

Contudo, fazendo luz nas trevas, devemos afirmar enfaticamente que o *Maithuna* estabelece de facto a base adequada para evitar as descargas seminais nocturnas, ainda que tais sonhos pornográficos, continuem.

Acontece que com o *Sahaja Maithuna*, (Sexo-Yoga), o chela se acostuma tanto a refrear o impulso sexual que quando na realidade se produz o sonho erótico, a mente refreia por instinto; assim se evita então isso que “poluição”, a lamentável perda do licor seminal.

É evidente, certo, patente, que tal receita serve quando existe continuidade de propósitos; precisa-se de tenacidade, prática diária, ano após ano, com intensidade.

Infelizmente tal fórmula somente serve quando se tem esposa; porém, e os solteiros, aqueles que não têm mulher? O quê então?

Aí precisamente é onde está o problema e muito grave por certo; precisa-se de conseguir a mulher se é que de verdade se quer usar a receita.

Passemos agora a outra coisa muito similar; quero referir-me à transmutação sexual para solteiros.

Seria lamentável que os solteiros não pudessem utilizar a energia sexual de alguma maneira; eles também precisam de progredir; mas como? Vamos pois ao grão, aos factos.

Não quero dizer com isto que os solteiros possam auto-realizar-se a fundo; não; é evidente que sem o *Maithuna*, vem a ser algo mais do que impossível chegar a um tão desejado Adeptado; porém sim pode-se e deve-se utilizar a energia criadora para despertar a consciência.

Tudo se reduz a conhecer a técnica e precisamente a isso é que vai dedicado este capítulo. Entremos agora em pleno no terreno da Runa “OS”.

Esta Runa vibra intensamente com a Constelação de Escorpião e isto é muito importante porque esse cortejo de Estrelas encontra-se intimamente relacionado com os órgãos sexuais.

Ela é a própria Runa *OLIN* do México Azteca e está esotericamente relacionada com a famosa Runa *ESPINHO*.

“*OLIN*” entre os Aztecas é o símbolo místico do Deus do Vento; o Senhor do Movimento; Ehecatl, aquele Anjo que interveio na ressurreição de Jesus, transmitindo Prâna, Vida, no corpo do Grande *Kabir*, quando exclamou:... *Jesus, levanta-te da tumba com o teu corpo*.

Eu conheço pessoalmente a Ehecatl, o Deus do Vento; é na realidade um Deva extraordinário; vive no Mundo da Vontade Consciente.

Vejamos então a íntima relação esotérica, existente entre as Runas “OS” e “*ESPINHO*”; (*Movimento e Vontade*).

E ainda que a muitos néscios super-transcendidos do pseudo-esoterismo e pseudo-ocultismo barato se riam das criaturas Elementares da Natureza, considerando-as mera fantasia; ainda que mofam e escarneçam de Paracelso e os seus Elementares: Gnomes, Pigmeus, Silfos, Salamandras, etc., estes sempre existiram, existem e continuarão a existir eternamente.

Ehecatl é realmente um Guru-Deva e tem poder sobre os Silfos do Ar. E quê? Não lhes agrada isto; aos tontos, aos mentecaptos sabichões e néscios? Riem-se dos Elementares? Riem-se de nós? Francamente isso não nos importa, nem nos molesta; o que ri do que desconhece está a meio caminho de ser idiota.

Essa Esfinge milenária da sagrada terra dos Faraós, corresponde à *Esfinge Elementar da Natureza*; o misterioso instrutor do Santo Colégio Dévico.

“A Esfinge Elementar” do Velho Egipto tão intimamente relacionada com a misteriosa Esfinge de pedra, veio até mim, quando nasci no mundo da Vontade Consciente. Trazia os pés cheios de lodo, então exclamei:... *os teus pés estão cheios de barro!* É evidente que entendi tudo: nesta negra idade governada pela Deusa Kali, tudo foi profanado e ninguém quer nada com o Sagrado Colégio da Esfinge.

Quando cheio de amor, a quis beijar; ela disse-me:... *beija-me com pureza*. Assim o fiz, e beijei-a na face; logo regressou ao seu lugar de origem, a sagrada terra dos Faraós.

Todos os irmãos gnósticos gostariam de fazer o mesmo, dialogar cara a cara com a Esfinge Elementar da Natureza; dialogar com os Devas, andar com Ehecatl, porém é necessário primeiro, “despertar a consciência”, abrir a porta, chamar com insistência, pôr em jogo a vontade.

Observe cuidadosamente os dois sinais gráficos da Runa “OS”. Assim como a Runa “FA” tem os braços para cima, a Runa “OLIN” tem-nos para baixo e isto é profundamente significativo.

Durante as práticas esotéricas temos de alternar sucessivamente, colocando os braços já numa primeira posição, para baixo, já numa segunda posição com as mãos colocadas na cintura como na Runa *DHORN* ou *THORN*. Repito: examine-se cuidadosamente os dois sinais gráficos da Runa “OS”.

Durante estas práticas rúnicas, combine-se os movimentos com a respiração em forma harmoniosa e rítmica. Inale-se pelo nariz e exale-se pela boca o Prana, juntamente com o som místico «TORN», alongando a pronúncia de cada letra: *TOOOOOORRRRRNNNN... ..*

Ao inalar, imaginai as forças sexuais subindo, ascendendo desde as glândulas sexuais por entre esse par de cordões do sistema nervoso-simpático, conhecidos na Índia com os nomes de Idâ e Pingalâ. Tais cordões nervosos chegam até ao cérebro e continuam até ao coração por meio de outros canais, entre os quais está o Amrita Nâdi.

Ao exalar imaginai as energias sexuais entrando no coração, penetrando profundamente e chegando até à Consciência para despertá-la.

Golpei com força na Consciência, com *THELEMA*, (Vontade), combinando desse modo as Runas *ESPINHO* e *MOVIMENTO*.

Depois orai e meditai; suplicai ao “PAI” que está em Segredo, pedi-lhe que vos desperte a Consciência.

Suplicai à vossa “*DIVINA MÃE KUNDALINI*”, rogai-lhe com infinito amor que eleve, que faça chegar as vossas energias sexuais até ao coração e ainda muito mais além, até às profundezas da vossa Consciência.

Amai e orai; meditai e suplicai. Tende Fé como um grão de mostarda e moveis montanhas, Lembrai-vos que a dúvida é o princípio da ignorância.

«Pedi e se vos dará. Batei e se vos abrirá».

CAPÍTULO XXIX

A ORIGEM DO “EU” PLURALIZADO

«*Esta Doutrina não é minha, senão D’aquela que me enviou*». Escutai-me: estudai profundamente com a mente e com o coração este revolucionário capítulo da *Mensagem de Natal de 1968-1969*.

Os *Elohim*, (Deuses santos), produziram a partir de si próprios, (por modificação) o homem; à sua imagem o criaram, (a Humanidade colectiva ou Adão); Varão e Fêmea; “Ele”, (a Deidade colectiva) os criou.

A Raça Protoplasmática da Ilha Sagrada situada no Setentrião, foi na verdade a sua primeira produção; uma extraordinária modificação Deles e por Eles próprios, as puras existências espirituais; eis aqui o *Adão-Solus*.

Dessa primitiva Raça Polar proveio a segunda Raça; *Adão-Eva* ou *Jod-Heva*, os Hiperbóreos, andróginos inactivos.

Dos Hiperbóreos, e sempre por modificação, proveio a terceira Raça, a Gente Lemur, a separação hemafrodita de *Caín-Abel*, que viveu no gigantesco Continente UM ou Lemúria, como mais tarde, se veio a chamar, situado no Oceano Pacífico.

Esta terceira Raça, a última, semi-espiritual, foi também o veículo final do Esoterismo inato, instintivo, puro, virginal, congénito nos Enochs, os iluminados daquela Humanidade.

O separador hermafrodita *Caín-Abel* produziu a quarta Raça: *Seth-Enos*, que viveu no Continente Atlântida, outrora situado no Continente Atlântico.

Da Gente Atlante proveio a nossa actual quinta Raça *Ária*, que mora perversamente nos cinco Continentes do mundo.

Cada uma das quatro Raças precedentes pereceu através de gigantescos cataclismos e a nossa quinta Raça não será uma excepção. Foi nos dito que no remoto futuro existirão sobre a face da Terra, duas Raças mais, e torna-se óbvio que cada delas terá o seu próprio cenário.

A unidade bissexual primitiva da terceira Raça-raiz humana é um axioma da Sabedoria Antiga. Os seus indivíduos virginais elevaram-se à estatura de Deuses porque aquela Gente representava de facto a sua divina dinastia.

A separação em sexos opostos realizou-se na realidade através de milhares de anos e foi um facto consumado ao final da Raça Lemur.

Falemos agora do Éden, dessas terras *Jinas* paradisíacas, às quais tinham contínuo acesso os indivíduos sagrados da Lemúria, naqueles tempos em que os rios de água pura de vida manavam leite e mel.

Essa era a época dos Titãs; então não existia o meu, nem o teu, e cada um podia colher da árvore do vizinho sem qualquer temor.

Essa era a época da Arcádia, na qual se prestava culto aos deuses do Fogo, do Ar, da água e da Terra.

Essa era a Idade de Ouro, quando todavia a “Lira”, não havia caído sobre o solo do Templo, feita em pedaços. Então somente se falava no horto puríssimo da divina língua cósmica, que tal como um rio de ouro, corre sob a selva espessa do Sol.

Naquela antiga Idade, as pessoas eram muito modestas e simples, e como todavia não havia nascido o “Eu” pluralizado prestava-se culto aos Deuses do tenro milho e às criaturas inefáveis dos rios e dos bosques.

Eu conheci a Raça Lemur hermafrodita. Vêm nestes instantes à minha memória aqueles terríveis vulcões em erupção constante. Que época! Todos nós, os Iniciados, usávamos normalmente, certa veste sacerdotal muito comum; aquelas túnicas sacras venerandas ressaltavam esplendidamente com as cores branca e negra que simbolizam a tremenda luta entre o Espírito e a Matéria.

Era digno de se admirar, ver aqueles lemures gigantescos com as suas nobres vestes e aquelas sandálias ostentando grandes bolas.

No entrecenho daqueles colossos ressaltava a glândula pituitária, o sexto sentido, o porta-luz, o pajem da glândula pineal. Então a vida de qualquer indivíduo tinha uma média de doze a quinze séculos.

E levantaram-se gigantescas cidades protegidas com enormes pedras, formadas com a lava dos vulcões.

Conheci também os últimos tempos da terceira Raça e vivi naquela época citado no Génese, essa antiga Idade em que “Adão-Eva” foram expulsos do Éden.

Por essa altura, já a Humanidade se tinha dividido em sexos opostos; o acto sexual era então um Sacramento que somente se podia realizar no interior dos Templos.

Em determinadas épocas lunares, as tribos Lémures realizavam longas viagens, saíam em peregrinação rumo aos santos lugares, com o propósito de se multiplicar a espécie, (lembremo-nos das viagens de lua de mel).

Todos nós os lemures era-mos filhos da Vontade e da Yoga; na cópula somente se usava o *Maithuna*, ninguém cometia o erro de ejacular a entidade seminal.

A semente sempre passa para a matriz sem necessidade de derramar o sémen; as múltiplas combinações da substância infinita são maravilhosas.

Os monarcas, rei e rainha uniam-se sexualmente ante o próprio altar do Templo, as multidões realizavam a cópula dentro do recinto sagrado e nos pátios empedrados cheios de misteriosos hieróglifos.

Os Deuses santos dirigiam sabiamente aquelas místicas cerimónias indispensáveis para a reprodução da espécie humana; então ninguém pensava em porcarias porque ainda não havia nascido o “Eu” Pluralizado.

Eu vivia no campo com a minha tribo, longe das ciclópicas cidades amuralhadas; morávamos numa grande palhota, rancho ou cabana. Perto da nossa arredondada residência com tecto de palma, lembro-me com clareza que havia um quartel; os guerreiros da tribo reuniam-se aí.

Aconteceu que certa noite, todos nós fascinados por um estranho poder luciférico, resolvemos realizar o acto sexual fora do Templo, cada casal se entregou à luxúria.

De manhã cedo e como se nada tivesse acontecido, tivemos o descaramento, desvergonha, insolência, o atrevimento de nos apresentarmos como sempre no Templo; então sucedeu algo terrível, insólito.

Vimos todos a um Deus de Justiça, a um grande Mestre, vestido com alva e imaculadas vestes sacerdotais que ameaçando-nos com uma espada chamejante que se revolia por todos os lados, nos disse: *fora, indignos!* É evidente que fugimos aterrorizados.

É obvio que este acontecimento se repetiu em todos os cantos do Continente Um; foi assim como a Humanidade *Adão-Eva* foi expulsa do Éden.

Depois deste acontecimento, registrado em todos os Géneses religiosos, aconteceram epílogos horripilantes, milhões de criaturas humanas misturando a magia e a fornicção desenvolveram o abominável Órgão *Kundartinguador*.

Cabe oportunamente citar aqui a Kalayoni, o rei das serpentes, o mago negro que custodia o templo de Kali, antítese fatal da “Eterna Mãe Espaço”.

Krishna viu sair à mágica conjuração de Kalanyoni, um comprido réptil azul-verdoso. A serpente fatal endireitou lentamente o seu corpo, riçou a sua horrífica e avermelhada cabeleira, e os seus olhos penetrantes, faiscaram de forma espantosa na cabeça do monstro com conchas reluzentes.

“... ou a adoras ou perecerás”! disse-lhe o mago negro. A serpente morreu às mãos de Krishna.

Depois de Krishna, heroicamente ter dado morte à grande serpente, guardadora do templo de kali, a Deusa do Desejo, mãe de Cupido, fez penitência e oração durante um mês nas margens do Ganges.

Essa víbora Kali é a serpente tentadora do Éden, a horrível cobra piton que se arrastava pelo lodo da terra e que Apolo irritado feriu com os seus dardos.

É indispensável compreender que dita cobra sinistra é sem qualquer dúvida, a cauda de Satã, o abominável Órgão *Kundartinguador*.

Quando os Deuses intervieram, eliminando da espécie humana, o citado órgão fatal, ficaram dentro dos cinco centros da máquina humana, (intelecto, emoção, movimento, instinto e sexo) as péssimas consequências da cauda de Satã.

É óbvio que tais más consequências do abominável Órgão *Kundartinguador* constituem isso que se chama Ego, “Eu” pluralizado, “Mim Mesmo”, conjunto tenebroso de entidades perversas que personificam todos os nossos defeitos psicológicos.

O “Eu” Pluralizado é pois, *Fohat* lunar granulado, negativo, luciférico. A cristalização fohática satânica constitui isso que se chama Ego.

CAPÍTULO XXX

AS TRÊS FÚRIAS

Falemos agora das “Três Fúrias” que com todos os seus venenos gorgóneos estão sempre rodeadas de Hidras esverdeadas que têm por cabelos pequenas serpentes e cerastas que cingem as suas horríveis fontes.

Escutai-me M. M.: sabeis de uma vez por todas, que estas são os três traidores de *Hiram Habif*.

A da esquerda é Megera, sempre espantosa e horrível; a do meio, que chora, é Acleto, em cujo coração se esconde a discórdia, as fraudes que produzem a desordem e as maldades que arrebatam a paz; a da direita é Tisífona.

As Fúrias desgarram o peito com as suas unhas repugnantes, batem constantemente com as mãos e lançam fortes exclamações, dizendo: *vem Medusa e te converteremos em pedra; fizemos mal em não nos vingarmos da audaz entrada de Teseu*.

Recordai irmãos gnósticos, a “Mara”, o senhor dos cinco desejos, factor de morte e inimigo da “Verdade”. Quem é que sempre o acompanha? Não são por acaso as suas três filhas, as horríveis Fúrias? Aquelas tentadoras que com todas as suas tenebrosas legiões assaltaram a Buda?

Pode por acaso faltar, Judas, Pilatos e Caifáz no Drama Cósmico? Dante encontrou no Nono Círculo do Inferno a Judas, Bruto e Casio.

Judas, tem a cabeça metida dentro da boca de Lúcifer, agitando de fora as pernas. O que tem a cabeça para baixo pendendo da segunda boca luciférica, é Bruto, que ferozmente se retorcer sem dizer uma só palavra. O terceiro traidor é Casio, que ainda que pareça muito forte, no fundo é demasiado débil.

Os três aspectos luciféricos, as “três Fúrias” são o demónio do desejo, o demónio da mente e o demónio da má-vontade; os três Upâdhis, as bases, os fundamentos lunares, dentro de cada ser humano.

Pensemos nas três presenças do “Guardião do Umbral”, no interior de cada pessoa.

O Apocalipse, diz: *... e vi sair da boca do dragão, e da boca da besta, e da boca do falso profeta, três espíritos imundos semelhantes a rãs*.

... pois são espíritos de demónios que fazem sinais por todo o lado ante os reis da Terra, para reuni-los para a batalha naquele grande dia do Deus Todo-Poderoso.

Mas quem é o Dragão? Essa Besta? Esse falso Profeta? Dizei-me oh Deuses! Onde estão?

Se compreendermos quem é “Mara”, Lúcifer, a força fohática cega do abominável Órgão *Kundartinguador*, o fogo sexual negativo, pai das “três Fúrias”, não nos equivocamos.

Esse vil verme que atravessa o coração do Mundo é a raiz do “Eu” pluralizado, o fundamento das Três Fúrias.

Lúcifer-Mara, o tentador com toda a sua legião de “eus-diabos” que cada mortal leva dentro de si, é a origem das três dores: velhice, enfermidade e morte.

Ah se o aspecto negativo da Deusa Juno não tivesse intervido em Lácio invocando a Acleto a mais detestável das Fúrias, o matrimónio de Enéias, o ínclito varão troiano, com a filha do bom rei Latino, não haveria estado precedido pela espantosa guerra.

... levanta-te donzela, filha da Noite! Disse Juno, assiste-me e não permitas que a minha honra se veja postergada pela vontade de um mortal. Latino quer dar a sua filha ao troiano. Tu, que podes lançar irmão contra irmão, filho contra pai, desencadear os golpes da ira e acender as fúnebres tochas, surge do abismo! Mostra-te dócil à minha vontade! Inflama a juventude do Lácio para que peçam a gritos de armas e se lancem à morte.

Ai, meu Deus, que dor! E se apresenta à espantosa Fúria da mente nas régias habitações da rainha Amata, suscitando-lhes ideias de protesto e rebelião contra a vontade do rei Latino.

Debaixo da pérfida influência de Acleto, a rainha desesperada, sai do palácio, corre pelas montanhas itálicas, dança e salta como uma bacante, parece uma ménade furiosa, movida loucamente pelo ímpeto de Baco.

Ela, a soberana, indignada, protesta ante o monarca, não quer fazer a vontade do Senhor, defende a Turno, o jovem pretendente grego, filho daquele povo que outrora assaltara os invictos muros de Tróia.

Teme a rainha que Enéias fuja com a sua filha para longe de Lácio, sente a dor da perda, chora. E não termina aí o trabalho de Alecto, transporta-se agora à morada do valente Turno, toma a forma de uma velha língua viperina, fala, conta tudo o que no palácio do rei está a suceder, insinuante e maléfica desperta os ciúmes do jovem.

Depois vem a guerra, luta o jovem pela sua dama, a bela Lavínia, a filha preciosa do bom rei Latino.

O monarca não queria a guerra, nem sequer foi ele em pessoa que abriu as portas do templo de Jano (I.A.O.), o Deus bifronte; as abriram por ele a sua gente irritada.

Nesse templo de Jano conserva-se em segredo a Doutrina de Saturno, a revolução primitiva, original dos *Jinas* e só se abria em tempo de guerra.

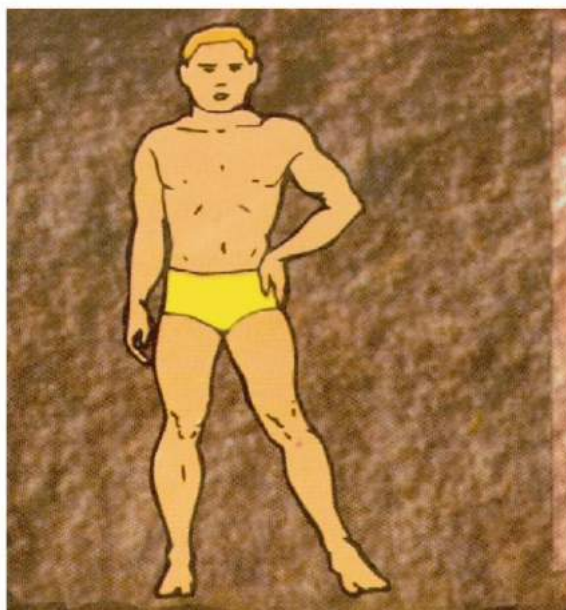
Foi assim como se acendeu a guerra com os Rútilos; quando a repugnante Fúria Alecto terminou o seu trabalho, penetrou então nas entranhas do espantoso abismo pela boca de um vulcão extinto que de vez em quando expelia os fétidos vapores da morte e em pouco tempo chegou à sinistra margem que rodeia as águas do Cócito.

Morreu Turno, o novo Aquiles, às mãos de Enéias e este sempre se casou com Lavínia, a filha do rei Latino.

Porém, oh Deus! Alecto, como sempre acende por todo o lado achas de discórdia e milhões de seres humanos lançam-se á guerra. Ah! Se as pessoas compreendessem que cada um leva a Alecto dentro de si próprio... Infelizmente as criaturas humanas dormem profundamente, nada compreendem. Ai! Ai! Ai!

CAPÍTULO XXXI

RUNA «RITA»



Vem-me à
memória nestes
instantes, cenas de

uma reencarnação minha, passada na Idade Média.

Vivia na Áustria de acordo com os costumes da época; não posso negar que era membro de uma velha ilustre família aristocrata.

Naquela época, a minha família, a minha estirpe presumia demasiado com aquilo de sangue azul, os difíceis ascendentes e notáveis avós.

Até pena me dá confessá-lo, porém e isso é que é grave, eu também estava metido nessa garrafa dos preconceitos sociais. Coisas da época!

Um dia qualquer, não importa qual, uma irmã minha enamorou-se de um homem muito pobre; é claro que isso foi o escândalo da época;

as damas da nobreza e os seus néscios e janotas cavalheretes, currutacos, lechuguinos e engomados, degolaram vivo o próximo, fizeram escárnio da infeliz. Diziam que ela havia manchado a honra da família, que poderia ter-se casado melhor, etc.

Não tardou que a pobre mulher ficasse viúva e como resultado do seu amor, é evidente que ficou um filho.

E se tivesse querido regressar ao seio da família? Contudo não era possível, ela conhecia demasiado a língua viperina das damas elegantes, os seus fastidiosos contrasensos, os seus desaires, e preferiu a vida independente.

Que eu ajudei a viúva? Seria absurdo negá-lo. Que tive piedade do meu sobrinho? Isso foi verdade. Infelizmente por vezes para não se faltar à piedade, podemos tornar-nos desapiedados. Esse foi o meu caso. Compadecido da criança, internei-o num colégio, (com a escusa de que recebesse uma robusta, firme e vigorosa educação), sem se quer me importar minimamente com os sentimentos da sua mãe, e até cometi o erro de proibir à

sofrida mulher de visitar o seu filho; pensava que assim o meu sobrinho não receberia prejuízos de nenhuma espécie e poderia vir mais tarde a ser um grande senhor, etc.

O caminho que conduz ao Abismo está empedrado de boas intenções; a verdade é que assim é.

Quantas vezes querendo-se fazer o bem, faz-se o mal! As minhas intenções eram boas, porém o procedimento equivocado, contudo eu acreditava firmemente que estava a fazer o que era correcto.

A minha irmã sofria demasiado pela ausência do seu filho, não podia ir vê-lo ao colégio, pois estava-lhe proibido. Ressalta com clareza que houve da minha parte amor para com o meu sobrinho e crueldade para com a minha irmã; contudo eu acreditava que ajudando o filho, ajudava também a sua mãe.

Felizmente dentro de cada um de nós, nessas regiões mais íntimas onde falta amor, surge como por encanto o “Polícia do Carma”, o *Kaom*.

Não é possível fugir dos Agentes do Carma; dentro de cada um de nós está o *Polícia* que inevitavelmente nos conduz ante os tribunais.

Já se passaram muitos séculos desde aquela época; todos os personagens daquele drama envelheceram e morreram. Porém a Lei de Recorrência é terrível; tudo se repete, tal como sucedeu, agregando-se as consequências.

Agora em pleno século XX todos os actores dessa cena nos reencontramos. De certa forma tudo se repetiu, porém é evidente, com as suas consequências. Desta vez tive que ser eu o repudiado pela família; assim é a Lei. A minha irmã encontrou-se de novo com o seu marido; a mim não me pesa ter voltado a unir-me à minha antiga esposa-sacerdotisa, conhecida no mundo com o nome de *Litelantes*.

Aquele sobrinho tão amado e discutido renasceu desta vez com corpo feminino, é uma menina muito formosa por certo, o seu rosto parece uma noite deliciosa e nos seus olhos resplandecem as estrelas.

Num determinado tempo, não importa a data, vivíamos perto do mar; a menina, (o antigo sobrinho) não podia brincar, estava gravemente doente, tinha uma infecção intestinal. O caso era muito delicado, várias crianças da sua idade morreram naquela época pelo mesmo motivo; porque haveria de uma filha minha ser uma excepção? Os numerosos remédios que lhe foram ministrados foram francamente inúteis, no rosto infantil começava já a desenhar-se com horror esse inconfundível perfil da morte.

Ressaltava com clareza o fracasso, o caso estava perdido e não ficava outro remédio senão o de visitar o Dragão da Lei, esse Génio extraordinário do Carma, cujo nome é *Anúbis*.

Felizmente, graças a Deus, *Litelantes* e eu, sabemos viajar consciente e positiva e conscientemente em corpo astral.

Assim pois, apresentarmo-nos juntos no palácio do Grande Arconte no universo paralelo da 5ª. Dimensão não era para nós um problema. Aquele Templo do Carma consegue ser impressionante, majestoso, grandioso.

E ali estava o *Hierarca*, sentado no seu trono, imponente, extraordinariamente divino; qualquer um se espantaria ao vê-lo officiar com essa máscara sagrada de “chacal”, tal como aparece em muitos relevos do antigo Egipto Faraónico.

Por fim foi-me dada a oportunidade de lhe falar e é evidente que não a deixei passar tão facilmente... *Tu, tens uma dívida para comigo*, lhe disse.-*Qual?* , replicou-me com assombro.

Então plenamente satisfeito apresentei-lhe o caso de um homem que noutra época foi um perverso demónio; refiro-me a Astaroth, o Grande Duque: ... *este era um filho de Deus perdido para o Pai*; - continuei a dizer-lhe;

Contudo, salvei-o, mostrei-lhe a Senda da Luz, retirei-o da Loja Negra e agora é discípulo da Irmandade Branca, e tu não me pagastes essa dívida.

Acontece que no caso concreto, aquela menina devia morrer de acordo com a Lei e que a sua alma devia penetrar no ventre da minha irmã para formar um novo corpo físico. Assim o entendi e por isso foi que acrescentei:... *peço que vá Astaroth ao ventre da minha irmã em vez da alma da minha filha.*

A resposta solene do Hierarca foi definitiva: ... *concedido. Que vá Astaroth ao ventre da tua irmã e que a tua filha seja salva.*

Sobra dizer que aquela menina, (o meu antigo sobrinho) curou-se milagrosamente e a minha irmã concebeu então a um varão.

Eu tinha com que pagar essa dívida, contava com capital cósmico. A Lei do Carma não é uma mecânica cega como supõem muitos pseudo-esoteristas e pseudo-ocultistas.

Como as coisas estavam, era evidente e fácil de compreender que com a possível morte da minha filha, teria que sentir a mesma dor do desprendimento, aquela amargura que em épocas antigas sentia a minha irmã pela perda do seu filho.

Assim, mediante a Grande Lei, ficaria compensado ao dano, repetir-se-iam cenas semelhantes, porém desta vez a vítima seria eu mesmo.

Felizmente o Carma é negociável, não é essa mecânica cega dos astrólogos e quiromantes de feira.

Tive capital cósmico e paguei essa dívida velha, desse modo, graças a Deus foi-me possível evitar a amargura que me aguardava.

Quando compreenderão as pessoas, os “Mistérios” da Runa RITA? Certamente esta é a Runa da Lei.

RITA vem a lembrar-nos a palavra Razão, Roda, Religião, Right, (Justo, Equitativo, em inglês).

O Direito Romano tem como símbolos de Justiça, a Balança e as Espada. Não é, pois, de estranhar que no Palácio de Anúbis, o Grande Arconte da Lei, se vejam por todo o lado balanças e espadas.

O Grande Juiz está assessorado no seu trabalho pelos 42 Juizes da Lei.

Nunca falta ante os tribunais do Carma, ilustres advogados da Grande Lei, que nos defendem quando temos capital cósmico suficiente de modo a cancelar as velhas dívidas.

É também possível conseguir créditos com os Senhores da Lei ou Arquivistas do destino, porém temos que pagar com boas obras, trabalhando pela humanidade ou à base de suprema dor. Não somente se paga Carma pelo mal que se faz, como também pelo bem que se deixa de fazer, podendo fazer-se.

PRÁTICA:

Os mantras fundamentais da Runa RITA são: *RA... .RE... .RI... .RO... .RU... ..*

Na Runa FA, tivemos que levantar os braços, na UR, abrimos as pernas; na DHORN, pusemos os braços na cintura; na OS, as pernas abertas e os braços nas ancas; na presente Runa RITA devemos abrir uma perna e um braço, com a mão apoiada na cintura; assim nesta posição, verão os nossos estudantes que são eles próprios as letras rúnicas, tal como se descreve.

A presente prática rúnica tem o poder de libertar o Juízo Interno.

Precisamos de nos converter em Juízes de Consciência, é urgente despertar o *Buddhata*, a Alma.

A presente Runa tem o poder de despertar a Consciência dos Juízes.

Recordemos isso que se chama *Remorso*; certamente que essa é a voz acusadora da consciência.

Aqueles que nunca sentem remorso, estão na verdade muito longe do seu Juiz Interior, pelo comum, são casos perdidos.

Pessoas assim devem trabalhar muito intensamente com a Runa RITA e libertar o seu juízo interior.

Precisamos urgentemente de aprender a guiar-nos pela *Voz do Silêncio*, quer dizer pelo *Juiz Íntimo*.

CAPÍTULO XXXII

A DIVINA MÃE KUNDALINI

Oh Musa! Inspira-me a fim de que o meu estilo não desdiga da natureza do assunto.

Oh *Divina Mãe Kundalini*! Tu és Vénus, Senhora minha, és Eva, Ísis, Sophia Achamoth, Parvati, Umâ, Tonantzin, Rea, Cibeles, Maria, ou diríamos melhor, *RAM- IO*.

Oh *Devi Kundalini*! Tu és Adishanti, Rajeswari, Adonia, Insoberta, Triourusndari, Mahâ-Laksmi, Mahâ-Saraswatî.

Sem ti, oh Mãe adorável, evidentemente seria impossível a manifestação do Prana, a Electricidade, a Força Magnética, a Coesão Molecular e a Gravitação Cósmica.

Tu és a Mâtripadma, a Deva-Matrî, Aditî ou Espaço Cósmico, a Mãe dos Deuses.

Oh Eterna Mãe Espaço! Tu tens três aspectos durante a manifestação cósmica e duas antíteses.

Que me escutem os homens e os Deuses! Dito está que cada vivente tem a sua própria *Devi-Kundalini*, a sua Divina Mãe particular.

Seria absolutamente impossível na verdade eliminar o *Ahamkrita Bhava*, a “condição egóica” da nossa consciência, se cometermos o crime de nos esquecermos da nossa *Divina Kundalini*.

O animal intelectual erroneamente chamado homem, não é mais do que um composto de “agregados” que tarde ou cedo devem converter-se em poeira cósmica.

A única coisa eterna em nós é o Buda *Íntimo* e na realidade ele se encontra mais além da mente e dos afectos.

Eliminar agregados vãos e perecedoiros é algo cardinal e definitivo, para o Despertar da Consciência.

Esses “agregados” são certamente essas entidades ou eus tenebrosos que habitam nos cinco centros da máquina.

Nas nossas anteriores *Mensagens de Natal* já explicamos, já dissemos com clareza que os cinco cilindros da máquina, são: Intelecto, emoção, movimento, instinto e sexo.

Concretizemos: os eus-diabos constituem o Ego, (o Eu pluralizado), e dentro de cada um deles dorme a Consciência.

Eliminar esses eus, essas entidades, esses agregados que personificam os nossos defeitos, é vital para “despertar a consciência” e conseguir o Atmam-Vidya, a completa Iluminação.

Compreensão profunda, ter uma clareza consciente do defeito que queremos extirpar, é fundamental; porém não é tudo; é preciso eliminar; e isto somente é possível com a ajuda da *Mãe Kundalini*.

A mente não pode alterar fundamentalmente nada, a única coisa que faz é rotular, esconder defeitos, passá-los a outros níveis, etc.

Eliminar erros é outra coisa e isso seria totalmente impossível sem *Devi-Kundalini*; a Serpente Ígnea dos nossos mágicos poderes.

Uma noite qualquer, não importa o dia nem a hora, viajando em corpo astral pelo universo paralelo da 5ª. Dimensão, inebriado por certa voluptuosidade espiritual, parei defronte o umbral misterioso daquele Templo maravilhoso dos “Duas Vezes Nascidos”.

O Guardião dos Grandes Mistérios, hierático e temível como sempre, estava à porta, e quando quis entrar aconteceu algo insólito.

Olhando-me fixamente, disse-me com voz severa: *de entre um grupo de irmãos que trabalharam na Nona Esfera e que depois de terem trabalhado nessa região se apresentaram neste Templo, tu eras o mais adiantado, contudo agora estás estancado no teu progresso.*

Aquelas palavras do Guardião, pronunciadas com tanta severidade no umbral do Mistério, certamente me deixaram perplexo, confuso, indeciso, e não me ocorreu mais do que perguntar: *Por quê?*

O hierarca, respondendo à minha pergunta, disse: *Porque te falta amor! Como? Repliquei! Amo a humanidade, estou a trabalhar por todos os seres humanos, não entendo o que me dizes. Em que consiste essa falta de amor?-Haveis esquecido da tua Mãe; és um filho ingrato*, retorquiu o Guardião, e a forma com que pronunciou estas palavras, ademais de dor, confesso que me produziram pavor.

-Mas, é que não sei onde ela possa estar, já faz tempo que não a vejo; disse-lhe, crendo que se estava a referir à minha progenitora terrena; da qual tive que me afastar quando todavia ainda era muito jovem. Como é possível que um filho, não saiba onde está sua Mãe? Refutou o Guardião, e logo continuou, dizendo: Digo-te isto para teu bem; estás a prejudicar-te.

Confesso na verdade que só depois de vários dias e de inúteis pesquisas para localizar no mundo a minha mãe terrena, pude por fim entender as enigmáticas palavras do Guardião do Templo.

Ah! Essa literatura de tipo pseudo-esotérica e até pseudo-ocultista que tanto abunda no mercado, nada dizem sobre isso. Se o tivesse sabido antes... em fim, pensei tantas coisas, e orei.

Orar é falar com Deus, e eu orei em segredo ao Eterno Feminino ao Deus-Mãe.

Então soube que cada criatura tem a sua própria Mãe divina particular e até conheci o nome secreto da minha.

É evidente que por aquela época sofria o indizível dissolvendo o Ego, lutando para reduzi-lo a poeira cósmica.

O mais terrível de tudo isso é que havia chegado ao “Segundo Nascimento” e compreendia muito bem que se não chegasse a “morrer em mim mesmo”, fracassaria, me converteria num aborto da Mãe Cósmica, num *Hanasmussen*, com duplo centro de gravidade.

Os meus esforços pareciam-me inúteis, fracassava nas provas e o haver continuado assim, é claro que o fracasso total teria sido inevitável.

Felizmente, graças a Deus! O Guardião do templo soube advertir-me e aconselhar-me.

O trabalho foi terrível, os fracassos indicaram-me com exactidão onde estavam as falhas. Cada prova era suficiente para indicar-me, assinalar-me o defeito básico, o erro.

A meditação sobre cada erro foi suficiente para a compreensão, ainda que pude evidenciar com clareza que existem graus e graus no entendimento.

Nisto da “compreensão” há muita elasticidade e ductilidade, muitas vezes cremos ter compreendido de forma integral algum defeito de tipo psicológico e só mais tarde vimos a descobrir que realmente não o havia-mos compreendido.

Eliminar é outra coisa, alguém pode compreender um defeito qualquer sem que por isso consiga extirpá-lo.

Se excluirmos a Divina Mãe *Kundalini*, o trabalho torna-se incompleto, então seria impossível eliminar defeitos.

Eu, francamente converti-me num inimigo de mim mesmo, resolvi equilibrar a compreensão com a eliminação.

Cada defeito compreendido foi eliminado com o poder da Divina Mãe *Kundalini*.

Por fim, um dia qualquer, revi o meu trabalho no Tártaro, no Averno, no Reino Mineral Submerso, nessas regiões infra-dimensionais, ou universos paralelos submersos.

E navegando entre as águas do Aqueronte, metido entre a barca de Caronte, cheguei à outra margem para rever o “trabalho” e então vi milhares de eus-diabos, os meus agregados, partes de mim mesmo, vivendo nessas regiões.

Quis fazer ressurgir algo, uma efígie que simbolizava o meu próprio Adão de pecado que jazia como um cadáver entre as lodosas águas do rio.

Então a minha Mãe Divina, vestido de luto, tal qual uma Dolorosa, disse-me com uma voz cheia de infinito amor: *Isso está já bem morto; nada já tenho que retirar-lhe.*

Certamente a minha Mãe havia extraído de mim toda essa legião de eus-diabos, todo esse conjunto de entidades tenebrosas que personificam os nossos defeitos que constituem o Ego.

Foi assim como consegui a dissolução do Eu pluralizado; foi assim como consegui reduzir a pó todos esses agregados que constituem o “Mim Próprio”.

CAPÍTULO XXXIII

A FORJA DOS CÍCLOPES, (O SEXO)

Vénus, a Mãe Divina Kundalini, rogando a Vulcano por seu filho Enéias, ensina a chave da Auto-realização íntima.

E disse a Deusa: ...escuta-me tu, que forjas o ferro indomável com os fogos do centro da Terra! Durante os nove anos que Tróia se viu assaltada pelos Aqueus, nunca te importunei pedindo-te armas para os meus protegidos. Porém hoje é o meu filho o que se encontra em perigo de vida. Muitas Nações belicosas o espreitam para exterminar a sua Raça. Quando te suplicava a mãe de Aquiles e outras Deidades, forjastes armas para os seus heróis; agora sou Eu, tua esposa quem te pede; dá armas ao meu Enéias para que se proteja do tremendo choque, da inundação do ferro e dos dardos que lhe vem em cima. Ele não é destrutivo, pois só procura defender-se dos que combatem os seus propósitos de paz fecunda.

Oh vós, os que desceis valorosamente ao Averno para trabalhar na Forja Acesa de Vulcano, (o Sexo); escutai-me.

Nove meses permanece o feto no claustro materno; nove idades permaneceu a humanidade inteira no ventre de Reia, Ceres, Cibele, Ísis, a Mãe Cósmica.

Vulcano trabalha no Nono Círculo do Inferno, forjando o ferro indomável com os fogos vivos do organismo planetário.

Gente de *Thelema*, (Vontade); homens e mulheres de vontade de ferro, trabalhai sem descanso na Nona Esfera, (o Sexo).

Vénus, a Mãe Divina Kundalini, é, foi e será sempre a esposa-sacerdotisa de Vulcano, o 3º. Logos, o Espírito Santo.

E desce o ignio-poderoso até à extraordinária forja dos Cíclopes, desde as alturas do céu maravilhoso. Clama em alta voz, chamando aos seus três irmãos: Brontes, Steripes e Piracmão, símbolos vivos das criaturas elementares do ar, da água e da perfumada terra.

O trabalho é terrível, na Forja dos Cíclopes, (o Sexo). Aí colaboram no esforço, os raios da tempestade, as forças secretas da tormenta, os sopros dos furacões. Aí se transmuta o chumbo em ouro e se tempera o aço da espada flamejante. Aí se forja o gigantesco escudo, protector da alma, o que só por si bastaria para fazer parar os golpes dos exércitos tenebrosos mais terríveis.

Armadura Argentada, esplendido escudo formado com átomos transformadores de altíssima voltagem que residem no sistema seminal.

Divino escudo aúreo, setenário na constituição íntima do Homem verdadeiro.

O antro sexual trepida sob o empurrão erótico dos folhos da respiração durante o *Maithuna*, e os robustos braços suados no esforço rítmico golpeiam os yunques.

Enéias desafiando no combate os soberbos Laurentes e o impetuoso Turno, parece um Deus. Enéias feliz com a dádiva da sua Mãe Divina reveste-se com as armas fabricadas por Vulcano.

Olhai aí os corpos solares; a extraordinária cimeira e o elmo adornado com chamas ameaçadoras; a espada flamejante e a couraça de bronze; as polidas grebas e o escudo cheio de inumeráveis imagens.

Naquele escudo aúreo luminoso, Vulcano, o Terceiro Logos, o Espírito Santo gravou assombrosas profecias.

Ali resplandecia gloriosa a Raça dos remotos descendentes de Ascanio; a loba que amamentou a Rômulo e a Remo; e o primeiro destes dois irmãos, oh Deus, raptando as mulheres Sabinas e acendendo a cruel guerra.

Ah! Se as pessoas entendessem o mistério desses dois gêmeos... uma só alma em duas pessoas distintas...o *Buddhata* dividido em dois e claro encarnado em duas personalidades diferentes.

Rômulo e Remo amamentando-se pela Loba da Lei, a Alma com dois homens, duas pessoas, dois corpos. Bem sabem os Deuses que é possível viver simultaneamente em distintos tempos e lugares. Quanta sabedoria gravou Vulcano na brilhante aura de Enéias! Quantas profecias!

Olhai aí, homens e Deuses ao rei Persenna, extraordinário, maravilhoso, persuadindo os romanos para que admitissem a Tarquino dentro dos invictos muros da cidade.

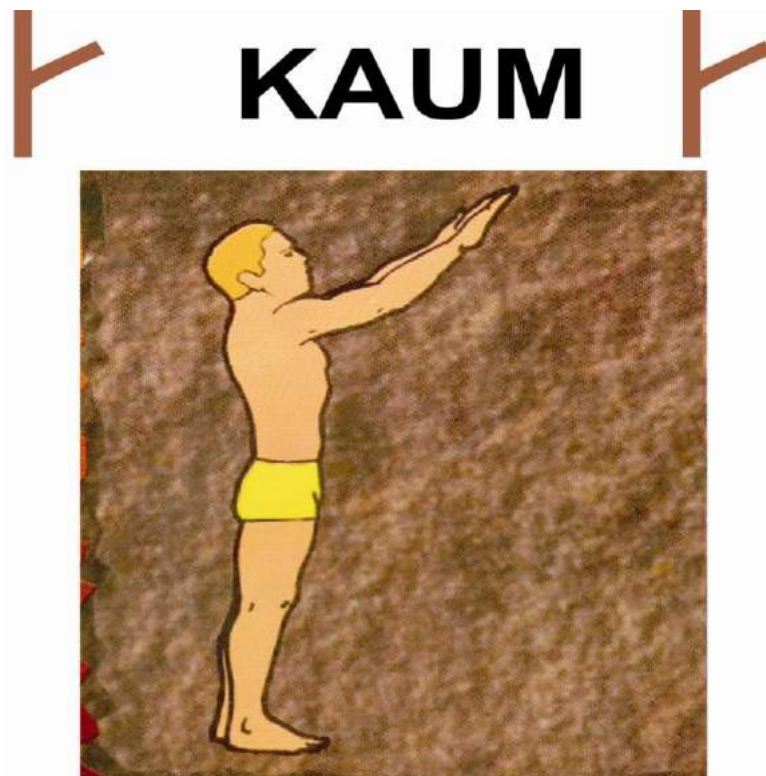
Olhai o ganso de ouro, na cúspide do pontagudo escudo, agitando as suas asas, pedindo auxílio contra os Galos que procuravam invadir o Capitólio Romano.

Observai, vede os confrades Salios com as suas danças marcianas e os seus coros guerreiros, as castas matronas nas suas carruagens; a traidora Catilina atormentada no Averno, as pálidas Fúrias, Catão o sábio legislador, as naus de guerra, César Augusto, Agripa ajudado pelos Deuses e pelos ventos, Marco Antonio e Cleópatra, Anúbis o Senhor da Lei, Neptuno, Vénus, Minerva a Deusa da Sabedoria.

Depois oh Deus! César regressando vitorioso aos muros de Roma, as Nações vencidas, fileiras de cavalos, rico botim, tronos de ouro, reis vencidos.

CAPÍTULO XXXIV

RUNA «KAUM»



Faz muito tempo, na noite profunda dos séculos, além no Continente Mu ou Lemúria, conheci a Javhé, aquele anjo caído, do qual fala Saturnino de Antioquia.

Certamente Javhé era um venerável Mestre da Irmandade Branca, um anjo glorioso de precedentes Mahamvantaras.

Conheci-o, vi-o, foi sacerdote e guerreiro entre a gente da Lemúria, todos o amavam, adoravam e veneravam.

Os Hierofantes da Raça Púrpura concederam-lhe a elevada honra de usar couraça, cimeira, elmo, escudo e espada de ouro puro.

Resplandecia aquele sacerdote-guerreiro com chamas de ouro sob a espessa selva do Sol.

No seu simbólico escudo, Vulcano havia gravado muitas profecias e terríveis advertências.

Ai! Ai! Ai! Este homem cometeu o erro de atraí-lo os Mistérios de Vulcano.

Os Luciferos daquela Idade que pairavam na atmosfera no velho Continente Mu, ensinaram-lhe o Tantrismo Negro, o *Maithuna* com a ejaculação do *Ens Seminis*.

O que foi mais grave, é que este homem tão amado e venerado por toda a gente, se deixou convencer e praticou este tipo pernicioso de Magia Sexual com distintas mulheres.

Então, é óbvio que desceu pelo canal medular, a Serpente Ígnea dos nossos mágicos poderes e projectou-se para baixo a partir do cóccix, formando e desenvolvendo no corpo astral de Javhé o abominável órgão *Kundartinguador*.

Assim caiu aquele anjo, converteu-se através das Idades, num demónio terrivelmente perverso.

Nos Mundos Superiores encontramos muitas vezes a esposa sacerdotisa de Javhé; é um anjo inefável.

Inúteis foram os esforços desse homem para convencer a sua esposa; ela jamais aceitou o Tantrismo Negro dos tenebrosos e perferiu o divórcio do que meter-se pelo Caminho Negro.

Javhé é aquele demónio que tentou Jesus o Cristo; e tentando-o no deserto durante o jejum, disse-lhe: *...se és o Filho de Deus, diz a esta pedra que se converta em pão.- ...nem só de pão vive o homem, senão de toda a palavra de Deus*, respondeu Jesus.

Contam as Sagradas Escrituras que Javhé levou então a Jesus o Grande Rabino ao alto de um monte e que tentando-o lhe disse: *...Itababo, todos estes reinos do mundo te darei se te ajoelhares e me adorares*. O Grande Mestre respondeu: *Satã, Satã, está escrito: ao Senhor teu Deus adorarás e só a Ele servirás*.

E dizem que por último, Javhé levou Jesus a Jerusalém e colocou-o no cume do Templo e disse-lhe: *...se és o Filho de Deus lança-te daqui abaixo, porque está escrito aos seus Anjos mandará que te protejam e que te sustentem de modo que não firas os teus pés nas pedras.-* e respondendo, Jesus disse-lhe: *...Dito está que ao Senhor teu Deus, não tentarás*.

E quando Javhé deu por concluída toda esta tentação, se afastou d, Ele por algum tempo.

Se queremos compreender profundamente todos os mistérios da Runa *KAUM* devemos falar agora sobre o Tantrismo Branco.

Vem nestes momentos à minha memória, aqueles tempos do antigo Egito.

Durante a dinastia do faraó Kefrén, no País solarengo de Kem, fui um iniciado egípcio.

Uma tarde qualquer cheia de sol, caminhando por entre as areias do deserto, atravessei uma rua de esfinges milenárias e cheguei às portas de uma pirâmide.

O guardião do templo, um homem de rosto hierático e austero estava no umbral, na sua dextra empunhava de modo ameaçante a espada flamejante.

...que desejas?-

...sou Sus, (o suplicante ou genuflexo), que venho em busca de luz.

...que queres?

...luz, respondi novamente.

...que necessitas?

...luz, voltei a responder.

Jamais pude esquecer aquele momento em que girou a pesada porta de pedra sobre os seus gonzos, produzindo esse som característico do Egito Faraônico, esse DÓ profundo.

O Guardião de forma brusca tomou-me pela mão e introduziu-me no Templo; fui despojado da túnica e de todo o objecto metálico e me submeteram a terríveis e espantosas provas.

Na prova do Fogo tive que manter um pleno controle de mim mesmo; foi terrível caminhar entre vigas de ferro em brasa.

Na prova de Água estive a ponto de ser devorado pelos corcodilos do poço profundo.

Na prova do Ar, pendendo duma argola sobre o fundo de um abismo, resisti com heroísmo aos ventos ciclónicos. Na prova da Terra pensei que morria entre duas moles de pedra que ameaçavam triturar-me.

Já havia passado por todas estas provas iniciáticas nos antigos tempos, contudo tinha que recapitular para regressar ao “Correcto Caminho”, do qual me tinha afastado.

Foi vestido com a túnica de linho branco e me colocaram a cruz Tau sobre o peito, pendurada no pescoço.

Ingressei como qualquer neófito, apesar de ser um Bodhisattwa; tive que passar por rigorosos estudos e disciplinas esotéricas, e quando cheguei à Nona Porta, ensinaram-me os grandes mistérios do sexo.

Ainda recordei, todavia aqueles momento em que o meu Gurú, depois de profundas explicações, olhando-me fixamente disse-me com voz solene: *destapa o chechere, (phalo)*. Então de lábios a ouvidos me comunicou o indizível segredo do Grande Arcano: conexão sexual do lingam-yoni sem ejaculação do ens seminis.

Depois trouxe uma Vestal envolvida numa túnica amarela e plena de uma extraordinária beleza.”

De acordo com as instruções do meu Mestre, realizei com ela o “trabalho”, pratiquei o *Maithuna*, o Tantrismo Branco.

Esta prática é maravilhosa, disse-lhe eu, e desci à Nona Esfera; realizei assim a “Grande Obra”.

Objectivo: fabricar os Corpos Solares; despertar e desenvolver o Fogo Serpentino da anatomia oculta.

Por aquela época existiam “prostitutas sagradas” no interior dos templos; Vestais especiais; com elas trabalhavam os iniciados que não eram casados.

Hoje em dia tais mulheres dentro dos Lumisiais, não seria conveniente... escandalizariam; por isso é que agora, o *Maithuna* somente se pode e deve praticar-se entre esposo e esposa nos lares legitimamente constituídos.

No antigo Egipto dos Faraós, aqueles que violavam o seu juramento e divulgavam o “Grande Arcano”, eram condenados à pena de morte; se lhes cortava a cabeça, era-lhes arrancado o coração, queimavam-se os seus corpos e por último as suas cinzas eram arrojadas aos quatro ventos.

A misteriosa Runa “K” representa com inteira exactidão a mulher-sacerdotisa e também a Espada Flamejante.

A Runa *KAUM* com o seu “Seis” Cabalístico, vibra com suma intensidade dentro da esfera de Vénus, o planeta do Amor.

Homens e mulheres do mundo, sabeis que só com o *Maithuna* é possível pôr em actividade esse Fogo Serpentino anular no corpo do asceta.

Precisamos urgentemente de aprender a manejar sabiamente o eterno princípio feminino das forças solares.

Lembra-vos da águia com cabeça de mulher, a dama-sol, o fundamento diamantino da “Grande Obra” do PAI.

Primeiro devemos transmutar o chumbo em ouro e mais tarde precisamos de fabricar diamantes da melhor qualidade.

A Runa *RITA* influencia decididamente as glândulas endócrinas masculinas e a Runa *KAUM* exerce a sua influência sobre as glândulas femininas.

Existem por aí no labirinto de todas as teorias, muitos maromeiros do Hatha Yoga. Esses cirqueiros supõem que podem excluir o *Maithuna* e Auto-realizar-se a fundo sem necessidade de descer à Nona Esfera.

Acreditam esses místicos maromeiros que à base de piuretas e ginásticas absurdas se pode fabricar os corpos solares e chegar ao Segundo Nascimento.

Faz algum tempo tive a alta honra de ser convidado a um concílio secreto da Grande Loja Branca. Devo com clareza informar o mundo que então o *Hatha-Yoga* foi desclassificado, reprovado, condenado como legítimo e autêntica magia negra da pior classe. Os esotéricos organizadores da humanidade não aceitam e jamais aceitariam as maromas absurdas do *Hatha-Yoga*.

Quem de verdade quer Auto-realizar-se a fundo deve transmutar o Hidrogénio Sexual SI-12, por meio do Sexo-Yoga para com ele fabricar os corpos solares, o Traje de Bodas da Alma.

Vem a ser totalmente impossível encarnar em nós mesmos o nosso “Real SER”, se antes não tivermos fabricado os Corpos de Ouro na Forja dos Cíclopes.

É urgente caminhar com firmeza pela “Senda do Fio da Navalha”.

Chegou a hora de seguir o caminho do *Matrimónio Perfeito*; recordai que o nosso lema-divisa é *THELEMA*, (Vontade).

Os mistérios da Runa *KAUM* resplandecem gloriosamente no fundo da “Arca”, aguardando o momento de serem realizados.

CAPÍTULO XXXV

A REGIÃO PURGATORIAL

Aquela águia com plumagem de ouro que arrebatou a Ganimedes, levando-o ao Olimpo para servir de pagem aos Deuses, tem sempre o costume de caçar na região Purgatorial.

Essa majestosa ave do Espírito, dando voltas maravilhosas, desce de forma extraordinária como um raio e arrebatou a Alma até à esfera do fogo para abrasar-se com ela, convertidas as duas numa chama viva.

Recordemos o poderoso Aquiles, revolvendo-se espantado e sem saber onde se encontrava, quando a sua mãe roubando-o a Quirão, o levou adormecido à ilha de Sicros, de onde depois os Gregos o retiraram.

Venham à minha memória aqueles tempos em que eu abandonei o Averno para ingressar à região Purgatorial.

Já a minha Mãe me havia instruído profundamente, convertida numa verdadeira Dolorosa; havia navegado comigo na barca de Caronte; havia-me demonstrado a dissolução do “Eu” pluralizado e por último havia-me ensinado que a mente, desprovida do Ego, continua com as más tendências.

Oh meu Deus!... o “Eu” pluralizado, ao dissolver-se deixa na mente as suas sementes de perdição.

Os *yogues* dizem que se tem de queimar essas sementeS, estrujir-lhas, reduzi-las a poeira cósmica.

É urgente compreender que o “Eu” renasce como a má erva de entre as suas próprias sementes.

Precisava pois de incinerar essas más sementes da erva venenosa; era necessário ingressar na região Purgatorial do mundo molecular inferior para queimar a sementeira do “Mim Mesmo”.

Aproximei-me até chegar ao sitio que antes me tinha parecido ser uma quebra semelhante a uma brecha que divide um muro; e vi uma porta pela qual se subia por três degraus de diferentes cores; naquele pórtico extraordinário estava gravada com caracteres indeléveis a palavra *Purgatorio*.

E vi um porteiro que ainda não tinha proferido qualquer palavra; aquele Génio estava de pé sobre o degrau superior; era um Anjo de grande beleza, imponente, severo, extraordinariamente divino; tinha na sua mão direita uma espada desembanhada que reflectia os seus raios.

Todo aquele que tenta entrar na região Purgatorial se ajoelha devotamente aos pés desse Anjo e lhe suplica por misericórdia que lhe dê passagem, tendo dado antes três batidas no peito.

Momentos extraordinários inesquecíveis aqueles em que o Anjo escreve com a sua espada na fronte do Iniciado a letra *P* repetida sete vezes. Então se escuta dos seus lábios a seguinte frase: *procura limpar estas manchas, quando estiveres aí dentro*.

Lembraí-vos da mulher de Lot? Por olhar para trás ficou convertida numa estátua de sal.

Do mesmo modo, o Anjo do Purgatório nos adverte que aquele que olha para trás depois de ter entrado no mundo molecular inferior perde o seu trabalho; volta a sair por onde entrou.

Isto significa arrependimento absoluto, não voltar a cometer os mesmos erros do passado, não delinquir.

Quem olha para trás, falha, repete os mesmos erros, retorna ao passado pecaminoso, não se purifica.

Todo aquele que olha para trás converte-se num fracasso purgatorial. No Purgatório deve-se caminhar com firmeza para diante.

Na região molecular inferior, compreendemos quão absurdas são a soberba e o orgulho; nós somente somos simples crisálidas, miseráveis vermes do lodo da terra, dentro dos quais deve formar-se a “borboleta celestial” à base de tremendos esforços íntimos; porém não é uma lei que isso aconteça; tais crisálidas podem perder-se, pois isso é que é o normal.

Quão néscios são esses indivíduos que ao verem uma pessoa feliz, sofrem o indizível. Porque colocar o seu coração no que requer uma posse exclusiva?

Beati pacifici, que carecen de pecaminosa ira.

Infelizmente a cólera, a raiva, pode disfarçar-se com a toga do juiz ou com o sorriso do perdão; cada defeito é multifacetado.

Na região purgatorial sofremos espantosamente entre o fogo da luxúria, revivemos em esferas subconscientes, submersas, todos os prazeres da paixão sexual; contudo isto causa-nos profunda dor.

Adhaesit pavimento anima mea. Pobres almas que se apegaram às coisas terrenas, como sofrem na região purgatorial!

Pessoas da região Purgatorial! Digo-vos para que vos lembreis de a Pigmalião, o qual a sua paixão pelo ouro o converteu em traidor, ladrão e para cúmulo dos males, também em parricida.

E que diremos da miséria do avaro Midas com as suas preces absurdas, convertido numa personagem ridícula por incontáveis séculos?

E o que diremos da preguiça? Sereia que distrai os marinheiros no imenso mar da existencia. Ela afastou Ulisses do caminho, e do seu horrível ventre sai a pestilência. Gulotões do Purgatório! Olhai a Bonifácio que conduziu a tanta gente; vêde a Meser Marchese, que havendo tido tempo para beber em Forli com menos sede; foi de tal maneira que nunca mais se sentiu saciado.

Recordai-vos dos malditos formados nas nuvens, que repletos combateram a Teseu com os seus duplos peitos. Recordai-vos dos Hebreus que se mostraram ao beberem em sua malícia ou indignidade, pelo que Gedeão não os quis por companheiros quando desceu das colinas, perto de Madião.

Eu vi e ouvi no Purgatório coisas espantosas; revivendo ali todas as bestialidades dos antigos tempos senti-me na verdade convertido num porco. Um dia desses tantos, conversando com uma alma companheira do Purgatório, disse-lhe: *minha irmã, aqui nos temos convertidos nuns porcos. Assim é,* me respondeu; *aqui nos convertemos nuns porcos.*

Passava o tempo e eu sofria o indizível, incinerando sementes malignas, eliminando porcarias.

E muitas almas companheiras da região Purgatorial, pareciam cadáveres em decomposição, deitadas em leitos de dor; eliminavam sementes, horríveis e imundas larvas, más tendências. Essas pobres almas suspiravam e queixavam-se.

Eu jamais esquecia a minha Mãe Divina; sempre lhe suplicava que me ajudasse nesse “trabalho purgatorial”; que eliminasse de mim, tal ou qual defeito psicológico. A luta contra mim próprio foi terrível.

Por fim, certa noite, entrou na região Purgatorial a Bendita Deusa Mãe *Kundalini*, disfarçada de homem. Eu a reconheci intuitivamente.

Porque vos haveis disfarçado de homem? Lhe perguntei. — Para entrar nestas regiões; foi a sua resposta.

Quando me tirarás daqui?

Ela, a *Adorável*, fixou então o dia e a hora: *depois virá a instrução televidente*, continuou a dizer; é óbvio que tudo entendi.

Vários detalhes confirmavam a palavra da minha Mãe; os sete P(s) já se haviam limpo pouco a pouco, um a um; as purificações estavam evidentes, patéticas, claras, positivas.

CAPÍTULO XXXVI

O TEMPLO DE HÉRCULES

Resplandecente companheiro daquele Templo maravilhoso de Jagrenat, acerca do qual, tantas maravilhas nos diz A. Snider na sua formidável obra intitulada «La Creation et ses Mistères»; resplandecia gloriosamente na submersa Atlântida, o *Santuário de Hércules*, (o Cristo).

Tempos inesquecíveis de profunda poesia são aqueles em que o rei Evandro explicava eloquentemente a Enéias, o exímio varão troiano, todo o delicioso encanto do sacro banquete oferecido em honra de Hércules.

Se o Deus Vulcano, (o Terceiro Logos) merece na verdade tantos elogios, o que diremos do Senhor, o Cristo, (o Segundo Logos); Hércules?

Cantou deliciosamente o coro dos adolescentes no sagrado banquete, entoando o “Elogio do Senhor” e os seus altos feitos; enumerou com singular beleza todos os seus trabalhos.

Hércules, estrangulando a todas as serpentes venenosas que vinham para tirar-lhe a vida, quando era ainda muito pequenino, (lembremo-nos de Herodes e a decapitação dos inocentes).

Hércules, decapitando a Hidra de Lerna, a serpente tentadora do Éden, a horrível víbora do templo sinistro da deusa Kali.

Hércules, limpando com o fogo sagrado, os estábulos de Augias, quer dizer, as quarenta e nove regiões subscientes da mente humana onde moram todos os horrendos animais do desejo.

Hércules, matando valorosamente o furioso Leão de Nemeia, quer dizer, eliminando ou extinguindo o fogo luciférico e retirando das trevas, a Luz, a Cerbero, o cão infernal, (o instinto sexual), é realmente admirável, digno de todo o louvor e glória.

E pensar, oh Deus! Que Hércules repete sempre as suas façanhas cada vez que vem ao mundo; isso é extraordinário, grandioso...

É óbvio e com toda a clareza que ressalta patético que primeiro devemos trabalhar na Forja Acesa de Vulcano, (o Sexo), antes de encarnar a Hércules em nós próprios.

Infeliz do Sansão da Cabala que se deixa dominar por Dalila; aquele que troca o seu ceptro do poder pelo fuso de Onfália, bem depressa sentirá as vinganças de Dejanira e não lhe ficará mais remédio que a fogueira do Monte Etna para escapar dos devoradores tormentos da túnica de Neso.

Desde o alto da rocha Tarpeia são precipitados ao fundo do Abismo todos aqueles que atraíam a Hércules.

Nos antigos tempos da submersa Atlantida se edificava o Templo de Hércules sobre um monte rochoso.

A extraordinária escadaria de mármore que dava acesso ao Templo; sua ciclópica e imponente estrutura, o fazia na verdade um precioso irmão gêmeo do egípcio Philae e de muitos outros santuários venerados dos Maias, Nahuas e aztecas.

Se pensarmos nem que seja por alguns momentos na Cidade dos Deuses, (Teotihuacán, México) e nos caminhos secretos e criptas subterrâneas desse sacro lugar, ignorados pelos turistas, nunca devemos esquecer as colossais construções sob o templo de Hércules.

Certamente sob a fachada posterior do Templo abria-se um regio pórtico com doze estátuas dos doze Deuses Zodiacais que simbolizavam com clareza as Doze Faculdades do Homem e os Doze Salvadores acerca dos quais falou tão sabiamente o Grande *Kabir* Jesus.

Dizem velhas Tradições que tal pórtico era semelhante à celebre Casa do Anão, também chamada Casa do Mago do Grande Teocali ou Casa de Deus, de México.

Os Iniciados entravam reverentes e temerosos debaixo daquele extraordinário pórtico e passavam sob as colunas de Hércules. Tais colunas eram de ouro e nelas estavam gravadas com caracteres sagrados as palavras *Adam Kadmon*; os M. M. sabem muito bem acerca das letras *J.* e *B.*; *plus ultra*.

Sete aúreos degraus pelos quais descia o Iniciado, o conduziam até a um grande recinto rectangular. Aquele misterioso lugar achava-se completamente revestido de ouro puro e correspondia-se exactamente com a nave superior, sempre aberta ao mundo profano.

Essa era a Câmara do Sol; existiam quatro câmaras mais e em todas elas resplandeciam os Mistérios.

A segunda cripta era inefável; a ela se chegava descendo-se por cinco tramos de estanho prateado, o sagrado metal de Brihaspati, júpiter ou Ino.

Na terceira cripta resplandeciam os planetas Marte e Vénus, a vermelha coloração de um e a brancura de espuma de outro davam ao ambiente aquele formosíssimo ar rosáceo.

Dos sete palácios solares, o de Vénus-Lucifer é o terceiro, o mesmo que na Cabala Cristã e na Judaica e que corresponde à mansão de Samael.

Os Titãs da alegoria Ocidental estão, pois, intimamente relacionados com Vénus-Lucifer.

Zukra, ou seja, o Regente do Planeta Vénus encarnou na Terra como Uzanah; em Hebreu Uriel, e deu aos habitantes deste Mundo leis perfeitas que infelizmente foram violadas em séculos posteriores.

Eu conheci Ushanas ou Uriel no Continente Polar durante a primeira Raça; escreveu um precioso livro com caracteres Rúnicos.

Lúcifer é o aspecto negativo fatal de Vénus: Na Aurora resplandece e agitam-se terríveis, as forças luciféricas.

Vénus é realmente o irmão mais elevado, o mensageiro da Luz da Terra, tanto sentido físico como no místico.

Na quarta câmara iniciática do templo de Hércules sempre resplandecia Saturno e a Lua, brilhando frente a frente sobre a Ara.

É urgente lembrar que desde a época Atlante, se desenharam com clareza os “dois caminhos”: o da “direita” e o da “esquerda”, cuja luta de mais de oitocentos mil anos está simbolicamente cantada no poema oriental da “grande guerra”, o *Mahabbarata*.

Descendo um pouco mais, penetravam os Iniciados Atlantes na quinta cripta, a de Hermes-Mercúrio, que sobre a Ara resplandecia esplendorosamente.

Mercúrio como Planeta astrológico é o Núncio e o Lobo do Sol: *solaris luminis particeps*.

Mercúrio é o chefe e o invocador das Almas, o Archimago e o Hierofante.

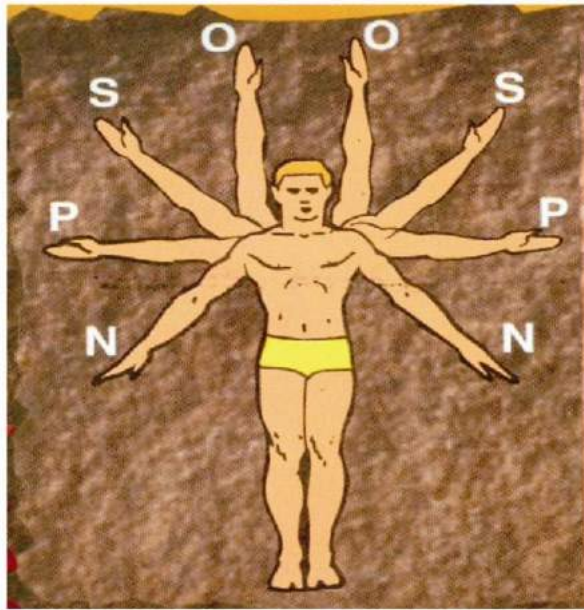
Mercúrio tem em suas mãos o Caduceu ou Martelo de duas serpentes, para evocar de novo à vida as infelizes almas precipitadas no Orco, (Limbo). *Tun virgam capit, hac animas ille evocat Orco*, com o propósito de fazê-las ingressar na Milícia Celeste.

Recordai que no Limbo vivem muitos santos e sábios varões, assim como doces donzelas que acreditaram que se poderiam auto-realizar sem a Magia-Sexual. Pobres Almas! Não trabalharam na Forja dos Ciclopes, não fabricaram os Corpos Solares, o *Traje de Bodas da Alma*.

Bem-aventurado aquele que compreenda em forma íntegra a sabedoria das cinco criptas do templo de Hércules.

CAPÍTULO XXXVII

RUNA «HAGAL»



Falemos
agora dos
Elementares,

Deusas e Devas, Chispas e Chamas. Que nos inspirem as Musas, Que ressoe a lira de Orfeu!

Recordemos o ancião Tiber, surgindo em pessoa como uma bruma de entre as águas do rio que leva o seu nome, para falar a Enéias.

... Oh filho dos Deuses! Disse; — Tu que nos trazes os ídolos de Tróia e salvastes o bom nome da tua Pátria! Não te deixes assustar pelas ameaças da guerra. A verdadeira perseguição dos Deuses cessou. Agora é te oferecida a luta, porém lutarás vitoriosamente. E para que não sejas agora um brinquedo de um sonho vão, dar-te-ei um sinal que não tardarás em reconhecer.

... Entre os matagais próximos deste lugar encontrarás uma porca branca que amamenta trinta porquinhos recém-nascidos. Este encontro coincide com outras profecias que já te foram enunciadas e serve e serve para acreditar ante ti, que esta é a terra que os Deuses te destinam.

Os trinta leitões simbolizam que dentro de trinta anos o teu filho Ascanio fundará aqui a cidade de Alva Longa; o que te estou a dizer se cumprirá. E agora, se queres saber como sairás vencedor dos inimigos que te ameaçam, escuta-me: ... entre os povos itálicos nem todos estão dispostos a seguir Turno. Há próximo das minhas fontes uma cidade que é

governada pelo rei Evandro, que costuma estar sempre em guerra com a nação latina. Este monarca será teu aliado. Para chegar até ele seguirás a minha corrente, rio acima, com uma embarcação na qual levarás armas e companheiros escolhidos.

Como sinal de inteligência eu apaziguarei as minhas ondas no momento de embarcardes, para que não tenhais que remar contra a corrente. E quando através desta ajuda e de muitas outras, tenhas ficado vencedor dos teus inimigos, já terás tempo de prestar-me todas as homenagens que me deves. Dito isto, o ancião Tiber, voltou ao seu centro e se submergiu nas águas profundas.

E conta Virgílio, o poeta de Mantua, que certamente ao desvanecer-se a visão de Tiber, Enéias, despertou, pôs-se de pé e após esfregar os seus olhos, correu pelas redondezas a ver se descobria os sinais de que lhe havia falado o sublime ancião. E, com efeito, não tardou em avistar a porca branca com os seus trinta leitões.

Sobra dizer que as predições do Deus Tiber; Deva Elematar do sagrado rio itálico, se cumpriram totalmente.

Essa era a época em que a nossa raça Ária não havia entrado no ciclo involutivo, descendente; a mente humana ainda não tinha sido envenenada pelo cepticismo materialista do século XVIII; então as pessoas tinham fé nas suas visões e prestavam culto aos Deuses elementares da Natureza.

Que existem terras *Jinas*, paraísos onde convivem o lobo e o cordeiro, os homens e os deuses; isso é óbvio.

Recordemos o monge Barinto, que depois de navegar algum tempo, e já de regresso à sua pátria, disse a Brandão que para além do Monte de Pedra, estava a ilha das Delícias, onde se havia retirado o seu discípulo Mernoc com muitos outros religiosos da sua Ordem, e que mais longe todavia para Ocidente, uma vez passada a neblina, brilhava com eterna luz outra ilha, que era a “terra prometida” dos santos.

É claro que Brandão não deixou que lhe fosse contada a história duas vezes e cheio de intensa fé e compenetrado de santo zelo, embarcou em efeito num barco de vime, abetumado e revestido de pele curtida, e com ele dezassete religiosos entre os quais se encontrava o jovem São Malo, um dos seus mais ilustres discípulos.

... Navegando pacientemente para os Trópicos, fizeram escala numa ilha bem esculpada e hospitaleira. Arribaram depois a outra rica em animais de terra e em peixes de água doce, resplandecente de luz e beleza. E chegaram a outra ilha sem praias, areia, nem encostas onde decidiram celebrar a Páscoa, contudo resultou que essa terra era uma grande baleia, talvez um gigantesco cachalote. Seguindo para diante, permaneceram até ao dia de Pentecostes no paraíso dos pássaros, onde a abundância de folhas e de flores alegrava a vista e o canto dos passarinhos ao ouvido.

Andaram errantes muitos meses pelo Oceano e numa outra ilha habitada por cenobitas que tinham por padroeiro a São Patrício e a São Ailbeo, permaneceram desde o Natal até depois da oitava da Epifania.

Estiveram nestas peregrinações um ano e nos seis anos seguintes, encontravam-se sempre pela Páscoa na ilha de São Patrício e São Ailbeo; pela Semana santa na ilha dos carneiros; pela Ressurreição no lombo da baleia e pelo Pentecostes na ilha dos pássaros.

Ainda não haviam arribado à ilha das Delicias, onde Mernoc havia levado a Barinto à “terra prometida”. As estranhas e misteriosas aventuras prosseguem com os mais curiosos acontecimentos.

No sétimo ano lutaram sucessivamente os nossos heróis com a baleia, o grifo e os ciclopes.

Viram outras ilhas e uma muito plana que produzia grandes frutas vermelhas, habitada por uma população que se intitulava dos homens fortes, e outra impregnada por um odor dos ramos que se dobravam das árvores que os produziam.

Voltaram a celebrar a Páscoa no lugar do costume, navegando depois para Norte evitaram a terrível ilha rochosa, paragem onde os ciclopes tinham as suas fráguas.

No dia seguinte viram uma alta montanha que desprendia chamas, era a ilha do Inferno. Sem dúvida que não era semelhante lugar que procurava São Brandão e seus consortes, pelo que virando para Sul desembarcaram numa pequena ilha arredondada desprovida de vegetação em cujo cume habitava um ermitão que lhes encheu de bênçãos.

Celebraram a Semana Santa, a Páscoa, a Ressurreição e o Pentecostes, onde já era costume inveterado fazer-se e saindo daquele círculo vicioso atravessaram a zona de obscuridade que circunda a ilha dos Santos, a qual se lhes apareceu coberta de pedras preciosas e de frutos como no Outono e iluminada como um dia perpétuo.

Enfim, andaram pela ilha durante quarenta dias sem encontrar término e num rio que a atravessava um anjo disse-lhes que não podiam passar adiante e que voltassem por onde tinham vindo. Consequentemente repassaram à zona obscura, descansaram três dias na ilha das Delícias e com prévia bênção do abade daquele mosteiro voltaram directamente à Irlanda sem poderem dar conta cabal do que lhes havia sucedido.

Estes relatos postos em itálico provêm de Sigiberto de Gemblours e de Surio, o Cartucho.

Vós, os dignos! Aqueles que chegaram ao “Segundo Nascimento”; dissolveram o Ego e se sacrificaram pela Humanidade, por favor, escutai-me!

Sobre a rocha viva; na praia, traçai com uma vara a Runa *HAGAL*. Chamai agora a “barquinha do cisne sagrado”, desse modo podereis embarcar para as ilhas Misteriosas da 4ª. Dimensão.

Após traçardes o santo símbolo, a maravilhosa Runa, cantai os seguintes mantras: *ACHAXUCANAC-ACHXURAXAN-ACHGNOIA-XIRAXI-HIRAJI*.

Olhai fixamente a santa Runa *HAGAL* e com o coração cheio de fé, suplicai à Ápia Romana, a Urwala Nórdica, a Erda Escandinava, a Sibila primitiva da Terra, a vossa Divina Mãe *Kundalini*, que vos envie a singular “barquinha” e os Silfos que a movem.

Ah! Ditosos sereis vós, quando embarqueis na misteriosa nave do sagrado Cisne rumo às ilhas Misteriosas do Éden.

E a vós, os aprendizes, vos aconselho a prestar culto aos Deuses Santos, a trabalhar com as criaturas do fogo, do ar, da água e da terra.

Não esqueçais a vossa Divina Mãe *Kundalini*, sem ela nenhum progresso poderíeis realizar nesta sagrada Ciência.

Recordai que Deus não tem nome, e que é tão somente uma Aspiração, um Suspiro, o contínuo Hálito Eterno para si mesmo profundamente ignoto.

É pois, com toda a clareza, o princípio do Logos de todas as Runas e de todas as palavras.

PRÁTICA:

Amados discípulos: meditai profundamente na Unidade da Vida, no Grande Alaia do Universo, no Mundo Invisível, nos Universos Paralelos das Dimensões Superiores do Espaço.

Concentrai o vosso pensamento nas Walquírias e nos Deuses do Fogo, do Ar, da Água e da Terra.

***Agni* é o Deus do Fogo; *Paralda* é o Deus do Ar, *Varuna*, é o Deus da Água, *Gob*, é o Deus da Terra.**

Através da Meditação, podeis entrar em contacto com os Deuses dos Elementares.

Traçai a Runa *HAGAL* sobre um papel em branco e logo concentrar a mente em qualquer um dos quatro Deuses principais dos Elementos. Chamai-os em vosso socorro quando for necessário.

COMENTÁRIO FINAL:

Como poder esquecer a Xochipili, o Deus da alegria, da música, da dança e das flores entre os Aztecas?

Glorioso resplandece todavia entre os Nahuas, Tláloc o Deus da chuva. Este Deus elementar vive no universo paralelo da Vontade Consciente.

... Eu não tive culpa dos sacrifícios humanos*-respondeu-nos, quando o reprimamos por isso que aconteceu, e logo acrescentou: *... voltarei na Idade de Aquário.

E o que podemos dizer de Ehécatl o Deus do vento? Foi precisamente este Deva elementar dos Aztecas que cooperou na ressurreição de Jesus, induzindo no corpo do Mestre actividade e movimento.

Nós os gnósticos, todavia prestamos culto aos Deuses do tenro milho maduro.

Conhecemos muito bem o Deus morcego azteca, aquele anjo que vive no universo paralelo da Vontade Cósmica e que trabalha na 4ª. Dimensão com os anjos da Morte.

Amamos os Deuses elementares do velho Egipto faraónico e jamais esqueceremos a Esfinge milenária.

A Runa *HAGAL* e a Meditação Profunda permitir-nos-á pôr-nos em contacto com essas Chispas, com essas Chamas inefáveis.

CAPÍTULO XXXVIII

O RIO LETES

A Divina Mãe *Kundalini* sempre cumpre com a sua palavra. Eu aguardei com suma paciência o dia, a data e a hora.

A região Purgatória é muito dolorosa e queria sair daí, anelava a emancipação.

Catão, o Anjo do Purgatório, luta nessas regiões moleculares pela liberdade das Almas.

Bastante sofreu este Anjo quando viveu no mundo; qualquer iniciado sabe que esse Ser foi um homem e que preferiu a morte em Útica, África, do que viver debaixo das grilhetas da escravidão.

Eu também queria liberdade e pedi-a, o que me foi concedido. Cada vez que uma Alma abandona a região Purgatória, origina intensa alegria no coração de Catão.

E chegou o momento tão esperado... tinha conhecido o fogo temporal e o eterno, havia saído dos caminhos escarpados e dos becos e tive que encontra-me com o Sol dentro da minha própria Alma.

Senti que algo misterioso forçava, violentava, desde o ignoto, das íntimas portas atômicas do meu universo interior.

Inúteis foram os meus temores, a vã resistência; “aquilo” compelia, constrangia, apressava e por último, oh meu Deus! Senti-me transformado; o Cristo Cósmico havia entrado em mim.

E a minha individualidade? Onde havia ficado? O que se havia feito da minha vã personalidade humana? Onde estava? À minha memória só vinham as lembranças da Terra Santa; o humilde nascimento no estábulo do mundo, o baptismo no Jordão, o jejum no deserto, a transfiguração, Jerusalém, a cidade amada pelos Profetas, as multidões humanas daquela época, os doutores da lei, os fariseus, os saduceus, etc.

Flutuando no ambiente circundante do Templo, avancei valorosamente para aquela mesa ante a qual estavam sentados os Caifases modernos, os mais altos dignitários da Igreja fracassada; eles revestidos com os seus hábitos sacerdotais e a cruz pendurada ao pescoço, projectavam, idealizavam, traçavam secretamente planos insidiosos e perversos contra mim.

... *Pensasteis que não voltaria; mas aqui estou outra vez* - foi a única coisa que me ocorreu dizer.

Momentos depois, o *Senhor*, saiu de mim e voltei a sentir-me individualizado; então juntamente com *Litelantes*, descansei por breves momentos ao pé da minha cruz.

Não posso negar que os espinhos da pesada cruz me feriam lamentavelmente e disto fiz um breve comentário com *Litelantes*. Depois avançamos, ela e eu para a plataforma do templo.

Um Mestre tomou a palavra para dizer que o Cristo não tem individualidade e que se encarna e manifesta em qualquer *homem* que esteja devidamente preparado.

É óbvio que a palavra “homem” é demasiado exigente. Diógenes não encontrou em Atenas um só “homem”.

O animal intelectual não é *homem*, para o sê-lo há que revestir-se com o *Traje de Bodas da Alma*, o famoso *To Soma Heliakón*, o Corpo, ou melhor, os Corpos do Homem Solar.

Felizmente, eu fabriquei esses Corpos de Ouro na Forja dos Ciclopes, na Forja Acesa de Vulcano.

Hércules repetiu em mim todas as suas façanhas, todos os seus “trabalhos”; teve que estrangular todas as serpentes venenosas que queriam tirar-lhe a vida quando era ainda muito pequeno; teve que decapitar a hidra de Lerna; limpar os estábulos de Augias; matar o leão de Nemeia; retirar Cérbero, o cão infernal do espantoso Tártaro, etc.

O Cristo-Hércules pratica o que predica, e cada vez que se encarna num “homem”, repete todo o seu drama cósmico, por isso, o *Senhor* é o Mestre dos Mestres.

Escrito está que o *Filho do Homem* deve descer aos infernos atômicos da Natureza.

Escrito está que o *Filho do Homem* tem que ascender aos céus, passando pela região do purgatório.

O *Filho do Homem* deve submergir-se cuidadosamente entre as águas do Letes, para reconquistar a inocência.

Precisamos urgentemente de esquecer o passado pecaminoso e absurdo, origem de tantas amarguras.

O Letes e o Eunoe são na verdade e sem a menor dúvida, um só rio de águas claras e profundas.

Por um dos lados desce cantando deliciosamente entre o seu leito rochoso com essa virtude maravilhosa que limpa a memória do pecado, as recordações do “Mim Mesmo” e chama-se Letes.

Pela outra margem, tão santa e tão sublime, tem o encanto delicioso de fortalecer as Virtudes e chama-se Eunoe.

É óbvio que as lembranças tenebrosas de tantos ontens devem ser limpas, porque para desgraça nossa, têm a tendência para se actualizarem e a se projectarem para o futuro através do beco do presente.

Em nome da verdade devo dizer que o trabalho profundo entre as águas do Letes consegue ser espantosamente difícil e mais amargo que o fel.

Isso de passar para além do corpo, dos afectos e da mente, não é nada fácil; no tempo vivem tantas sombras queridas... as memórias do desejo persistem, recusam-se a morrer, não querem desaparecer.

E o sexo? O *Maithuna*? O sexo-yoga? Então quê? O meu Deus! Bem sabem os *Duas vezes nascidos* que já não se deve regressar à Forja Acesa de Vulcano.

É óbvio que o *Maithuna* é vital, cardinal, definitivo para fabricar o *Traje de Bodas da Alma*, o *To Soma Heliakon*; porém qualquer Iniciado sabe que isto é tão só o trabalho inferior da Iniciação.

Para o *Filho do Homem*, o sexo está proibido, isto sabem-no os Deuses; assim está escrito.

Primeiro devemos trabalhar com o 3°. Logos na Nona Esfera até chegar a esse Segundo Nascimento do qual falou o Kabir Jesus ao rabino Nicodemos.

Depois precisamos de trabalhar com o 2°. Logos, então o sexo fica proibido.

O erro de muitos pseudo-esoteristas e pseudo-ocultistas, monges e anacoretas, consiste em renunciar ao sexo sem antes haver fabricado os Corpos Solares na Forja dos Ciclopes.

Esses equivocados sinceros querem trabalhar com o 2°. Logos sem terem trabalhado previamente com o 3°. Logos; eis aí o seu erro.

A abstenção sexual definitiva e radical só é obrigatória para os “Duas vezes nascidos”, para o *Filho do Homem*.

Os que ingressam ao Templo dos Duas-vezes-nascidos deve dissolver o Ego, incinerar as sementes do “Eu” e banhar-se nas águas do Letes; isto sabem-no os Deuses; as Chispas, as Chamas, os Dragões resplandecentes de sabedoria.

Ninguém na verdade poderia passar muito para além do sexo, dos afectos e da mente, sem antes ter-se banhado entre as águas do Letes.

Depois do *Segundo Nascimento* precisamos de fazer em pedaços o véu sexual Adâmico ou Véu de Ísis, para entrar nos Grandes Mistérios.

“Filhos da Terra”! Escutai os vossos Instrutores, os *Filhos do Fogo*.

Adeptos da Luz! Invocai a vossa Mãe Divina *Kundalini* e submergi-vos entre as profundas águas do Letes.

CAPÍTULO XXXIX

AS NINFAS

Íris, a divina donzela inefável, Deusa mensageira de pés alados; tu que proteges as mulheres Iniciadas que trabalham na Forja Acesa de Vulcano.

Não fostes por acaso, Tu sublime beldade, aquela mesma que entregou a turno, o belicoso chefe rútilo, aquela mensagem celeste de Juno, a Deusa das matronas Iniciadas?

E depois das solenes libações, o aguerrido Turno, qual novo Aquiles, avança ameaçadoramente com o seu exército sobre o acampamento Troiano, assim está escrito e isto é sabido pelos Divinos e os humanos.

Porém os Troianos, nem tardos, nem débeis, reuniram-se na praça de armas e prontamente se puseram em linha de combate. Terrorífico, dantesco, aterrador, Turno dá contínuas voltas ao redor das muralhas Troianas; estranho destino a repetir-se no Lacio, os épicos combates da destruída Tróia. Contudo desta vez os Troianos apesar de serem veteranos de tantas guerras, não ousam enfrentar-se com o inimigo em campo aberto devido à ausência de Enéias, que agora não se encontra presente.

O que aconteceu a seguir? Sabe-o a lenda dos séculos... crepita ameaçadoramente o fogo, as chamas, as ardentes tochas.

Os Rútilos quiseram queimar as naus de Enéias. Suplica Cibele, a Divina Mãe *Kundalini* ao Cristo Cósmico; Júpiter, o filho de Cronos e este ajuda os Troianos.

Felizmente aquelas naus estavam construídas com madeira sagrada de pinho talhado no santo monte Ida, onde o Cristo, Júpiter tinha o seu bosque favorito.

E, que assombro, que maravilha! As misteriosas naus em vez de arderem como holocausto fatal, transformam-se em Ninfas do imenso mar.

Quando se entenderá esta Sabedoria? Quem compreenderá estes prodígios? Ah! se a mente humana não se tivesse degenerado tanto...

Eu, sim, vi muitas vezes ternas donzelas vestidas de noiva como prontas para celebrar as bodas.

Sim, oh Deus! As vi ao pé de cada pinheiro, almas inocentes; elementais vegetais, na verdade!

Sim, esses são verdadeiramente os Elementais dos pinheiros; cada uma dessas árvores de Natal tem a sua própria alma.

Quando voltarão os prestadores de culto a Cristo a estabelecer os seus santuários entre os bosques de pinhal? Que estas árvores têm poder; quem ousaria duvidar?

Puderam por acaso os guerreiros de Turno, o novo Aquiles, converter as naus troianas num holocausto?

Se as pessoas despertassem a sua consciência poderiam dialogar com os Elementais dos pinheiros.

Contudo, que dor, meu Deus! As pobres pessoas dormem profundamente.

Ah, se esses que investigam no terreno do Ocultismo compreendessem verdadeiramente o autor das “Metamorfoses das Plantas”, se entendessem a Humboldt com o seu “Cosmos”, se de verdade intuissem o “Timeu” e o “Critias” de Platão, o divino;

então aproximar-se-iam do anfiteatro da Ciência Cósmica, penetrariam no mistério da Magia Vegetal.

Se esses que estudam anatomia oculta compreendessem os mistérios de *Devi Kundalini*, se na verdade amassem a Cibele e ao Divino Júpiter, se trabalhassem na Nona Esfera, então seriam admitidos nos Paraísos Elementais da Natureza.

Recordemos agora o coro de Ninfas de Calipso, na tão ocultista obra “*Telêmaco*”, de Fénelon.

Aquelas Fadas estenderam sobre o musgo de uma rocha milenar uma toalha fina rendada cuja formosa figura poderia comparar-se a essas de subtis tecidos que por vezes as nuvens formam no céu, e ali mesmo sobre vasilha de raiz Atlante, que de longe lembrava pelas suas cores a louça de Talavera que faz alguns anos esteve tão em moda, lhes serviram uma comida de frugal aparência, porém tão nutritiva que parecia encher a todos de felicidade e juventude.

O trigo, o centeio, o arroz, o milho, a coca, a noz de cola, o pão sopari, que os Adeptos hindus dão em sinal de aliança aos seus discípulos, o mel, o mosto sem fermentar, mil sumos e melaços indescritíveis, constituíam os pratos.

Pratinhos deliciosos que nem Brillat-Savarin nunca provou, nem Montiño e Altimira jamais alcançariam compreender.

Um oloroso licor servido em taça de ágata que lembrava o cálice Santo Graal acabou por fazer entrar este grupo de irmãos num estado estranho, misterioso.

Sentiram-se felizes, contentes, cheios de vigor e de maquinações, capazes de embarcarem sem qualquer temor na mais difícil aventura.

Sobra dizer que tal grupo explorou a Atlântida e conheceu todos os mistérios do submerso Continente.

Eu também conheci duas Ninfas maravilhosas quando navegava num veleiro pelo mar Caribe.

Elas vieram ao nosso encontro por entre as embravecidas ondas, eram de uma beleza incomparável.

Uma tinha a cor das violetas, donzela delicada; flutuava entre a água e por vezes caminhava ritmicamente e de modo inocente com passos doces, ágeis e simples, sem nada de animal e muito de divino; parecia mais bem uma índia de pés descalços.

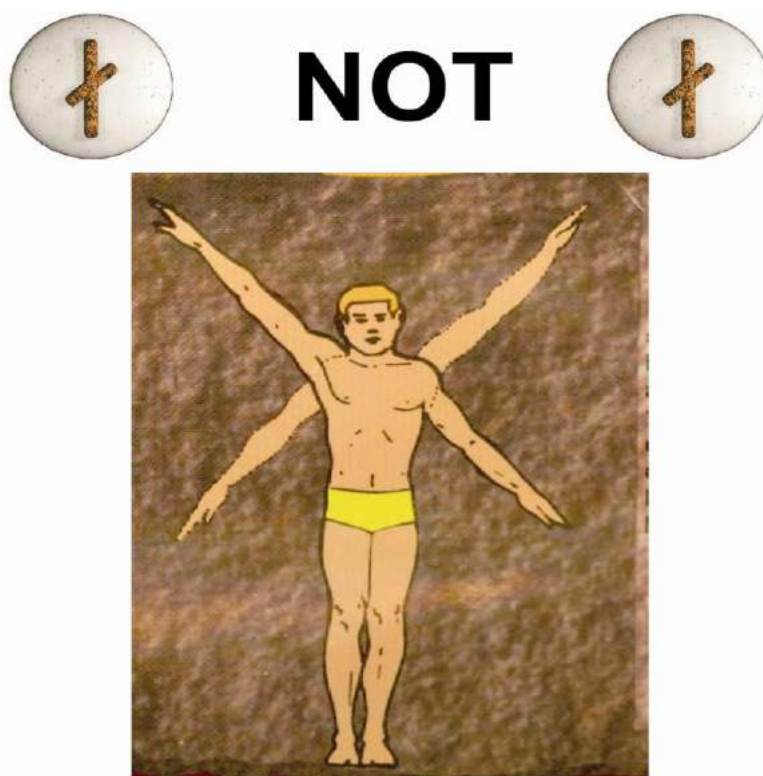
A outra tinha a cor maravilhosa dos corais; na forma cordial da sua boca, a fresa deixou a sua púrpura e no subtil desenho delicado daquele rosto, os seus olhos resplandeciam.

Raiava a Aurora no Oceano, vi-as e me falaram com o Verbo da luz, e logo vagarosamente aproximaram-se da praia e subiram para as rochas alcantiladas.

Tornei-me amigo dessas duas Ninfas maravilhosas, e quando penso nos seus poderes e nesses barcos de Enéias transformados, submirjo-me em meditação e oração.

CAPÍTULO XL

RUNA «NOT»



É indispensável que nesta *Mensagem de Natal de 1968/1969* estudemos verdadeiramente e muito a fundo, a famosa Runa NOT.

Continuemos a estudar a questão do Carma; escuta-me estimado leitor: um certo dia, não importa qual, regressávamos, tanto a minha insignificante pessoa, como Rafael Ruiz Ochoa, da pitoresca cidade de Taxco; Guerreiro, República de México.

Vínhamos para o Distrito Federal num destrambelhado veículo que devido ao peso dos anos rugia espantosamente de forma estentórea, barulhenta e estrépita.

Tornava-se curioso ver aquele velho e carcomal veículo em plena marcha, requentava-se horrivelmente e de modo pavoroso, algo dantesco e só o meu amigo Rafael tinha a paciência para lidar com ele.

De vez em quando nos detinha-mos à sombra de alguma árvore, para deitar-lhe água e esfriá-lo um pouco.

Esta era uma tarefa do meu amigo Rafael; eu preferia aproveitar esses momentos para me submergir em profunda meditação.

Recordo agora algo muito interessante. Sentado na berma do caminho, fora daquela curiosa sedilha, vi algumas insignificantes formigas que diligentes e trabalhadoras circulavam por todo o lado.

Logo resolvi pôr ordem na minha mente e concentrar a atenção numa delas. Depois passei à meditação e por último sobreveio o êxtase, o *Samadhi*, isso que no Budismo Zen se denomina satori.

O que experimentei foi extraordinário, maravilhoso, formidável; pude verificar a íntima relação entre a formiga e isso que Leibnitz chamaria de Mónada.

Vem a ser óbvio compreender integralmente que tal Mónada directora não está certamente encarnada, metida no corpo da formiga; é evidente que vive fora do seu corpo físico, contudo está conectada ao seu veículo denso por meio do cordão de prata.

Tal cordão é o fio da vida, o “antakarana” séptuplo dos Hindus, algo magnético e subtil que tem o poder de se estender ou alongar-se infinitamente.

Aquela Mónada da insignificante formiga, por mim observada tão detalhadamente, parecia na verdade uma formosa menina de doze anos; vestia com uma bela túnica branca e levava sobre os seus ombros uma pequena capa de cor azul-escura.

Muito se falou sobre Margarida Gautier, porém esta menina conseguia ser mais bela e inefável; olhos de evocadora beleza, gestos de profetiza, há nela a sagrada frequência do altar, o seu riso inocente é como o da Mona Lisa, com uns lábios que ninguém nos céus ou na terra se atreveria a beijar.

E que disse a menina? Coisas terríveis. Falou-me do seu Carma, horrível por certo. Conversamos detidamente dentro da carruagem; ela mesma entrou nele, e sentando-se convidou-me ao diálogo. Eu sentei-me humildemente ao seu lado.

... Nós as formigas, disse, fomos castigadas pelos Senhores do Carma e sofremos muito.

Convém oportunamente lembrar agora as lendas acerca das formigas gigantes do Tibete, que são referidas por Heródoto e Plínio; (Heródoto; História, livro XI-Plínio; História Natural, livro III).

Desde logo, oh meu Deus! Seria difícil desde o primeiro momento, imaginar a Lúcifer como uma abelha ou os Titãs como formigas, contudo é evidente que estas criaturas também tiveram a sua queda, e esta em si mesma, foi da mesma natureza que o erro cometido por Adão.

Muitos séculos antes que aparecessem sobre a face da Terra a 1ª. Raça Humana, viviam neste mundo, essas criaturas não humanas que hoje se chamam formigas e abelhas.

Estas criaturas conheciam a fundo o bom do mal e o mal do bom; certamente e em nome da verdade tenho que dizer que eram almas velhas, haviam evoluído muitíssimo, porém jamais na vida se tinham metido pelo caminho da revolução da Consciência.

É óbvio que a evolução jamais pode conduzir alguém até à Auto-realização Íntima.

É apenas normal que a toda a evolução se segue inevitavelmente uma involução. A toda a subida lhe segue uma descida, a toda a ascensão, um decréscimo.

Estas criaturas renunciaram à ideia do Conhecimento Superior e do Círculo Esotérico da Vida e assentaram a sua fé numa geringonça de tipo Marxista-Leninista como a da União Soviética.

O seu modo de entender foi indubitavelmente mais equivocado e mais grave do que o de Adão e o resultado está à vista de toda a gente.

Essas são as formigas e abelhas, criaturas involucionantes, retardatárias, regressivas. Esses seres alteraram o seu próprio organismo, modificaram-no horrivelmente, fizeram-no retroceder no Tempo até chegar ao estado actual em que se encontram.

Maeterlink, quando fala sobre a Civilização das Térmitas, diz textualmente: *... a sua civilização, que é a mais antiga de todas, é a mais curiosa, a mais inteligente, a mais complexa, e em certo sentido, a mais lógica e a mais adaptada às dificuldades da existência, de todas as que apareceram antes da nossa sobre o Globo. Desde vários pontos de vista, esta civilização ainda que cruel, sinistra e muitas vezes repulsiva, é superior à da abelha, à da formiga comum e corrente e mesmo à do homem.*

No termiteiro, (o ninho das formigas brancas) os deuses do comunismo convertem-se em insaciáveis Molochs. Quanto mais se lhe dá, mais pedem, e persistem nas suas demandas até que o indivíduo é aniquilado e a sua miséria é completa. Esta espantosa tirania não tem paralelo na humanidade, já que entre nós ao menos se beneficiam uns quantos; contudo no termiteiro ninguém se beneficia.

A disciplina é mais feroz que a das Carmelitas ou Trapenses e a submissão voluntária a leis ou regulamentos que procedem, sabe-se lá de onde, é tal que não tem semelhança em nenhuma sociedade humana. Uma nova forma de fatalidade, quiçá a mais cruel de todas, a fatalidade social à que nós mesmos nos encaminhamos, foi adicionada às que já conhecemos e que já nos tem preocupado suficientemente.

Não há descanso, excepto no último dos sonhos, a doença não se tolera e a debilidade trás consigo a própria sentença de morte. O comunismo é levado aos limites do canibalismo e da coprofagia.

Exigindo o sacrifício e a miséria de muitos para o benefício e a felicidade de ninguém e tudo isto com o objectivo de que uma espécie de desesperação universal possa ter continuidade, renovar-se e multiplicar-se enquanto viva no mundo. Estas classes de insectos que apareceram antes de nós, poderiam servir quase de caricatura de nós próprios, como uma paródia do Paraíso terreno, ao qual tende a maior parte dos Povos civilizados. (Maeterlink demonstra de forma evidente qual é o preço deste regime de tipo marxista-leninista). Costumavam ter asas, porém já não as têm mais; Têm olhos, renunciaram a eles; tinham um sexo, o sacrificaram.

A isto só nos resta acrescentar, que antes de sacrificarem as asas, a vista e o sexo, as formigas brancas, (e todas em geral) tiveram que sacrificar a sua inteligência.

Se no início foi preciso uma ditadura de ferro para estabelecer o seu abominável comunismo, depois tudo se tornou automático e a inteligência foi-se atrofiando pouco a pouco substituída pelo mecanicismo.

Hoje nos assombramos ao contemplar uma colmeia de abelhas e um formigueiro, somente lamentamos que já aí não exista inteligência e que tudo se tenha convertido numa mecânica.

Falemos agora sobre o perdão dos pecados. Pode por acaso o Carma ser perdoado?

Nós afirmamos que o Carma é perdoável. Quando uma lei inferior é transcendida por uma lei superior, esta última em si, tem fora de qualquer dúvida, o extraordinário poder de anular a primeira.

Contudo, há casos perdidos, tais como o das formigas e abelhas, ditas criaturas, depois de serem personalidades normais, involuíram, deformaram-se e empequeneceram-se até chegarem ao estado actual.

*Eu devia Carma de vidas anteriores e fui perdoado. Já se me tinha anunciado um encontro especial com a minha Divina Mãe *Kundalini*; sabia muito bem que ao chegar a um determinado grau esotérico, seria levado ante a sua presença.*

E certamente o ansiado dia chegou, e fui levado ante Ela; um Adepto muito exaltado conduziu-me até ao santuário.

E ali, oh Deus! Clamei, orei, invoquei a minha Adorável. O acontecimento cósmico foi extraordinário.

Ela veio até mim, a minha Mãe Adorável. É impossível explicar o que senti; nela estavam representadas todas aquelas mãezinhas que havia tido em distintas reencarnações.

Porém, Ela ia mais longe; a minha Mãe, sim, perfeita, inefável, extraordinariamente divina.

O Pai havia depositado Nela toda a Graça da sua sabedoria, o Cristo tinha-a saturado com o seu amor, o Espírito Santo havia-lhe conferido extraordinários poderes ígneos.

Pude compreender que na minha Mãe se expressava vivamente a Sabedoria, o Amor e o Poder.

Sentamo-nos frente a frente. Ela numa cadeira e eu noutra. E conversamos deliciosamente como mãe e filho.

Que ditoso! Que feliz me senti! Conversando com a minha Mãe Divina; algo tinha para dizer e falei com uma voz que me assombrei a mim próprio.

... peço-te que me perdoes todos os meus delitos cometidos nas vidas anteriores, porque Tu bem sabes que hoje em dia seria incapaz de cair nesses mesmos erros.

– *Eu sei, meu filho;* respondeu a minha Mãe com voz de paraíso, cheia de infinito amor.

... nem por um milhão de dólares voltaria eu a cometer esses erros; continuei a dizer à minha Mãe Divina Kundalini.

O que é isso de dólares, meu filho? Porque dizes isso? Porque falas assim?

Então oh Deus! Senti-me condoído de mim mesmo, confuso, envergonhado e cheio de dor, respondi: — *desculpa-me, minha Mãe; acontece que lá no mundo físico, vão e ilusório, fala-se assim.*

– *Compreendo, meu filho;* respondeu a minha Mãe. Estas palavras da Adorável devolveram-me a tranquilidade e a paz.

Agora então, minha Mãe, peço-te que me abençoes e me perdoes; assim falei pleno de êxtase.

Extraordinário momento aquele em que a minha Mãe, de joelhos, inclinada, com infinita humildade e cheia de sabedoria, amor e poder, abençoou-me, dizendo: *meu filho, estás perdoado.*

– *Permite-me que beije os teus pés, minha Mãe, exclamei!*

Então, oh Deus! Ao depositar o meu ósculo místico nos seus sagrados pés, Ela instruiu-me com certo símbolo, recordando-me o “Lava-Pés” na Ceia do Senhor.

Tudo entendi e compreendi profundamente. Já havia dissolvido o “Eu” pluralizado nas regiões minerais, nos mundos infernos da Natureza, contudo precisava de queimar as sementes satânicas no mundo molecular inferior, a região do Purgatório e depois banhar-me no Letes e no Eunoe para limpar as memórias do mal e fortalecer as virtudes antes de poder ser confirmado na luz.

Mais tarde quando me vi metido numa cena muito dolorosa da minha vida passada, onde tinha cometido um lamentável erro, quando estive a ponto de ser atropelado por um carro no Distrito Federal, na cidade do México, evidenciei totalmente, até à saciedade, que já estava livre de Carma.

Estudei o meu próprio Livro do Carma nos Mundos Superiores e encontrei as suas páginas em branco; só encontrei escrita numa das suas folhas o nome de uma montanha; compreendi que mais tarde teria que viver ali.

Este é algum Carma? Perguntei aos Senhores da Lei.

– *Não é Carma;* foi-me respondido; *irás viver ali para o bem da Grande Causa.*

Mas é evidente que isto não será obrigatório para mim, me foi concedido a livre escolha.

Já não devo Carma, porém tenho que pagar impostos aos Senhores da Lei. Tudo tem um preço, e o direito de viver neste mundo tem que ser pago; eu pago com boas obras.

Apresentei, pois, à consideração dos meus amáveis leitores dois casos; o Carma irremediável, como o das formigas e abelhas e o Carma perdoável.

Falemos agora de negócios. Vamos concretizar com a Runa *NOT*. Na Maçonaria somente se ensina este símbolo aos Mestres, nunca aos aprendizes.

Recordemos o símbolo de socorro do Terceiro Grau, ou seja o do Mestre.

Colocam-se as mãos com os dedos entrelaçados sobre a cabeça, à altura da fronte, com as palmas viradas para fora e pronunciando ao mesmo tempo a seguinte frase: “*a mim, os Filhos da Viúva*”! Em Hebreu: “*Elai b’ne al’manah*”.

A este grito devem acudir em socorro do irmão em perigo todos os Maçons e prestar-lhe protecção em todos os casos e circunstâncias da vida.

Na Maçonaria pratica-se a Runa *NOT* com a cabeça e foi e será sempre um S.O.S., um símbolo de pedido de socorro.

NOT, em si, significa de facto; “perigo”, contudo é óbvio que dentro da própria Runa está o poder de evadi-lo inteligentemente.

Aqueles que trilham pela senda do Fio da Navalha, são combatidos incessantemente pelos tenebrosos; sofrem o indizível, porém podem e devem defender-se com a Runa *NOT*.

Com a Runa *NOT* podemos implorar auxílio; pedir ajuda a *Anúbis* e aos seus *Quarenta e Dois Juizes do Carma* que aceitem negociações.

Não devemos queixar-nos do Carma; este é negociável. Quem tem capital de boas obras pode pagar sem necessidade de dor.

PRÁTICAS:

As práticas com a Runa *NOT* levam-nos para o *Pranaiama*, a sábia e inteligente combinação de átomos solares e lunares.

Inale-se profundamente o ar vital, o Prana, a Vida, pela fossa nasal direita e exale-se pela esquerda, contando mentalmente até doze e logo inale-se pela esquerda e exale-se pela direita, e vice-versa. Continue-se com este exercício por dez minutos. (O dedo indicador e o polegar controlam as fossas nasais para esta prática).

Logo, sente-se o estudante gnóstico ou deite-se em decúbito dorsal; boca para cima, de costas, com o corpo relaxado; concentre-se e trate de recordar as suas vidas passadas.

PRÁTICA ESPECIAL:

No caso de precisar da assistência de Anúbis, torna-se urgente negociar com ele, abra os braços, e uma vez nesta posição, forme a Runa, de tal modo que um dos braços tenha a inclinação de 135° e o outro de 45°; e logo faça-se vários movimentos em que o braço que forma o ângulo de 45°, passe para 135°, e o de 135° graus, passe para 45°.

Durante o exercício cantar-se-á os mantras: *NA-NE-NI-NO-NU*, tendo a mente concentrada em Anúbis, o chefe do Carma, suplicando-lhe a negociação que se deseja, pedindo ajuda urgente.

Observai bem a forma da Runa *NOT*, imitando com os braços esse símbolo; o braço direito e o esquerdo alternam-se de posição nesse movimento.

CAPÍTULO XLI

PARSIFAL

Falemos agora sobre os Cavaleiros Templários, dialoguemos um pouco sobre esses fiéis guardiães do Santo Graal. Que nos escutem os Deuses, que nos inspirem as Musas.

E o que diremos do Castelo de *Montsalvat*? Cantemos todos, o hino do Graal:

HINO DO GRAAL

*«Dia após dia disposto para a “última ceia” do divino amor,
o festim será renovado, como se pela última vez houvesse hoje de consolar, a quem se
tenha comprazido nas boas obras... aproximemo-nos ao ágape para os dons augustos
receber».*

*«Assim como entre infinitas dores correu um dia o sangue que redimiou o mundo, seja
o meu sangue derramado com o coração gozoso pela causa do Herói Salvador. Em nós vive,
pela sua morte, o corpo que ofereceu para a nossa redenção».*

*«Viva para sempre a nossa fé, pois que sobre nós plana a Pomba,
propícia mensageira do Redentor. Comei do “pão da vida” e bebei do “vinho” que
para nós emanou».*

Olhai além, Homens e Deuses! Os Cavaleiros do Graal e os seus escudeiros. Todos eles vestem-se com túnicas e mantos brancos, semelhante aos Templários, contudo em vez de da vermelha cruz Tau, ostentam com pleno direito nas armas e bordada nos mantos, uma pomba em voo planado.

Extraordinário emblema do 3°. Logos, vivo símbolo do Espírito Santo, Vulcano, essa força sexual maravilhosa com a qual podemos fazer tantas maravilhas e prodígios.

Pois bem, convém que penetremos profundamente no profundo significado do drama de Richard Wagner.

Que nos digam algo: Amfortas, o tipo específico do “arrependimento”; Titurel, a “voz do passado”; Klingsor, o “mago negro”; Parsifal, a “redenção” Kundri, a “sedução”; Guernemanz, a “tradição”.

Soam as maravilhosas trombetas com a solene alvorada, e Guernemanz com os seus escudeiros ajoelham-se e rezam silenciosos a oração matutina.

Vêm do Graal dois fortes cavaleiros com o evidente propósito de explorar o caminho por onde passará Amfortas, o rei do sagrado Cálice.

O velho sucessor do rei Titurel, vem mais cedo do que é habitual, banhar-se nas águas sagradas do lago com o propósito de acalmar as fortes dores que o afligem desde que recebera para desgraça sua, o espantoso golpe de lança com que o perverso mago negro Klingsor, o feriu.

Triste história a de Klingsor! Horror! Equivocado sincero como muitos que por aí andam.

Vivia numa espantosa ermida de penitente; quis ser santo; declarou-se inimigo de tudo quanto tivesse sabor sexual, lutou espantosamente contra as paixões animais; levou sobre o seu corpo flagelado cruéis cilícios e chorou muito.

Porém tudo foi inútil, a luxúria, lascívia, a impudicícia secreta tragavam-no vivo apesar de todos os seus esforços e sacrifícios. Então oh Deus! O infeliz incapaz de eliminar as paixões sexuais, resolver mutilar-se, castrar-se com as próprias mãos.

Depois suplicando, estendeu as suas mãos para o Graal, porém foi rejeitado com indignação pelo Guardião.

Acreditou o infeliz que odiando o Espírito Santo, rejeitando o 3°. Logos, destruindo os órgãos sexuais, poderia ser admitido no *Castelo de Monsalvat*.

Pensou esse infeliz que poderia ser admitido na “Ordem do Santo Graal”, sem o *Maithuna*, sem antes ter conseguido o *Segundo Nascimento*, vestido com farrapos lunares.

Supôs esse pobre coitado e malfadado cavaleiro que se poderia entrar no trabalho com o 2°. Logos, (o Cristo) sem antes haver trabalhado com o 3°. Logos, (o Espírito Santo-o Sexo).

Por fim, despeitado, o tenebroso Klingsor resolveu vingar-se injustamente dos nobres “Cavaleiros do Santo Graal”.

Transformou aquela ermida de penitente, num enfeitado e fatal jardim de voluptuosos deleites e o encheu de primorosas e diabólicas mulheres, perigosamente belas.

Aí nessa deliciosa mansão, acompanhado das suas beldades, espera secretamente os Cavaleiros do Graal para arrastá-los à concupiscência que conduz inevitavelmente as pessoas aos mundos infernos.

Aquele que se deixa seduzir pelas provocativas diabesas, é sua vítima, e a muitos Cavaleiros, conseguiu levar à perdição.

Amfortas, rei do Graal, combateu ao mal-aventurado Klingsor, quis pôr um limite à praga do encantamento fatal, contudo caiu rendido de paixão nos impúdicos braços da luxuriosa Kundri.

Formidável momento para Klingsor, tonto seria se perdesse aquela oportunidade; audazmente arrebata a lança sagrada das mãos de Amfortas e logo, é evidente que triunfante se afasta, rindo.

Foi assim que Amfortas, o rei do Graal perdeu aquela bendita lança com que Longibus ferira no Golgota o “lado” do Senhor.

Amfortas, também ferido na costela com a espantosa chaga do remorso, sofre o indizível.

Kundri, a deliciosa mulher de extraordinária beleza, sofre também de remorso, mas serve humildemente os Irmãos do Santo Graal.

No fundo, tu, mulher fatal, és tão só um instrumento de perfídia ao serviço do mago das trevas, queres caminhar pela senda da luz, porém caís hipnotizada pelo tenebroso.

Amfortas, compenetrado em profunda meditação íntima, escuta em estado de êxtase as palavras misteriosas que ecoam do Graal: ... o Sapiente, o Iluminado pela compaixão, o casto inocente; espera-o... ele é o meu Eleito...

Nisto, algo extraordinário acontece, algo insólito: faz-se grande alvoroço entre a gente do Graal, porque precisamente do lado onde está o lago, surpreenderam um ignorante moço, que errante por aquelas ribeiras acaba de ferir mortalmente um cisne, ave sagrada de imaculada brancura.

Mas, para que tanto escândalo? Para Parsifal isso corresponde a um passado, felizmente já limpo pelas preciosas águas do Letes.

Quem não feriu já mortalmente o Cisne sagrado; o 3ª. Logos? Quem não assassinou já ao Hamsa milagroso; o Espírito Santo? Quem, fornicando, não assassinou já a Ave Fénix do Paraíso? Quem não pecou já contra o Íbis imortal? Quem não fez já sangrar a Pomba santa; símbolo vivo da força sexual?

Parsifal, é evidente que havia chegado à inocência total, depois de muito ter sofrido; o filho de Herzeleide, uma pobre mulher do bosque; ignorava realmente as coisas terrenas, estava protegido pela sua inocência.

Inúteis foram as mulheres-flores de Klingsor, não puderam as infelizes seduzir o inocente e fugiram vencidas.

Inúteis foram os sedutores esforços de Herodías, Gundrigia, Kundri; todas as suas artes fracassaram e vendo-se vencida, clama, pede auxílio a Klingsor, e este, desesperado arroja enfurecido a “lança sagrada” contra o rapaz.

Porém, Parsifal estava protegido pela sua inocência e a lança, em vez de perfurar o seu corpo, flutua por um instante sobre a sua cabeça; o rapaz apanha-a com a mão direita e logo abençoa com esta aglutinante arma, faz o Sinal da Cruz e o Castelo de Klingsor afunda-se no abismo, convertido em poeira cósmica.

Depois vem o melhor, Parsifal acompanhado pelo seu Guru Guernemanz entra no Templo de Monserrat, Catalunha, Espanha.

Abrem-se agora as portas do Templo e em solene procissão entram dentro do santo lugar todos os Cavaleiros do Santo Graal; vão-se colocando ordenadamente e com infinita veneração ante duas mesas compridas, atalhadas, em paralelo mas com um espaço livre entre elas.

Inefáveis momentos aqueles em que se celebra a Ceia mística, o Banquete Cósmico do “Cordeiro Pascal”. Extraordinários instantes aqueles em que se come o pão e se bebe o vinho da transubstanciação.

Resplandece gloriosamente durante o ritual, aquele Cálice bendito onde José de Arimateia recolheu o sangue que emanava das feridas do *Senhor* no Gólgota de todas as amarguras.

Momentos inefáveis do Pleroma, são aqueles em que Parsifal cura milagrosamente a ferida de Amfortas, aplicando-lhe na omoplata a própria lança bendita que o feriu.

Símbolo formidável, o dessa lança, fálico em cem por cento; sexual em forma íntegra.

Amfortas caíu pelo sexo, sofreu espantosamente com a dor do remorso, porém graças aos mistérios sexuais regenerou-se, curou-se totalmente.

O Grande *Kabir* Jesus, disse:....*quem quiser vir até mim, negue-se a si próprio, tome a sua cruz e siga-me.*

Os Cavaleiros do Santo Graal negaram-se a si mesmos, dissolvendo o “Eu” pluralizado, incinerando sementes satânicas, banhando-se nas águas do Letes e do Eunoe.

Os Cavaleiros do Santo Graal trabalharam na Forja Acesa de Vulcano; jamais ignoraram que a cruz surge da inserção do phalus vertical no cteis formal.

Os Cavaleiros do santo Graal sacrificaram-se pela humanidade, trabalharam com infinito amor na “Grande Obra do Pai”.

CAPÍTULO XLII

O FOGO SAGRADO

A energia sexual polariza-se de duas formas, a saber: “estática ou potencial”, (*Kundalini*) e “dinâmica”; as quais como é já sabido por toda a pessoa espiritualmente culta, são certamente forças activas dentro do organismo.

É óbvio que na espinha dorsal existem sete centros magnéticos muito especiais, dentro dos quais se acham latentes infinitos poderes ígneos.

Com a ascensão do “*fogo sagrado*” ao longo do canal medular, entram em actividade toda essa multiplicidade de divinos poderes.

A chave fundamental para despertar o “*fogo sagrado*”, o *Kundalini*, certamente que está escondida entre o Sexo-yoga; *Maithuna*; conexão sexual do *Lingam-Yoni*; Phalo-Útero, sem ejaculação da entidade seminal, (ens seminis), porque nesta substância semi-sólida, semi-líquida se encontra todo o “ens virtutis” do Fogo.

O desejo refreado fará subir a energia sexual para dentro e para cima, até ao cérebro.

Quando os átomos solares e lunares do sistema seminal fazem contacto no cóccix, junto ao *Tribeni*, a base da espinha dorsal, então desperta o *fogo sagrado*, para ascender até ao cérebro ao longo do canal medular.

É urgente compreender, é preciso saber que se a entidade seminal é derramada, então o Fogo Ascendente, desce uma ou mais vértebras, segundo a magnitude da falta.

O *Kundalini*, o *fogo divino*, ascende lentamente de acordo com os méritos do coração.

Aqueles que trilham a “Senda do Fio da Navalha” sabem muito bem por experiência directa, que a Divina Mãe *Kundalini*, o *Fogo Divino*, conduz “*Shiva*”, o Espírito Santo até ao centro cerebral e por último até ao Templo-coração.

Nenhum esoterista autêntico se atreveria jamais a negar que por detrás de qualquer actividade existe sempre um estado estático.

O centro estático fundamental, dentro do organismo humano podemos encontrá-lo fora de dúvida no osso do cóccix, (base da espinha dorsal).

O chacra do cóccix é em si mesmo, a Igreja de Éfeso do Esoterismo Cristão, a raiz suporte do corpo e de todos os movimentos de forças vitais no interior do nosso organismo.

Sabemos por experiência directa que neste centro específico do corpo, se encontra enroscada três vezes e meia a Serpente Ígnea dos nossos mágicos poderes, esse Fogo serpentino anular que se desenvolve maravilhosamente no corpo do asceta.

Uma análise cuidadosa do centro magnético cóxigeo, permite-nos compreender que este em si, é consciência.

Não há dúvida que possui qualidades muito especiais. O *Kundalini*, o poder contido no citado centro do cóccix, vem a ser eficiente e definitivo para o despertar da consciência.

É óbvio que o *Fogo Sagrado* pode abrir as “Asas Ígneas” do Caduceu de Mercúrio na espinha dorsal do Iniciado, então podemos entrar conscientemente em qualquer departamento do “Reino”.

Os Adeptos hindus fazem a distinção entre a suprema consciência cósmica e o seu poder energético activo capaz de penetrar nas zonas mais profundas do nosso subconsciente para despertar-nos verdadeiramente.

Os sábios orientais dizem que quando a consciência cósmica se manifesta como energia, possui então duas fases gémeas: a potencial e a cinética.

O *Kundalini*, o Fogo sexual, é sem sombra de dúvida uma Verdade Jehovística e Vedantina, que representa com exactidão todo o processo universal, como uma sábia polarização na própria consciência.

Utilizar o *Fogo Sagrado*, a Serpente Ígnea dos nossos mágicos poderes para “despertar a consciência”, é uma necessidade íntima, vital, indispensável.

O ser humano, ou diríamos melhor, o pobre animal intelectual equivocadamente chamado homem, tem a consciência totalmente adormecida, por isso é certamente incapaz de viver isso que não é do Tempo, isso que é o *Real*.

O *Fogo Sagrado* possui virtudes muito especiais e efectivas para retirar o pobre bípede humano do estado inconsciente em que se encontra.

Aquele que desenvolve o *Fogo Sagrado* com todos os seus sete graus de poder, é óbvio que adquire certas faculdades com as quais pode mandar nas criaturas do fogo, do ar, da água e da terra.

Contudo é urgente compreender que a “espada” forjada por Vulcano, deve ser incandescente temperada nas águas espermáticas da Lagoa Estígia.

Infeliz daquele que derrama o Vaso de Hermes; mais lhe valera não ter nascido, ou pendurar uma pedra de moinho ao pescoço e lançar-se ao fundo do mar.

Enéias, o exímio varão troiano com a espada flamejante levantada, olhando fixamente o Sol e orando, diz palavras que só podem ser compreendidas por aqueles que trabalham no Magistério do Fogo. Põe como testemunha o Cristo Cósmico e a terra bendita e invoca ao *PAI* que está em segredo e a *JUNO Saturnina-Kundalini*, a eterna esposa do 3º. Logos.

Chama a Marte, o Senhor da Guerra e a todas as criaturas *elementais* das fontes e dos rios; aos Filhos do Fogo; ás Divindades do mar e até promete fielmente que se a sorte lhe for adversa na batalha pessoal contra Turno, seu inimigo, se retirará para a cidade de Evandro, porém se a vitória for consentida por Marte a seu favor, não converterá os italianos em escravos e só pensará em coexistir com eles, como amigos; é tudo.

Vem a ser muito significativo para todos aqueles que trabalham no Magistério do Fogo, o juramento do bom rei Latino, com o olhar fixo no Sol, pondo por testemunhas os fogos sagrados que estão acesos entre nós e as Divindades, dizendo: “Quaisquer que sejam as circunstâncias, jamais amanhecerá o dia que verá os itálicos quebrar a voz e aliança” *O rei Latino põe como testemunha de todos os seus juramentos, as próprias Divindades; a terra, o mar, os astros, a dupla descendência de Latona, (a Imanifestada Prakriti, Diana e Apolo), e a Jano, (com o seu I.A.O.), as três vogais que se cantam no transe sexual durante o Maithuna.*

Aquele poderoso rei Latino não esquece na sua invocação, a terrível morada de Plutão e os deuses infernais, esses seres divinos, esses Indivíduos sagrados que renunciaram à felicidade do Nirvana para viverem nos mundos infernos, lutando pelos decididamente perdidos.

Todas estas orações, todas estas invocações e juramentos do mundo clássico antigo vêm certamente a ser incompreensíveis sem a Ciência sagrada do Fogo.

O advento do Fogo no interior de nós próprios é o evento cósmico mais formidável. O Fogo transforma-nos radicalmente.

Vêm à minha memória nestes instantes aquelas quatro letras, postas na cruz do Redentor do Mundo: *INRI*: Ignis Natura Renovatur Integram, (o Fogo renova continuamente toda a Natureza).

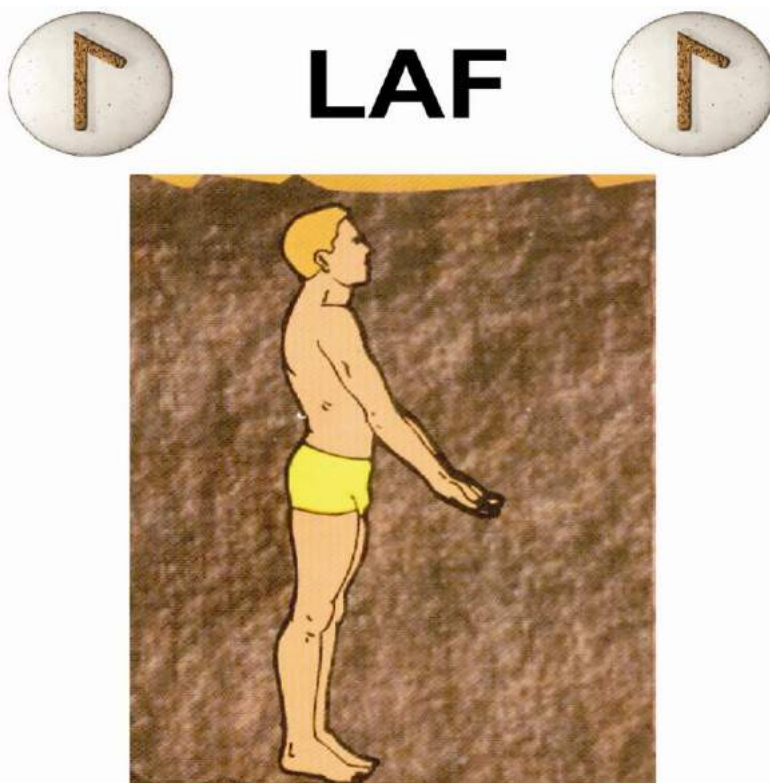
Além na noite profunda dos séculos, no velho Egipto dos faraós, o Grande *Kabir* Jesus, praticando o *Maithuna* com a vestal de uma pirâmide, cantava os mantras: *INRI-ENRE-ONRO-UNRU-ANRA*, fazendo ressoar cada letra alongadamente e de forma profunda.

É óbvio que cada um destes mantras se divide em duas esotéricas sílabas para serem pronunciadas.

Precisamos de ser tragados pela Serpente; é urgente converter-nos em “chamas vivas”; é indispensável conseguir o “Segundo Nascimento”, para entrar no “Reino”.

CAPÍTULO XLIII

RUNA «LAF»



chamava-se Urânia. Uma dessas tantas noites, não importa qual, abandonei por algum tempo este corpo físico.

Que feliz me senti fora do corpo denso! Não há maior prazer que o de sentir a Alma desprendida; o passado e o futuro convertem-se então num eterno agora.

Era eu,
todavia, muito
jovem, e ela

Penetrar nos universos paralelos torna-se relativamente fácil quando se tem a Consciência Desperta. No universo paralelo da 5ª. Dimensão, senti a íntima necessidade de invocar um Mestre, e clamei em alta voz, chamando, suplicando, pedindo...

Por breves instantes, pareceu como se todo o Universo se transformasse; tal é a força do Verbo.

O cordão de prata tem o poder de alongar-se infinitamente; desse modo as Almas podem viajar livremente pelo Espaço estrelado.

Eu viajei para muito longe e cheguei até ao Templo. Quando pleno de êxtase avançava pelo caminho misterioso que conduz os Iniciados até às portas do santíssimo lugar, vi-me atacado inesperadamente por um grande animal; por um touro Mitraico, de tal maneira espantoso.

Sem presumir de valente, conto-vos, queridos leitores, que não senti medo, enfrentei o animal de forma resoluta e arrojada; agarrei-o pelos cornos, conseguindo então deitá-lo por terra.

Porém nesses precisos momentos aconteceu algo insólito; caíu com surpresa ante a minha consciência, umas grilhetas de ferro, e como por encanto desapareceu o terrível animal.

Nesses momentos compreendi tudo intuitivamente; é evidente que precisava tornar-me livre, romper escravizantes grilhetas, eliminar o Ego animal.

Logo continuei o meu caminho, e entrei pelas portas do Templo. Sentia-me inebriado por uma deliciosa voluptuosidade espiritual; certamente nunca abandonaria aqueles instantes por todo o ouro do mundo. O que depois aconteceu, sabem-no os Deuses; e agora relato-o aos homens.

Vi o “Carro dos Séculos”; este era conduzido por três Mestres da “Loja Branca”; um Venerável Ancião ia naquele coche do Mistério.

Como é possível esquecer aquele rosto, aquele aspecto, aquela aparência, tão sublime perfeição?

A frente do ancião era na verdade muito alta e majestosa, o seu nariz recto e perfeito, os seus lábios finos e delicados, as suas orelhas pequenas e recolhidas, a sua barba branca e luminosamente aureolada, o seu cabelo de imaculada brancura caía-lhe suavemente sobre os ombros.

É óbvio que não podia deixar de perguntar, pois a questão era extraordinariamente formidável e divina...

]Este chama-se Pedro, respondeu-me um dos Hierofantes que conduzia o “carro dos séculos”... então, oh Deus! Prostrei-me em terra ante aquele Ancião dos Séculos e cheio de infinito amor e compaixão me abençoou, falando na linguagem sagrada.

A partir daí, tenho reflectido muito e jamais me pesará ter ensinado à humanidade, o “Evangelho de Pedro”, o *Maithuna*, o Sexo-yoga.

E *Patar*; Pedro diz: ... *eis que ponho aqui em Sião, a principal pedra angular, escolhida, preciosa...* para vós, os que acreditais, ela é preciosa, mas para os que não crêem, a *Pedra* que os edificadores rejeitaram, veio a ser a cabeça angular, pedra de tropeço e rocha de escândalo.

Mas, e então o Santo Graal? E quê? Não é por acaso a mesma Pedra Iniciática?

O Graal é uma “Pedra” preciosa trazida à Terra pelos Anjos e confiada a sua custódia a uma Fraternidade Iniciática que se chamou os *Guardiães do Graal*.

Temos pois aqui a mesma “Pedra” de Jacó, a “Pedra” do Liafail, situada pelos cabalistas hebreus, no sexo.

O legítimo texto de Wolfram de Eschenbach, relativo a Pedra Santa e à Irmandade Branca que a custodia sabiamente é com efeito, como a seguir se transcreve:

Esses heróis, estão animados por uma “Pedra”.

Não conheceis a sua augusta e pura essência?

Chama-se Lápis Electrix (Magnes).

Com ela pode realizar-se qualquer maravilha, (Magia).

Ela, tal qual a Fénix, que se lança entre as chamas,

renasce das suas próprias cinzas,

uma vez que nas mesmas chamas renova a sua plumagem

e brilha rejuvenescida, mais bela que antes.

O seu poder é tal, que qualquer homem,

*por mais infeliz que seja o seu estado,
em vez de morrer como os demais, já não conhece a idade,
seja pela sua cor, seja pelo seu rosto;*

*já seja homem ou mulher,
gozará da dita inefável de contemplar a “Pedra”,
por mais de duzentos anos.*

A Pedra Iniciática converte-se esotericamente na Vaso de Hermes, no Cálice Sagrado.

Peter, Patar, Pedro, a Revelação Iniciática está no sexo e tudo o que não seja por aí, significa perda de tempo.

Vem a ser tremendamente significativo que tanto no Norte como própria América encontremos gravada nas pedras a Runa *LAF*, o Laftar, que quer dizer Salvador.

É óbvio que devemos levantar a Igreja para o Cristo Íntimo sobre a *pedra Viva*. Ai daqueles que edificarem o seu templo interior sobre as areias movediças das teorias! Cairão as chuvas, virão as inundações e a sua casa rodará para o Abismo donde só se ouve o pranto e o ranger de dentes.

Se unirmos o símbolo da Runa *LAF* pelo seu lado mais curto, teremos então a letra “M”, de Matrimónio.

É evidente, e com toda a clareza, assim como verdadeiro, que só trilhando a “Senda do Matrimónio Perfeito” se pode conseguir o *Traje de Bodas da Alma*, síntese perfeita dos Corpos Solares.

Ai, dos infelizes que se apresentarem no banquete do Senhor sem o Traje de Bodas!

Escrita está a ordem do Rei: ... *atai-o de pés e mãos e deitai-o às trevas de fora; aí onde só há choro e ranger de dentes.*

... porque muitos são os chamados e pouco os escolhidos.

PRÁTICA:

A prática correspondente a esta Runa, consiste em ir pela manhã até às radiações solares, no momento em que nasce pelo Oriente, nessa atitude mística de mãos levantadas como mostra a Runa *LAF*, implorando ajuda esotérica.

Esta prática deve fazer-se no dia 27 de cada mês, na Aurora.

CAPÍTULO XLIV

A LIBERTAÇÃO FINAL

Em nome da verdade, temos de afirmar a necessidade da “*renúncia*”.

Precisamos de passar pela “*grande morte*”, e esta só é possível libertando-nos totalmente da Mente.

Quando a “natureza” foi dominada de forma radical, advém, como é lógico a onnipotência e a onisciência.

Quando o gnóstico auto-realizado renuncia ainda às ideias de onnipotência e onisciência, sobrevém a destruição da verdadeira semente do mal, essa que depois de cada *Pralaia*, (Noite Cósmica), nos trás de novo ao *Mahanvantara*, (Dia Cósmico).

É óbvio que todo aquele que tenha conseguido a *auto-realização íntima* tem o direito de viver no Nirvana; mas se renuncia a tal felicidade, continuará pelo *Caminho Directo* que nos conduz ao “Absoluto”.

Porém, é óbvio que existem muitos caminhos laterais e Deuses tentadores, muito mais perigosos que os seres humanos.

Eles tentam-nos, não por maldade, nem por ciúmes, nem por temor de perderem o seu lugar, como erroneamente supõem alguns autores orientais, mas sim por compaixão.

Nestes momentos em que escrevo este capítulo, vem à minha memória algo muito interessante.

Certo dia, depois de haver feito uma nova renúncia Nirvánica, encontrava-me ditoso no meu sétimo Princípio, (*Atman*), sobre o precioso alpendre de uma mansão inefável...

É evidente que estava no Nirvana, a região dos *Dharmasayas*, o mundo dos Deuses.

De repente, flutuando no espaço sagrado, vieram até mim muitos Nirvanis bem-aventurados. Era certamente digno de se admirar, ver esses seres inefáveis, envolvidos nas suas túnicas de *Dharmasayas*.

Ao vê-los pude verificar por experiência directa que estes seres eram Chamas vivas de três pavios e que estes em si mesmos são imortais.

Por fim um desses inefáveis, tomou a palavra para dizer-me: ... *meu irmão, porque tens trilhado por esse caminho tão estreito, tão amargo e tão duro? Fica connosco aqui no Nirvana, Aqui somos todos felizes.*

A minha resposta, foi: ... *os homens com as suas tentações não puderam fazê-lo, muito menos vocês, os Deuses; eu vou para o Absoluto.* Logo saí daquele precioso lugar com passo firme e decidido.

Os gnósticos que não conseguem a absoluta perfeição, morrem e convertem-se em Deuses; cometem o erro de abandonarem o elevado *Caminho Directo*; empreendem por caminhos laterais e adquirem muitos poderes; mas depois, é óbvio que precisam de voltar a reencarnar-se para se meterem outra vez pelo *Caminho Directo* que os há-de levar ao Absoluto.

É indispensável impedir que o conteúdo mental adquira diversas formas, a fim de conseguir a quietude absoluta da Mente.

O “Conhecimento Directo” dá-nos belíssimas qualidades, porém quem trilha o *Caminho Directo* não deve apegar-se a tais virtudes.

A obtenção de poderes psíquicos nunca conduz a qualquer libertação. Não é mais do que a busca de gozos vãos.

A posse de poderes ocultos não faz mais do que intensificar a mundaneidade em nós próprios e finalmente tornar mais amarga a existência.

Numerosas Almas ainda que tenham alcançado quase a libertação total, fracassam porque não conseguem renunciar de maneira absoluta a todos os poderes ocultos. Tais seres submergem-se durante algum tempo na Natureza para logo ressurgir de novo como donos, amos e senhores.

Existem milhares de Deuses deste género; são divinos, inefáveis, contudo não têm o direito de entrar no Absoluto. Existem muitos auto-realizados submergidos na Natureza, esses são certamente irmãos que se detiveram nesse lado da perfeição e que impedidos por algum tempo de chegar ao fim, seguem governando tal ou qual parte do Universo.

Os “Deuses Santos” correspondem certamente a certas funções superiores da Natureza, que são assumidas por diferentes Almas, contudo e todavia elas não conseguiram a “Libertação Final”.

Somente renunciando à ideia de nos convertermos em Deuses, de reger *Kalpas*, (Ciclos), podemos conseguir a libertação radical, absoluta. O êxito está pronto para o que é extremamente enérgico. Precisamos de ser desapiedados connosco próprios.

È urgente renunciar e morrer de instante em instante. Só com base em muitíssimas renúncias e morte podemos entrar no Absoluto.

Falo aos seres humanos na base da experiência directa. *Sou um Avatar de Ishvara*. Realmente *Ishvara*, (o Mestre Supremo) é um “Purusha” muito especial, isento de sofrimentos, acções, de resultados e de desejos.

... Imaginai o Espírito Universal de Vida como um oceano sem praias, sem margens; pensai por um momento em alguma onda que surge, para logo se perder entre o elemento líquido; tal onda Diamantina seria então “*Ishvara*”.

Brahaman, o Oceano do Espírito manifesta-se como “*Ishvara*”, o Mestre de Mestres, o Governador do Universo.

Nele se faz infinita esta Omnisciência que nos outros somente existe em estado germinal.

Ele é o Mestre, incluso para os antigos Mestres, jamais estando limitado pelo Tempo; a palavra que o manifesta é “AUM”.

E até mim, veio “*Ishvara*”:

... e disse-me: *escreve livros; mensagens, folhetos e tijitlis*.

Senhor! Perguntei: *o que significa a palavra, Tijitlis?*

- *Formar o Exército de Salvação Mundial, o Movimento Gnóstico, o Partido Socialista Cristão Latino-Americano, etc.*; assim disse o Senhor; e eu compreendi.

“*Ishvara*” é o verdadeiro protótipo de perfeição, certamente muito para além do corpo, da mente e dos afectos.

Contudo, amadíssimos gnósticos, em verdade vos digo, que primeiro deveis chegar ao Segundo Nascimento; *Morrer em Si Próprio e dar até à última gota de sangue pela humanidade doente*.

Somente assim podeis trilhar a “*Senda de João*”; esse *Caminho Directo* que vos levará até ao “Absoluto”, para além dos homens e dos Deuses.

Não cometais o erro de aguardar que a lei de Evolução vos conduza à *Libertação Final*.

Este *Caminho Directo* somente é possível através de contínuas revoluções íntimas.

Vós agora sois tão-somente “*Imitatus*”, deveis converter-vos em *Adeptos*, antes de começar a escalar os “*Três Triângulos*”.

Os *Anjos, Arcanjos e Principados*, constituem o 1º. Triângulo; *Potestades, Virtudes e Dominações*, personificam o 2º. Triângulo; *Tronos, Querubins e Serafins*, personificam o 3º. Triângulo.

Muitíssimo mais além dos “*três Triângulos*” inefáveis está *Isso*” que não tem nome; *Isso*” que não é do Tempo; o “*Absoluto*”.

CAPÍTULO XLV

O SONHO DA CONSCIÊNCIA

Bem, amados discípulos gnósticos, com muito esforço e grande amor, chegamos ao penúltimo capítulo desta *Mensagem de Natal de 1968-1969* e convém pela “Grande Causa” eliminar certos males que obstruem o *Caminho*.

Em tudo isto existe algo demasiado grave, quero referir-me enfaticamente ao “Sonho da Consciência”.

Os *Quatro Evangelhos* insistem na necessidade de “*Despertar*”, contudo infelizmente as pessoas supõem que estão despertas. Para cúmulo dos males, existem por aí determinado tipo de sujeitos muito psíquicos por certo que não somente “dormem”, como ademais sonham que estão despertos.

Essa classe de pessoas auto-denominam-se, dizem, que são videntes, e por isso vêm a ser demasiado perigosas, porque projectam sobre os outros os seus sonhos, alucinações e loucuras; são essas precisamente as que apontam aos demais, delitos que não cometeram, e desfazem lares alheios.

Torna-se óbvio compreender que não estamos a falar contra os legítimos clarividentes, só nos referimos agora aos alucinados, a esses equivocados sinceros que sonham estar despertos.

Com profunda pena temos podido evidenciar que o fracasso esotérico se deve, na verdade à “Consciência adormecida”.

Muitos devotos gnósticos, sinceros e amantes da Verdade, realmente fracassam devido a esse lamentável estado da Consciência adormecida.

Nos antigos tempos, somente se ensinava o Arcano A.Z.F., o *Maithuna*, o Sexo-yoga, aos neófitos que despertavam a consciência. Sabiam muito bem os Hierofantes, que os discípulos adormecidos, tarde ou cedo abandonariam o trabalho na “Nona Esfera”.

E o pior dos casos, é que esses fracassados se auto-enganam pensando de si próprios o melhor. Quase sempre caem como rameiras nos braços de uma nova escolinha que lhes brinde uma espécie de consolo, e depois pronunciam frases do tipo: “eu não prossigo com os ensinamentos gnósticos porque estes exigem que se seja um casal, e isto é coisa do próprio; a libertação, o trabalho, é coisa que tem de ser procurado a sós”.

Naturalmente todas estas palavras de auto-consolo e auto-consideração só têm como objectivo a própria auto-justificação. Se essas pobres pessoas tivessem a consciência desperta, evidenciaríamos o seu erro, compreenderiam que eles não se fizeram a sós, que tiveram um pai e uma mãe, que houve um coito que lhes deu a vida.

Se essas pobres pessoas tivessem a consciência desperta, verificariam por si mesmos que tal como é em cima, é em baixo e vice-versa, experimentariam de forma directa a sua crua realidade; dar-se-iam conta cabal do lamentável estado em que se encontram, compreenderiam a necessidade do “*Maithuna*” para se fabricar os “Corpos Solares”, o “*Traje de Bodas da Alma*” para conseguir o “*Segundo Nascimento*”, acerca do qual falou o Grande *Kabir* Jesus, ao Rabino Nicodemos.

Contudo tais modelos de sabedoria, dormem e não são capazes na verdade de verificar por si próprios que estão revestidos com corpos protoplasmáticos, com farrapos lunares, que são uns coitados e miseráveis.

Os sonhadores, os adormecidos que supõem que estão despertos, não somente se prejudicam a si mesmos, como também causam graves danos aos seus semelhantes.

Eu creio que o equivocado sincero, o adormecido que sonha estar desperto, o mitómano que se crê supertranscendido, o alucinado que se qualifica de iluminado, na verdade faz a si próprio e consegue fazer à humanidade muitíssimo mais dano do que o inexperiente, aquele que nunca na sua vida ingressou aos nossos estudos.

Estamos a falar numa linguagem muito dura, contudo podeis estar certos queridos leitores que muitos adormecidos, alucinados, ao lerem estas linhas em vez de se deterem um momento para reflectirem, corrigirem e rectificarem, somente buscarão a forma de se apropriarem das minhas palavras, com o evidente propósito de documentarem as suas loucuras.

Para desgraça deste pobre formigueiro humano, as pobres pessoas levam dentro de si um péssimo secretário que mal interpreta sempre os Ensinamentos Gnósticos, referindo-se isto ao “Eu” pluralizado, ao “Mim próprio”.

O mais cómico de Mefistófeles é a forma como se disfarça de santo; é evidente que ao Ego lhe agrada que o ponham nos altares e que o adorem.

Torna-se patético, evidente, compreender a fundo que enquanto a Consciência continue engarrafada entre o “Eu” pluralizado, não somente continuará adormecida, senão e o que é pior, tenderá por vezes ao mau gosto de sonhar que está desperta.

O pior género de loucura é o resultado da combinação da mitomania com as alucinações.

O tipo mitómano é aquele que presume-se de Deus, que se sente super transcendo, que deseja que toda a gente o adore.

Esta classe de pessoas, ao estudar este capítulo, acomodam aos outros as minhas palavras e pensam de si mesmos, que já dissolveram o “Eu”, apesar de o terem mais robusto que um gorila.

Quando um mitómano adormecido trabalha na Forja dos Ciclopes, podeis estar bem cientes de que prontamente abandonarão o trabalho, dizendo:- *já consegui o Segundo Nascimento, já me libertei, renunciei ao Nirvana por amor á Humanidade, sou um Deus.*

No nosso querido Movimento Gnóstico temos podido ver coisas muito feias; torna-se espantoso ver os mitómanos, os adormecidos alucinados, profetizando loucuras, caluniando o próximo, qualificando a outros de magos negros, etc. Isso é espantoso.

Diabos julgando diabos! Não se querem dar conta esses modelos de perfeição que neste mundo doloroso em que vivemos, torna-se quase impossível encontrar alguma vez, um Santo.

Todo o Mago é mais ou menos negro; de nenhuma maneira se pode ser “Branco” enquanto o demónio, o “Eu” pluralizado esteja metido no corpo.

Isso de andar a dizer por aí que fulano de tal está caído, é com certeza uma brincadeira de muito mau gosto, porque neste mundo, toda a gente está caída. Isso de caluniar o próximo e destruir lares com falsas profecias é próprio de alucinados, de gente que sonha que está desperta.

Se alguém de verdade quer *auto-despertar* que se resolva a “morrer” de momento a momento; que pratique a meditação profunda; que se liberte da Mente; que trabalhe com as Runas, tal como temos ensinado neste livro.

A esta Sede Patriacal do Movimento Gnóstico constantemente me chegam cartas de muitos adormecidos, que dizem:- *a minha mulher, tal fulano ou sutano está muito evoluído, é uma alma demasiado velha, etc.* esses pobres adormecidos que assim falam, pensam que o Tempo e a Evolução podem despertá-los, auto-realizá-los, levá-los à Libertação Final.

Essas pessoas não querem compreender que a Evolução e a sua irmã gémea a Involução são exclusivamente duas leis mecânicas da Natureza, que trabalham em forma harmoniosa e coordenada em toda a criação.

Quando alguém “desperta a consciência” compreende a necessidade de emancipar-se dessas duas leis e de meter-se pela Senda da Revolução.

Queremos gente “desperta”, firme, revolucionária; de nenhuma maneira aceitamos frases incoerentes, vagas, imprecisas, insípidas, inodoras, etc.

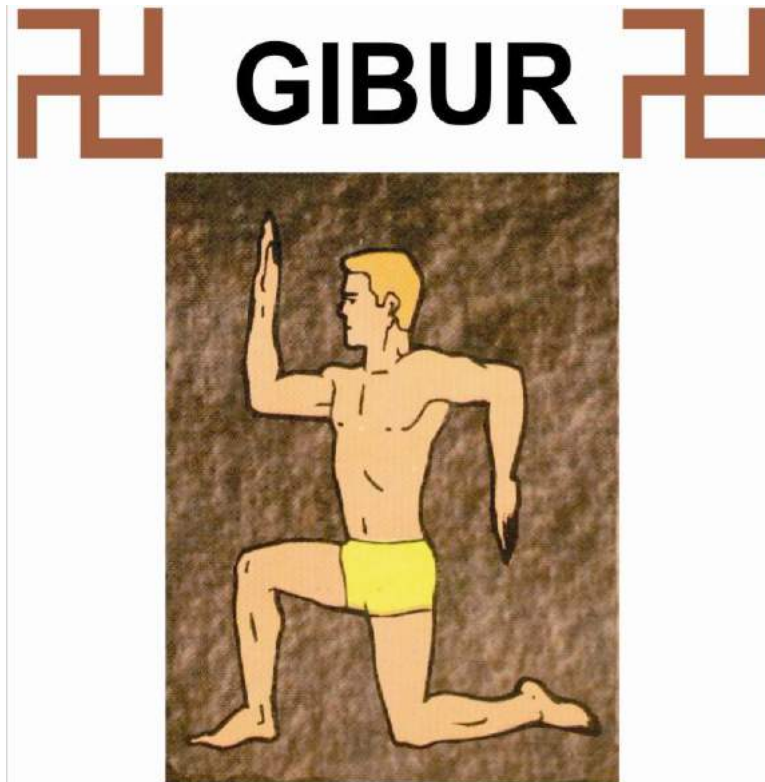
Devemos viver em estado de alerta e vigilantes como o sentinela em tempo de guerra.

Queremos gente que trabalhe com os “Três Factores da Revolução da Consciência”; lamentamos tantos casos de sinceros equivocados, adormecidos, que somente trabalham com um Factor e muitas vezes mal usado, infelizmente.

Precisamos de compreender o que somos; pobres animais adormecidos, máquinas controladas pelo Ego.

CAPÍTULO XLVI

RUNA «GIBUR»



de
abundantes nas ruínas maravilhosas da velha Tróia, estão cheios de cruces *jainas* ou *Swásticas*.

Aqueles
discos ou moedas
barro cozido muito

Todo isso nos convida a pensar que a gente de Shekel-Mesha ainda que aparentadas com os Atlantes, levavam também nas suas veias uma sanguínea parcela Ária, de igual modo que os povos Yucatecas. Devemos lembrar-nos que os Ários apareceram, faz mais de um milhão de anos.

A primeira das três catástrofes Atlantes data de uns oitocentos mil anos e a última como já o dissemos na nossa Mensagem de Natal anterior, aconteceu faz uns onze mil anos.

A *Swástica* das Fusaiolas é um símbolo esotérico profundamente significativo.

Tal símbolo inefável brilha efectivamente sobre a cabeça da grande serpente de Vishnu, o Shecha-Ananta das mil cabeças que habita no Patala ou região inferior.

Se estudarmos a fundo esta questão, podemos evidenciar que todos os Povos antigos puseram sempre a *Swástica* à frente dos seus emblemas religiosos, porque é o “martelo” de Thor, a arma mágica forjada pelos pigmeus contra os gigantes ou forças titânicas pré-cósmicas opostas à Lei da Harmonia Universal.

É, pois, a *Swástica*, o martelo sagrado, originador das tempestades que os Ases ou Senhores Celestes, usam.

No Macrocosmos, as suas duas hastes em forma de ângulo recto expressam com clareza e sem a menor dúvida as contínuas evoluções e involuções dos Sete Cosmos.

A *Swástica* no Microcosmos representa o Homem, em que o braço direito aponta para o céu e o esquerdo a terra.

A *Swástica* é um símbolo alquímico, cosmogónico e antropológico, debaixo de sete distintas chaves interpretativas.

É, pois, por conseguinte e como símbolo da Electricidade Sexual Transcendente, o *Alfa* e o *Ómega* da Força Sexual Universal, desde o Espírito até à Matéria, e por isso quem chega a abarcar todo o seu místico significado, fica livre de Maia, (Ilusão).

Sem sombra de dúvida, a *Swástica* é o motor eléctrico dos físicos, dentro dela se encerram todos os mistérios do “*Lingam-Yoni*”.

Em si, a *Swástica* é a cruz em movimento; Sexo-yoga, *Maithuna*, Magia-sexual.

Os Gnósticos sabem muito bem que no *Ens Seminis* contido nas glândulas endócrinas sexuais, é a “*água de vida*”, a “*fonte da imortalidade*”, o “*néctar da espiritualidade*”.

A “*Auto-Realização Íntima*” radica exclusivamente na medula e no sémen, e tudo o que não seja por aí é perder o tempo, lamentavelmente.

Toda a gente quer submergir-se na “*Corrente do Som*” para obter a “*Libertação Final*”, mas em verdade, em verdade vos digo, que se não nascerdes de novo, não podereis entrar no Reino dos Céus.

Isso de nascer no *sanctum regnum* pertence na realidade aos mistérios da Cruz, da *Swástica*.

No México Azteca, o Deus da Vida leva a cruz *Swástica* na fronte e os sacerdotes tinham-na como ardon nas suas vestes sagradas.

É óbvio que sem a Alquimia Sexual, sem o motor eléctrico, sem os sacros mistérios da *Swástica*, a Auto-realização Íntima, o “*Segundo Nascimento*”, acerca do qual falou o *Kabir Jesus* ao rabino Nicodemos, vem a ser totalmente impossível.

No Budismo Zen do Japão, a cebola com as suas distintas camadas sobrepostas simboliza o ser humano com os seus corpos subteis. No mundo ocidental as distintas escolas de tipo pseudo-esotérico e pseudo-ocultista estudam tais veículos supra-sensíveis.

Os monges Zen enfatizam a necessidade de desintegrar, reduzir a pó tais corpos subteis para se conseguir a “*Libertação Final*”.

A filosofia Zen conceitua que esses organismos subteis são simples formas mentais que se tem de dissolver.

É evidente que esses corpos internos estudados pelo Sr. Leadbeater, por Annie Besant e muitos outros autores, são veículos lunares, corpos protoplasmáticos que evoluem até certo ponto perfeitamente definido pela Natureza e logo se precipitam pelo caminho involutivo até regressarem ao ponto de partida original.

É óbvio que os corpos lunares têm um princípio e um fim. Os monges Zen não se equivocam pois quando procuram dissolvê-los.

Porém vamos um pouco mais longe; falemos algo sobre o *To Soma Heliakon*, o *Traje de Bodas da Alma*, o corpo do Homem Solar.

Recordai a parábola evangélica da festa de Bodas. Quando o rei entrou para ver os convidados e viu que aí estava um homem que não tinha o traje de Boda, e disse-lhe: *amigo, entrastes aqui, sem estar vestido com o traje de Boda?* É evidente que o homem emudeceu, de nenhuma maneira estava preparado para dar a resposta.

Terrível foi aquele momento em que o rei ordenou que o atassem de pés e mãos e o arrojassem às trevas de fora onde só se ouve o pranto e o ranger de dentes.

Que os distintos corpos solares interpenetrando-se entre si constituam o “Traje de Bodas da Alma” é algo que não nos deve surpreender.

O fundamental, o cardinal é fabricar os “Corpos Solares” e isto só é possível transmutando o hidrogénio sexual SI-12.

É óbvio que á base de contínuas transmutações sexuais podemos fazer condensar o hidrogénio do sexo na esplêndida e maravilhosa forma do Corpo Astral Solar.

É evidente que trabalhando com o motor eléctrico dos físicos, na Forja dos Ciclopes, (o Sexo), podemos fazer cristalizar o hidrogénio sexual no corpo paradisíaco da Mente Solar.

É positivo que trabalhando até ao máximo na Nona Esfera podemos e devemos dar forma ao Corpo Solar a Vontade Consciente. Somente assim mediante estas cristalizações alquímicas podemos encarnar o Espírito Divino em nós. Somente assim trabalhando com os mistérios da *Swástica* sagrada, chegamos ao “Segundo Nascimento”.

O desconhecimento absoluto destes Princípios enunciados conduz milhares de estudantes místicos aos mais graves erros.

Ignorar estes postulados fundamentais do Gnosticismo é gravíssimo porque disso vem o engarrafamento da inteligência em distintos dogmas e teorias, algumas vezes encantadoras e fascinantes, contudo absurdas e estúpidas quando as examinamos à luz do *Tertium Organum*, (o 3º. Cânone do Pensamento).

Max Heindel pensa que o Traje de Bodas da Alma, o *Soma Puchicón* está exclusivamente constituído pelos dois éteres superiores do corpo vital ou *lingam sarira* dos hindustânicos. Crê o citado autor que aumentando o volume desses dois éteres superiores se consegue o *Soma Puchicón*.

O conceito é muito bonito, porém falso; tais éteres não são tudo; é urgente fabricar os Corpos Existenciais Superiores do “Ser”, quer dizer, os veículos solares, se é que na verdade queremos chegar ao “Segundo Nascimento”.

De modo nenhum se poderiam fabricar os Corpos Solares, o “Traje de Bodas da Alma” sem os mistérios sexuais da Runa *GIBUR*. Esta Runa é a letra “G” da Maçonaria; é uma lástima que os M.M. não tenham compreendido o profundo significado desta misteriosa letra. A “G” é a Cruz *Swástica*, o “Ámen”, o final maravilhoso de todas as orações.

“G” é também “Gott” ou “God”, que significa “Deus”. É bom saber que “Gibraltar” antigamente se chamava “*Giburaltar*”, quer dizer, “Altar”, a “Ara” da vida divina, da *GIBUR*.

As pessoas já esqueceram as práticas Rúnicas, contudo a Runa-Cruz, felizmente ainda não foi esquecida.

Traçando com os dedos pulgar, indicador e médio o sagrado símbolo da *Swástica* podemos defender-nos das potências tenebrosas. Ante a *Swástica* fogem as colunas de demónios.

Está escrito em precedentes capítulos e não nos cansaremos de o repetir: «quem quiser vir até mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me».

“Pedro” crucificado com a cabeça para baixo, para a dura pedra e os pés levantados verticalmente, convida-nos a descer à Forja dos Ciclopes, à Nona Esfera, para trabalhar com o Fogo e a Água, origem de mundos, animais, homens e deuses. Toda a autêntica Iniciação Branca começa por aí.

Protestam contra a alquimia sexual da *Swástica* os infra-sexuais, os degenerados, os inimigos declarados do 3°. Logos.

Se alguém vos diz que é possível conseguir a Auto-Realização, sem a Santa Cruz, sem o cruzamento sexual do homem e da mulher, dizei-lhe que mente.

Se alguém amaldiçoa o sexo e vos assegura que este, em si é animalesco e satânico, dizei-lhe que mente.

Se alguém vos diz que é necessário derramar o “Vaso de Hermes” e que isso não tem a menor importância, dizei-lhe que mente.

Se alguém vos ensina alguma formosa doutrina que exclui o sexo, dizei-lhe que mente.

Ai de vós, os sodomitas, os homossexuais, os inimigos do sexo oposto; para esses somente será o choro e o ranger de dentes.

Ai daqueles que se dizem cristãos e que levam a cruz ao peito, pendurado no pescoço, mas que contudo detestam o *Maithuna*, o Sexo-yoga; para esses hipócritas fariseus somente haverá o pranto e o desespero.

Ai! Ai! Ai!

SAUDAÇÕES FINAIS

Amadíssimos irmãos gnósticos!

Desejo-vos um feliz Natal e um próspero Ano Novo. Que a Estrela de Belém resplandeça no vosso caminho.

Praticai ordenadamente estas Runas; começai os vossos exercícios rúnicos a 21 de Março; a cada Runa dedikai-lhe o tempo que desejardes.

Escrevei-me, por favor, contudo suplico-vos amadíssimos, não remeter-me adulações ou lisonjas pelo correio.

Recordai que todos aqueles que antes nos atraíram, foram na realidade grandes adutores.

Quero que vós tomeis a resolução de morrer radicalmente em todos os níveis da Mente.

Assim tão vivos como estais, com esse espantoso “Eu” dentro, realmente sois um fracasso. Muitos queixam-se de que não podem sair voluntariamente em corpo astral; é

preciso que esses “despertem a consciência”. Quando se “desperta”, a saída em corpo astral deixa de ser um problema. Os adormecidos não servem para nada.

Nesta *Mensagem de Natal de 1968/1969* entreguei-vos a “ciência” que precisais para conseguir o *Despertar a Consciência*.

Não cometais o erro de ler este livro como quem lê o jornal. Estudai-o profundamente durante muitos anos, vivei-o, levai-o à prática.

Aqueles que se queixam de não conseguir a Iluminação, aconselho “paciência” e “serenidade”.

A Iluminação advém a nós quando dissolvemos o “Eu” pluralizado, quando de verdade temos morrido nas 49 regiões do subconsciente.

Esses que andam a cobiçar poderes ocultos, esses que utilizam o Sexo-yoga para seduzirem mulheres, ingressarão na involução submersa nos mundos infernos.

Trabalhai com os Três Factores da Revolução da Consciência de forma ordenada e perfeita.

Não cometais o erro de adulterar e de fornicar. Abandonai o borboletear; aqueles que vivem borboleteando de flor em flor, de escola em escola, são na realidade candidatos certos para o Abismo e para a Segunda Morte.

Abandonai toda a auto-justificação e auto-consideração, convertei-vos em inimigos de vós próprios, se é que na verdade quereis morrer radicalmente; somente assim conseguireis a “Iluminação”.

Parti do zero, amadíssimos, abandonai o orgulho místico, a mitomania, a tendência para vos considerardes super-transcendidos.

Todos vós sois simplesmente pobres animais intelectuais, condenados à pena de viver.

Somente assim, fazendo um inventário de vós mesmos, podereis saber o que sois realmente.

Na verdade somente possuis os corpos lunares e o Ego animal; é tudo! Por que então cairdes na mitomania? A vossa Alma, a Essência está engarrafada, adormecida entre o “Eu”; então em que baseais o orgulho místico?

Sede humildes para alcançar a Sabedoria e depois de alcançada, sede todavia mais humildes.

«Quem quiser vir até mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me».

PAZ INVERENCIAL!

SAMAEL AUN WEOR

SUMÁRIO

PRIMEIRO LIVRO

CURSO ESOTÉRICO DE MAGIA RÚNICA

PRÓLOGO.....	05
INTRODUÇÃO.....	07
CAPÍTULO I.....	08
CAPÍTULO II.....	11
CAPÍTULO III.....	14
CAPÍTULO IV.....	18
CAPÍTULO V.....	21
CAPÍTULO VI.....	24
CAPÍTULO VII.....	27
CAPÍTULO VIII.....	31
CAPÍTULO IX.....	34
CAPÍTULO X.....	37
CAPÍTULO XI.....	41
CAPÍTULO XII.....	44
CAPÍTULO XIII.....	47
CAPÍTULO XIV.....	51
CAPÍTULO XV.....	54
CAPÍTULO XVI.....	57
CAPÍTULO XVII.....	61
CAPÍTULO XVIII.....	64
CAPÍTULO XIX.....	67
CAPÍTULO XX.....	71
CAPÍTULO XXI.....	74
CAPÍTULO XXII.....	77
CAPÍTULO XXIII.....	81
CAPÍTULO XXIV.....	84
CAPÍTULO XXV.....	87
CAPÍTULO XXVI.....	91
CAPÍTULO XXVII.....	94
CAPÍTULO XXVIII.....	97
CAPÍTULO XXIX.....	101
CAPÍTULO XXX.....	105
CAPÍTULO XXXI.....	108
CAPÍTULO XXXII.....	113
CAPÍTULO XXXIII.....	117
CAPÍTULO XXXIV.....	120
CAPÍTULO XXXV.....	126
CAPÍTULO XXXVI.....	130
CAPÍTULO XXXVII.....	134
CAPÍTULO XXXVIII.....	140
CAPÍTULO XXXIX.....	144
CAPÍTULO XL.....	147

CAPÍTULO XLI.....	155
CAPÍTULO XLII.....	160
CAPÍTULO XLIII.....	164
CAPÍTULO XLIV.....	168
CAPÍTULO XLV.....	172
CAPÍTULO XLVI.....	176
SAUDAÇÕES FINAIS.....	181